

DIRCÉIA ANTUNES DE OLIVEIRA

**OS FAXINAIS DO MUNICÍPIO DE PRUDENTÓPOLIS – PR: Potencialidades e
Perspectivas para o Turismo Rural**

**Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI
Centro de Educação da UNIVALI em Balneário Camboriú
2008**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

FOLHA DE APROVAÇÃO

OS FAXINAIS DO MUNICÍPIO DE PRUDENTÓPOLIS – PR: Potencialidades e Perspectivas para o Turismo Rural

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de mestre, no Programa de Mestrado acadêmico, do curso e Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Turismo e Hotelaria, área de Concentração: Planejamento e Gestão do Turismo e da Hotelaria, do Centro de Educação da UNIVALI em Balneário Camboriú – SC, pela seguinte banca examinadora:

Profª Drª Raquel Maria Fontes do Amaral Pereira - Orientadora

Prof Dr _____

Prof Dr _____

Balneário Camboriú, _____, _____ 2008

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado à glória de DEUS PAI, DEUS FILHO E DEUS ESPIRITO SANTO, sem os quais este trabalho não teria sido possível. “Porque dEle e por Ele, são todas as coisas; glória, pois, a ele eternamente. Amém”. (Romanos 11.36).

Dedico ao meu esposo, companheiro compreensivo e paciente com as ausências e os momentos de stress, durante os quais permaneceu sempre ao meu lado com palavras de estímulo e carinho.

Ao meu amado filho que entendia as horas dedicadas ao estudo, durante as quais ficava privado da minha companhia. Por mais que eu não estivesse perto, porém estava sempre com meu pensamento voltado para ele.

Aos meus amados pais, pelo incentivo e carinho, nunca medindo esforços ou dificuldades para me proporcionar a educação adequada.

Aos meus sogros, por serem companhia para meu esposo e filho nos momentos em que estive ausente.

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente ao meu DEUS pela inteligência dada a mim, assim como a saúde para continuar a lutar pela concretização deste trabalho.

Agradeço às minhas amadas amigas Priscila, Ana Rita e Fabiana por estarem sempre por perto quando precisei nas horas de angústia e por não se cansarem de me ouvir falar sobre o tema da dissertação. Em especial agradeço pelo companheirismo, pela disposição em me ajudar nas dúvidas surgidas durante a elaboração deste trabalho a duas amigas que não se cansaram em nenhum momento apoiando-me sempre que precisei. A elas, Simone (Si) e Adiléia, amigas de todas as horas, o meu muito obrigada.

Agradeço ao meu cunhado Márcio, pelo auxílio na revisão do texto, pois nada melhor que um jornalista para realizar este trabalho.

Agradeço à minha querida orientadora Professora Raquel Fontes do A. Pereira, pelas orientações ministradas e por me auxiliar a encontrar o caminho correto para a elaboração desta dissertação.

Agradeço também aos faxinalenses de Taboãozinho e Barra Bonita pela colaboração ao responderem às perguntas dos questionários e por abrirem as portas de suas casas e me receberem com tanto apreço. Agradeço ainda à ONG ING (INSTITUTO OS GUARDIÕES DA NATUREZA) representada por Vânia Mara Moreira dos Santos (advogada) Marcella Tatiana Schilo (bióloga), Viviane Gisele de Souza (turismóloga), que disponibilizaram o material para a elaboração deste trabalho, colaborando também nas minhas visitas aos faxinais, levando-me até a residência de cada entrevistado.

“Os que com lágrimas semeiam, com júbilo ceifarão.
Quem sai andando e chorando enquanto semeia,
voltará com júbilo trazendo os seus feixes”. (Salmo
126.5,6).

RESUMO

Este estudo analisa os Faxinais de Taboãozinho e Barra Bonita, localizados no Município de Prudentópolis, no Estado do Paraná, procurando identificar suas principais características e buscando alternativas para sua manutenção e o seu desenvolvimento através do Turismo Rural. A região dos faxinais paranaenses enfrenta um elevado êxodo rural, decorrente da ausência de políticas públicas. Visto como um sistema de produção camponesa tradicional, o sistema faxinal é característico da região centro-sul do Paraná onde coexistem o uso comum e privado da terra e também ocorre a integração da criação extensiva de animais em áreas comuns. Nele há, também, uma policultura alimentar de subsistência e uma pequena comercialização de excedentes, além da extração florestal de baixo impacto. O Governo do Paraná reconheceu, em 1997, através do Decreto nº 3446/97, a existência dos faxinais, determinando que estes tenham um tratamento diferenciado, a partir de avaliações anuais, visando ampliar a compreensão do sistema e das transformações em curso, para propor ações de melhoria das condições de vida nos faxinais. A atividade turística na região surge como alternativa para impulsionar o desenvolvimento dos faxinais de Taboãozinho e Barra Bonita, objetos deste estudo. A coleta e a análise de dados empíricos sobre o Sistema Faxinal possibilitaram a caracterização deste sistema e seu modo de vida, levantando elementos sobre a agricultura familiar, a preservação do patrimônio cultural e natural da região, que permitiram apontar o turismo como uma alternativa para a manutenção deste sistema.

PALAVRAS-CHAVE: Turismo Rural – Sistema Faxinal – Desenvolvimento-Sustentável

ABSTRACT

This study analyzes two regions known as Faxinal de Taboãozinho and Faxinal da Barra Bonita, located in the municipal district of Prudentópolis, in the State of Paraná. It attempts to identify their main characteristics, and searches for alternatives for their maintenance and the development of Rural Tourism. The Faxinais region of Paraná is facing high levels of rural exodus, due to the lack of public policies. Seen as a traditional rural production system, the Faxinal system is highly characteristic of the central-southern region of Paraná, where common and private use of the land exist side by side, along with the integration of intensive livestock breeding in common areas. The region also has a multi-agricultural system of subsistence farming, with little sale of surpluses, as well as low impact logging. In 1997, the Paraná Government recognized the existence of the Faxinais, through Decree no. 3446-97. This led to a differentiated treatment, based on annual valuations which sought to further knowledge of the system and the transformations taking place, and to propose actions for improvement of the living conditions in the region. The tourism activity in this region is an alternative for promoting development in Faxinais de Taboãozinho and Barra Bonita, which are the objects of this study. The collection and analysis of empirical data about the Faxinal System enabled the characterization of this system and its way-of-life, raising elements about family agriculture, and the preservation of the region's natural and cultural heritage, indicating tourism as an alternative for the maintenance of this system.

KEY WORDS: Country Touring- Faxinal System- Sustainable Development.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa de localização do Paraná e do município de Prudentópolis.....	28
Figura 2 - Mapa de localização dos Planaltos Paranaenses.....	30
Figura 3 - Mapa Hidrográfico do Paraná.....	35
Figura 4 - Mapa Caminho das Tropas.....	47
Figura 5 - Mapa da Cobertura Vegetal do Paraná.....	52
Figura 6 - Mapa de Localização dos Faxinais no Estado do Paraná.....	59
Fotografia 1 - Animais à solta representando a forma tradicional do sistema faxinal-criadouro comunitário.....	61
Fotografia 2 - Moradores e suas criações no Faxinal de Taboãozinho.....	61
Fotografia 3 - Exemplo típico de residência do Faxinal Taboãozinho com cores que simbolizam o traje ucraniano.....	80
Figura 7 - Organização do Espaço nos Faxinais.....	84
Figura 8 - Esquema da disposição física do sistema Faxinal Taboãozinho.....	85
Fotografia 4 - Entrada do Faxinal Taboãozinho.....	122
Fotografia 5 - Panorama de mata e animais criados a solto - criadouro comunitário.....	123
Fotografia 6 - Animais pastando. Ao fundo um exemplo de faxinais enquanto vegetação variada de espécies.....	123
Fotografia 7 - Crianças descendentes de ucranianos nos campos do Faxinal Taboãozinho.....	124
Fotografia 8 - Igreja Ucraniana no Faxinal de Barra Bonita.....	139
Fotografia 9 - À direita, residência típica no Faxinal Barra Bonita, construção com mais de 100 anos. Ao lado esquerdo um antigo armazém.....	140
Fotografia 10 - Faxinal Barra Bonita, exemplos de modo de vida e criação características da região.....	140
Fotografia 11 - Salto São João, Faxinal de Barra Bonita.....	141

Fotografia 12 – Ponte - chamada de mata - burro, a fim de evitar a passagem dos animais.....	141
Fotografia 13 - Recanto do Cassiano, em Barra Bonita, cortado pelo rio São João.....	142
Fotografia 14 - Representação religiosa: cruzeiro na estrada do Faxinal.....	142

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Escolaridade – Taboãozinho.....	125
Gráfico 2 - Jovens (12 -18 anos) na família - Taboãozinho.....	127
Gráfico 3 - Crianças na família – Taboãozinho.....	128
Gráfico 4 - Total de pessoas na família – Taboãozinho.....	129
Gráfico 5 - Condições de posse – Taboãozinho.....	130
Gráfico 6 - Área total do criadouro – Taboãozinho.....	131
Gráfico 7 - Total de famílias no faxinal – Taboãozinho.....	132
Gráfico 8 - Total de pessoas no faxinal – Taboãozinho.....	133
Gráfico 9 - Famílias proprietárias de terras no faxinal – Taboãozinho.....	134
Gráfico 10 - Origem étnica da maioria das famílias no faxinal – Taboãozinho.....	135
Gráfico 11 - Retirada da erva mate no faxinal – Taboãozinho.....	136
Gráfico 12 - Excedente de mata nativa no faxinal além dos 20 % da reserva legal – Taboãozinho.....	137
Gráfico 13 - Escolaridade – Barra Bonita.....	143
Gráfico 14 - Jovens (12 -18 anos) na família – Barra Bonita.....	144
Gráfico 15 - Crianças na família – Barra Bonita.....	145
Gráfico 16 - Condições de posse – Barra Bonita.....	146
Gráfico 17 – Principal fonte de renda que sustenta a família no faxinal.....	147
Gráfico 18 - Área total do criadouro – Barra Bonita.....	158
Gráfico 19 - Total de famílias no faxinal – Barra Bonita.....	149
Gráfico 20 - Total de pessoas no faxinal – Barra Bonita.....	150
Gráfico 21 - Famílias proprietárias de terras no faxinal – Barra Bonita.....	151
Gráfico 22 – Retirada da erva-mate anualmente no faxinal – Barra Bonita.....	152
Gráfico 23 - Excedente de mata nativa no faxinal além dos 20 % da reserva legal – Barra Bonita.....	153

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO I – PARANÁ CARACTERÍSTICAS GERAIS.....	28
1.1 ASPECTOS GEO-HISTÓRICOS	28
1.2 POVOAMENTO E COLONIZAÇÃO.....	36
1.3 FASES DA OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO.....	43
CAPÍTULO II – CARACTERIZAÇÃO DOS FAXINAIS DO PARANÁ.....	56
2.1 PERSPECTIVA HISTÓRICA DOS FAXINAIS.....	56
2.2 PERSPECTIVAS POLÍTICAS, ECONÔMICAS E SOCIAIS.....	69
2.3 PATRIMÔNIO E CULTURA NOS FAXINAIS.....	76
2.4 SISTEMA FAXINAL E O PARADIGMA DA SUSTENTABILIDADE....	81
2.5 REGULAMENTAÇÃO DO SISTEMA FAXINAL.....	90
CAPÍTULO III – O SISTEMA FAXINAL E AS POSSIBILIDADES DE IMPLANTAÇÃO DO TURISMO RURAL.....	93
3.1 LOCALIZAÇÃO E COLONIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO.....	93
3.2 TURISMO RURAL.....	97
3.3 ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS.....	129
3.3.1 FAXINAL DE TABOÃOZINHO.....	121
3.3.2 FAXINAL DE BARRA BONITA.....	138
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	171
REFERÊNCIAS.....	179
APÊNDICE - A - Questionário aplicado aos proprietários dos faxinais.....	184
APÊNDICE - B - Questionário dirigido aos órgãos públicos do município de Prudentópolis - PR.....	191

APÊNDICE - C - Questionário dirigido a ONG – ING.....	195
ANEXO - A - <i>Folders</i> dos Projetos desenvolvidos pelo ING.....	198

INTRODUÇÃO

O turismo é uma atividade de natureza social, política, econômica e cultural que implica em deslocamento espacial de um lugar habitual a outro temporal. Assim, o turismo se desenvolve como um fenômeno que se conecta entre a busca pela diferença, o deslocamento e o incremento da atividade relacionado na contemporaneidade pela valorização da herança cultural de povos e civilizações e suas peculiaridades.

A rigor, tudo que depende da tradição social, tudo que é particular a uma determinada sociedade e que depende de suas regras pode ser considerado como cultura. Dessa forma, esses significados fazem parte do atrativo que motiva as pessoas a se deslocarem com o objetivo de conhecer determinados hábitos, costumes, peculiaridades, arquiteturas, enfim, particularidades do outro.

É nesse contexto que, para o turismo, a não existência de fronteiras e sua permanência em territórios distintos, peculiares entre si, caracterizam a atividade e enunciam as motivações dos indivíduos. A articulação da cultura com a natureza pode instigar a uma cultura preservacionista de forma que cultive a relação do presente com o passado, pois o meio rural pode proporcionar ao turista um reencontro do homem com a natureza e a sua própria história.

O valor simbólico da vida no campo tem crescido com o desenfreado ritmo do crescimento urbano que marcou o século XX. As cidades, sobretudo as grandes metrópoles, tornaram-se progressivamente espaços de grande concentração imobiliária e humana, com todas as implicações. Se, por um lado, tendem a ser locais privilegiados da oferta de oportunidades de trabalho e de melhor acesso a serviços e recursos, por exemplo, nas áreas do comércio, saúde, educação e cultura, por outro são ambientes de caos no tráfego, de poluição sonora e do ar, dos bairros de lata, de cortes no

fornecimento de água ou na coleta de lixo. São também palco de violência, das desigualdades sociais e do processo da exclusão.

Castelli (1990) argumenta que o homem urbano da era moderna encontra-se seriamente ameaçado, afetado pela poluição sonora, visual, do ar e das águas, necessitando de um tempo livre para pôr corpo e mente em ordem. De certa forma, a agitação, responsável pelo *stress* da vida moderna, fez com que as áreas rurais fossem cada vez mais procuradas em razão da sua tranqüilidade, do ar puro e principalmente, da inexistência da frenética corrida pelo tempo.

No que se refere ao meio rural, a valorização das práticas tradicionais e características de um determinado entorno espacial pode revitalizar o sentimento de orgulho em relação ao local onde se vive e implicar na recuperação de práticas que estavam fadadas ao desaparecimento.

O processo de ruralização turística pode ser considerado como consequência da redescoberta do ambiente rural. Não é um fenômeno novo. Suas raízes remetem ao século XIX, como reação ao *stress* resultante da Revolução Industrial e do acelerado processo de urbanização, já que em vários países ao longo do século XX, a população urbana ultrapassou a rural em quantidade.

A satisfação organizada dessa procura deu origem a uma atividade econômica, que podemos chamar de turismo rural, englobando uma série de atividades para atender as novas tendências sociais da vida moderna.

A relação entre turista e hospedeiro pode acontecer de maneira informal e o contato entre o hóspede e o proprietário rural pode suscitar relação de amizade e troca de experiências de culturas diversas.

Conforme Pires (2000, p. 103):

[...] turista deseja vivenciar coisas novas e olhar/perceber tudo o que está à sua volta, mas também quer ouvir e sentir, dando asas

à imaginação, o que torna imprescindíveis alguns detalhes como fogão à lenha, o galo cantador, a mesa na varanda, a prosa, a moda de viola sem estereótipos de causos de assombração depois do jantar [...].

Pires fala sobre o turista de áreas rurais. Quando se fala nestas, deve-se considerá-las como uma realidade e um espaço socialmente construído, ao invés de pensá-las simplesmente como uma realidade que não é a urbana, perspectiva geralmente adotada pelas pessoas em razão da falta de contato e/ou conhecimento de outros ambientes e culturas.

A oferta de atrativos no ambiente rural pode ser muito diversificada, explorando a integração existente entre o meio natural, a paisagem e o universo cultural que está imbricado de costumes e tradições, ou seja, de um modo de vida diferente daquele que o turista dos centros urbanos está acostumado a levar. O turismo rural deverá ser planejado de acordo com a análise da oferta turística. O proprietário rural poderá oferecer roteiros diversificados de maneira a incentivar a maior permanência do turista no local.

A percepção de que o campo pode ser um potencial a ser explorado pelo setor turístico é bastante recente e pode ser atribuída às características da vida moderna, sobretudo nos grandes centros urbanos, tão caracterizados pela pressa, correria do cotidiano e pelo pouco contato e distanciamento da natureza. Essa busca pelo reencontro com o equilíbrio entre homem e natureza conduz cada vez mais pessoas à prática do turismo rural. A exploração dos atrativos turísticos localizados no meio rural pode representar uma alternativa econômica capaz de assegurar a permanência do homem do campo no espaço rural.

A vida agitada e estressada da sociedade moderna mistura-se com altas cargas de trabalho, crescente marginalidade, poluição, desconforto físico, falta de identidade cultural, alimentação pouco saudável, insensibilidade, relacionamentos “frios” e muitos

outros fatores que levam os indivíduos a se questionar acerca da qualidade de vida urbana que levam na atualidade, recordando-se dos “bons e velhos tempos” de infância ou do calmo e saudável modo de vida de seus antepassados no campo.

Com base nessas reflexões, é que se deve observar os aspectos positivos que o turismo rural poderia representar para o Sistema Faxinal do Paraná¹, em particular para as localidades de Taboãozinho e Barra Bonita, em Prudentópolis, objeto do presente estudo, enquanto uma oportunidade de resgate sócio-cultural a partir da implementação do turismo rural, promovendo o desenvolvimento socioeconômico da região, bem como a valorização do meio natural, da tradição e da cultura faxinalense.

A evolução rural-urbana da população brasileira é decorrente da história econômica do país. Em 1940² a proporção entre população rural e urbana era, respectivamente, entre 30 e 15 milhões de habitantes. Já na década de 70 a situação é invertida e a população urbana ultrapassa a rural, 55 milhões contra 45 milhões. A partir da década de 80 os índices aumentam gradativamente e a população urbana supera significativamente a rural, algo em torno de 80 milhões de urbanos contra 50 milhões de rurais.³

Entretanto, apesar de o Brasil apresentar uma população predominantemente urbana, menos de 20% de sua população residindo em áreas rurais, grande parte de nosso vasto território permanece rural e apresenta forte potencial agrícola e grande parte da população urbana matem laços afetivos com o meio rural..

¹ Entende-se por Sistema Faxinal aquele em que se divide em terras de plantar individuais e terras de criar comunitárias. É uma forma camponesa característica da região Centro-Sul do Paraná. Sua formação está associada a um quadro de condicionantes físico-naturais da região e a um conjunto de fatores econômicos, políticos e sociais. Faxinal é a terminologia dada a um tipo de vegetação. CHANG. M.Y. *Sistema Faxinal: Uma forma de organização camponesa em desagregação no Centro-Sul do Paraná*(1988).

² Conforme o censo do IBGE,2000. “Entre os censos de 1940 e 2000, a população brasileira cresceu 4 vezes. O Brasil rural tornou-se urbano 31,3% para 81,2% de taxa de urbanização”.

³ Dados obtidos em: IGOR A. G. M. **O espaço Geográfico**. Geografia Geral e do Brasil. 1986, p. 131. IBGE. Anuário estatístico do Brasil, 1983.

As primeiras iniciativas de ruralização surgiram de forma modesta nos países da Europa, entre eles, a França, a Itália, a Inglaterra, a Espanha e Portugal. Em outros países, essa iniciativa também se fez presente, como é o caso da Austrália, da Nova Zelândia e também de países da América Latina, como o Uruguai, a Argentina e o Brasil.

Essas iniciativas despertaram um crescente interesse das famílias rurais em diversificar suas atividades para amenizar ou mesmo resolver, os graves problemas econômicos que as afetavam. Assim, o turismo, hoje em dia, passou a ser visto como uma das alternativas para a melhoria da qualidade de vida em comunidades que apresentam baixo desenvolvimento econômico.

Verbole (2002) acredita que:

[...] O turismo rural reflete na qualidade de vida, uma mudança nos padrões de trabalho e um crescimento no tempo livre. As pessoas aposentam-se mais cedo e vivem mais. Além disso, a mobilidade individual e a flexibilidade aumentam [...] (VERBOLE, 2002, p. 118).

Entretanto, os impactos dessa atividade podem ser tanto positivos quanto negativos. O que irá delinear tais circunstâncias é o planejamento na implantação da atividade turística no local de destino. Tal processo deve envolver a comunidade, tornar o desenvolvimento turístico sustentável e evitar a degradação da cultura e das características das comunidades receptoras, bem como das paisagens e dos moradores locais. Para alcançar os resultados esperados é preciso dinamizar a economia rural a médio e longo prazo, assim como os empreendimentos dessas áreas receptoras.

Conforme Ruschmann (1997), os impactos negativos mais frequentes são a degradação ambiental causada pelo lixo, barulho e a depredação do patrimônio natural, a degeneração da cultura local, pela inclusão ou exclusão de áreas e regiões, o que leva ao êxodo rural, pelo abandono das atividades agropecuárias. Da mesma forma, o

aumento do custo de vida nas comunidades, assim como o acréscimo de preço das terras e propriedades, etc.

O turismo pode estimular a valorização da cultura atuando de forma sinérgica para o desenvolvimento de municípios em que predominam as atividades rurais. Para que isso ocorra é preciso que essas atividades tenham um diferencial que as tornem competitivas no mercado.

A valorização e o resgate da identidade cultural pode ser uma maneira de se conseguir esse diferencial. A existência de uma cultura local, forte, poderá reforçar a imagem e a singularidade, tanto dos produtos turísticos quanto dos outros produtos locais. As famílias rurais, por sua vez, revelam um interesse crescente em diversificar as atividades para resolver problemas econômicos que as afetam. Algumas dessas famílias vêem o turismo como um setor que pode contribuir positivamente na melhoria de suas condições de vida.

O desenvolvimento do turismo em áreas rurais enquanto um novo recurso poderia beneficiar toda a comunidade. O meio rural, além de representar um grande potencial turístico, agrega valores ligados à paisagem e aos atrativos naturais e culturais, fazendo com que o homem moderno encontre outra forma de turismo endógeno, diferente do modelo mais utilizado de sol e mar.

Existem variações na forma de descrever o tipo de turismo realizado em determinadas localidades. As variações tipológicas existentes entre turismo rural, turismo no espaço rural ou turismo em áreas rurais são muitas vezes questionadas por alguns pesquisadores e deixadas de lado por outros.

Sabe-se, pois, que em várias regiões do mundo, e mesmo do Brasil, existem diferentes denominações para esse tipo de atividade turística. Dentre as mais comuns estão: turismo ecológico, agroturismo, turismo rural, ecoturismo e turismo cultural. Assim, torna-se complexo definir turismo rural de forma exata ou uniforme.

Segundo Sirgado (2001 p. 104), no Brasil o conceito de turismo rural possui:

[...] um sentido mais abrangente, envolvendo a fruição dos recursos rurais e as atividades desportivas e ecológicas bem como a dimensão relativamente intangível da cultura e do modo de vida das comunidades rurais e/ou de montanhas [...].

Os vários trabalhos já realizados por pesquisadores brasileiros, referentes ao pioneirismo ligado ao turismo rural, revelam o município de Lages, no Estado de Santa Catarina, como o primeiro a iniciar esse tipo de atividade turística no Brasil. Foi a partir dessa iniciativa que começaram a surgir do norte ao sul do país empreendimentos dessa natureza.

[...] Em levantamento realizado pela Embratur em 1997, no total de 1692 municípios localizados em todas as regiões do país observa-se que tanto o turismo rural como o ecoturismo foi significativamente importante em relação às outras modalidades turísticas, estando presente em 34% e 31% dos municípios que responderam [...]. (CAMPOHOLA. C.; SILVA, J.C., 2000, p. 33).

De acordo com Ruschmann (1997), o turismo não representa a solução para os problemas do campo e nem poderia ser visto assim, já que os problemas rurais no Brasil são bastante complexos e de várias ordens. Trata-se, entretanto, de uma opção empresarial que pode trazer efeitos econômicos positivos, conseguindo contrabalançar uma eventual desintegração das atividades tradicionais.

Para se tornar, porém, um fator de desenvolvimento, o aproveitamento turístico ou a exploração turística das áreas rurais deve ser objeto de planejamento estratégico de âmbito local ou regional. O turismo não pode ser visto como uma alternativa única capaz de salvar comunidades agrícolas em decadência. Ao contrário, como argumenta Krippendorf (1989), deve-se evitar a monocultura turística e ver essa atividade justamente pela sua capacidade de interagir com outros setores, estimulando novas atividades e dinamizando as tradicionais.

Os produtores encontram novas oportunidades a partir da valorização de bens não tangíveis antes ignorados, como a paisagem, o lazer e os ritos do cotidiano agrícola e pecuário, ou, ainda, sua história e cultura.

A região dos faxinais, foco da presente pesquisa, concentra, hoje, parte remanescente da floresta ombrófila⁴ mista, além de possuir cultura singular no contexto da colonização do Sul do Brasil. Nela está localizada a maior parte dos chamados “faxinais”, que se trata de um sistema coletivo de produção existente no Brasil já com os caboclos antes mesmo da imigração europeia. Com a vinda dos ucranianos no final do século XIX, os faxinais receberam um novo elemento determinado pelo cercamento dos faxinais que veio a combinar o cultivo agrícola em lotes individuais com a criação comunitária de animais domésticos.

As terras do município de Prudentópolis localizam-se no segundo planalto paranaense e em seu povoamento destacaram-se ucranianos e poloneses, cuja cultura, costumes e tradições estão ainda hoje fortemente presentes no município.

Prudentópolis conta, em seu território, com 19 (dezenove) faxinais, sendo que nesta pesquisa serão abordados apenas dois: Taboãozinho e Barra Bonita, por se localizarem nas proximidades da cidade e por integrarem um roteiro turístico já existente no município.

Por muitos anos, a atividade econômica característica da região foi a coleta de erva-mate, atividade antigamente mais valorizada nos ervais nativos e que atualmente vem sofrendo a concorrência dos ervais cultivados, considerados mais produtivos, apesar da qualidade inferior, e a coleta do pinhão, vendido diretamente no comércio local e regional.

⁴ A Floresta Ombrófila Mista - FOM é a espetacular floresta do Sul do Brasil, cuja característica singular é a combinação de araucárias no extrato superior com uma gama diversa de espécies vegetais nos extratos abaixo, e com espécies de grande valor sócio-econômico, como a imbuia, as canelas, e também a erva-mate, que ocupava uma área aproximada de 220 mil quilômetros quadrados majoritariamente na região Sul, entre as altitudes de 500 a 1500 metros acima do nível do mar.

Esse sistema produtivo ainda estreitamente marcado pelas características do meio natural, embora apresente deficiências do ponto de vista econômico, pode ser considerado positivo do ponto de vista sócio-ambiental. Entretanto, as atividades produtivas tradicionais nessas áreas de faxinais vêm sofrendo permanentes e crescentes pressões, particularmente desde a consagração da soja como a principal cultura agrícola brasileira, devido aos ganhos extremamente elevados por hectare. Essa valorização da soja levou à quase extinção das pequenas propriedades, que foram incorporadas às grandes fazendas, aumentando a migração de famílias para as cidades.

Diante desse quadro, a presente pesquisa desenvolveu o estudo de alternativas para amenizar o êxodo rural e a desagregação que vem ocorrendo nesse Sistema Faxinal. Os documentos levantados permitem concluir que o êxodo rural, assim como a desagregação, fazem com que esse sistema, existente há mais de cem anos, desapareça devido à falta de políticas governamentais que contribuam para a permanência desses pequenos agricultores na região.

A ausência de incentivos levou ao levantamento de alternativas de permanência desses faxinalenses na área rural, uma vez que no Sistema Faxinal existe um criadouro comunitário e a exploração dos recursos naturais de baixo impacto nas áreas dos faxinais – erva mate, pinhão, etc, sendo este trabalho realizado pelo conjunto da comunidade. Por suas características é um sistema que traz contribuições sociais e ambientais valiosas.

Para Sahr (2003), o Sistema Faxinal é:

[...] uma forma de organização camponesa específica da região Centro-Sul do Paraná, onde as matas nativas contribuem significativamente no sustento das comunidades. Este sistema se alicerça através de fortes laços de dependências e solidariedades econômicas, sociais, familiares e culturais entre as pessoas que nele convivem. Sua organização se estrutura em três espaços principais: o criadouro comum, as terras de plantação e as cercas [...] (Prefeitura Municipal de Ponta Grossa. Secretaria Municipal de Agricultura e Abastecimento, 2003).

A análise da literatura específica e a discussão da problemática dos faxinais e de sua degradação permitem destacar que o Sistema Faxinal, baseado na coletividade da terra e na produção camponesa tradicional e secular, é característico da região Centro-Sul do Paraná.

O Sistema Faxinal, de acordo com Chang (1985), constitui-se na forma histórica de organização social e produção que mais preservou as condições ambientais, comparada a outras formas organizacionais da produção. A região enfrenta, contudo, um êxodo rural elevado decorrente da ausência de políticas públicas municipais e estaduais dirigidas aos camponeses que ali se fixaram. Por meio deste estudo, busca-se demonstrar que a atividade turística poderia representar uma alternativa válida para impulsionar o desenvolvimento local da região, minimizando o êxodo rural e incentivando a agricultura familiar.

Tendo em vista a ampliação da representatividade dos agricultores e suas organizações municipais de desenvolvimento rural, faz-se necessário o fortalecimento e capacitação de lideranças comunitárias locais, prefeituras, organizações de produtores rurais e entidades da sociedade civil, possibilitando, assim, a criação e participação dos atores sociais no processo de definição das prioridades, tendo como foco a realidade local das famílias rurais, visando o planejamento estratégico participativo.

É fundamental entender a posição de um grupo social e, sobretudo, o conjunto das relações sociais que derivam dessa posição como elementos importantes para se compreender a maneira como esses grupos observam a sua realidade e os outros. Tal atividade poderia estimular a preservação do patrimônio cultural e natural da região, bem como contribuir para o resgate da memória coletiva e individual da população dos faxinais, pontuando a sua importância para a identidade cultural e social desses brasileiros.

O Sistema Faxinal existente nessa região do Paraná é um sistema único no mundo e possui características culturais bem marcantes, contribuindo para a fixação do homem do campo e para a manutenção da paisagem formada pela floresta de araucária, um bioma⁵ em extinção.

No Brasil, o Sistema Faxinal existia originalmente nos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, tendo se constituído nos séculos XIX e XX. O Estado do Paraná já teve 1/6 de suas terras ocupadas como faxinais, embora não existam políticas públicas capazes de assegurar a sua sustentabilidade. É por essa razão que os faxinais e suas comunidades devem ser valorizados e protegidos, pois se trata de região com características naturais e culturais singulares que, sem apoio, se extinguirão.

A presente pesquisa partiu do seguinte problema: A implantação do turismo rural poderia contribuir com o desenvolvimento sócio-econômico – ambiental e cultural presente nos faxinais de Taboãozinho e Barra Bonita, em Prudentópolis – PR, assegurando a permanência dos faxinalenses em suas propriedades?

A análise da organização sócio - espacial dos Faxinais de Taboãozinho e Barra Bonita, localizados no município de Prudentópolis, na porção Centro-Sul do estado do Paraná, foi desenvolvida visando a definição de ações a serem implementadas para o desenvolvimento do Turismo Rural nesses faxinais, como uma alternativa econômica capaz de minimizar o êxodo rural e a degradação sócio-ambiental.

O turismo no espaço rural é concebido pela extensão rural como parte do processo de desenvolvimento local. As pessoas do meio rural organizadas em grupos de interesse comuns, trabalham com recursos e possibilidades da própria localidade, buscando melhores condições de mercado para a produção, qualidade de vida, desenvolvimento e sustentabilidade.

⁵ Grande comunidade, ou conjunto de comunidades, distribuída numa grande área geográfica, caracterizada por um tipo de vegetação dominante. Dicionário Aurélio. Século XXI.

O desenvolvimento rural na atualidade não se alicerça apenas nas atividades agrícolas tradicionais, pois os riscos, as incertezas e exaustão dos fatores de produção impõem a diversificação de atividades. O turismo rural apresenta-se, então, como alternativa promissora a curto e médio prazo.

A aceleração do processo de globalização da economia, a industrialização e a comunicação, neste início do século XXI, paradoxalmente acabaram por valorizar o pequeno, o raro, o diferente, o natural, as potencialidades locais e as formas de sabedoria típicas do homem do campo.

Se por um lado crescem os grandes complexos turísticos, criados para conquistar mais turistas e ampliar o mercado para as atividades econômicas do turismo de massa, crescem também os investimentos no ambiente mais natural-rural e ecológico, na busca por qualidade de vida.

O desenvolvimento da pesquisa exigiu uma investigação histórica para identificar as origens e a evolução dos dois faxinais deste estudo, bem como as razões que estão levando à sua descaracterização, buscando meios para a preservação do quadro natural e sócio-cultural através da implementação do turismo rural como alternativa para o desenvolvimento local.

Para dar prosseguimento à investigação foi necessário compreender as características do Sistema Faxinal e das causas responsáveis por sua transformação, além da identificação das ações capazes de favorecer a sua permanência. No levantamento das principais características sócio-espaciais dos Faxinais de Taboãozinho e Barra Bonita, foram identificadas as suas potencialidades turísticas, para discutir as possibilidades e limitações da implementação das atividades de turismo, como forma de assegurar a geração de renda para os produtores agropecuários, sem grande ruptura das suas tradições.

A metodologia de pesquisa utilizada no desenvolvimento da investigação teve fundamentalmente um caráter qualitativo. De acordo com Minayo (1994, p.22), a pesquisa qualitativa surge diante da impossibilidade de investigar e compreender determinada realidade sob a ótica apenas quantitativa. Está direcionada para a investigação dos significados das relações humanas, onde as ações são influenciadas pelas emoções e/ou sentimentos aflorados diante das situações vivenciadas no dia-a-dia, muito embora não signifique a desconsideração de dados estatísticos.

Benolie *Apud* Polit e Hungler, (1995 p. 269), descreve as pesquisas qualitativas como “[...] modos de inquirição sistemática preocupados com a compreensão dos seres humanos e da natureza e suas transações consigo mesmos e com seus arredores [...]”.

As pesquisas qualitativas trabalham com dados não quantificáveis, coletam e analisam materiais pouco estruturados e narrativos, que não necessitam tanto de uma estrutura, mas em compensação requerem o envolvimento do pesquisador ao máximo. Dessa forma, esse tipo de pesquisa produz grandes amostras, visto que o pesquisador qualitativo tem de evitar controlar a pesquisa, para que o estudo permaneça no contexto naturalista. Entretanto, os questionários aplicados nos dois faxinais investigados forneceram também dados quantitativos que foram submetidos a uma análise qualitativa.

O método de procedimento é monográfico, que consiste no estudo de determinados indivíduos, profissões, condições, instituições, grupos ou comunidades, com a finalidade de obter generalizações. Criado por Lê Play, que o empregou para estudar famílias operárias na Europa, o estudo monográfico pode também abranger o conjunto de atividades de um grupo social particular. A vantagem deste método consiste em respeitar a “totalidade solidária” dos grupos, ao estudar, em primeiro lugar, a vida do grupo em sua unidade concreta, evitando a dissociação prematura de seus elementos.

São exemplos desse tipo de estudo: monografias regionais, as rurais, as de aldeia, e até as urbanas.

Conforme Lakatos (1983), em seu início o método consistia no exame de aspectos particulares como, por exemplo, o orçamento familiar, as características de profissões ou de indústrias domiciliares, o custo de vida etc. Entretanto, o estudo monográfico pode, também, em vez de se concentrar em um aspecto, abranger o conjunto das atividades de um grupo social particular, como no exemplo das cooperativas e dos grupos indígenas.

A coleta de dados foi realizada com base na aplicação de questionários com perguntas abertas e fechadas, aplicados individualmente.

Foram aplicados 11(onze) questionários divididos em 06 (seis) famílias do Faxinal Barra Bonita e 05 (cinco) para o Faxinal de Taboãozinho, que serviram como amostra da pesquisa. Da mesma forma, aplicaram-se questionários para os representantes do poder público, tais como o Secretário Municipal de Meio Ambiente – Cultura –Turismo, além do representante do IAPAR (Instituto Agrônômico do Paraná) do município de Prudentópolis-PR e para a Ong. ING (Instituto dos Guardiões da Natureza).

A amostra mais adequada a esse tipo de pesquisa é a Amostragem por Acessibilidade por constituir o menos rigoroso de todos os tipos de amostragem, e destituída de qualquer rigor estatístico. “O pesquisador seleciona os elementos a que tem acesso, admitindo que estes possam de alguma forma, representar o universo. Aplicar-se este tipo de amostragem em estudos exploratórios ou qualitativos, onde não é requerido elevado nível de precisão”. (GIL, 1991, p.97).

Por meio da amostragem por acessibilidade procurou-se selecionar representantes do universo social pesquisado, que foram referência ao total da população.

O resultado das análises da pesquisa foi dividido em três capítulos. O primeiro refere-se às características gerais do estado do Paraná.

O segundo capítulo procura caracterizar os faxinais do Paraná, abordando a sua evolução histórica e as políticas econômicas desenvolvidas pelos mesmos. Nele também é discutido o patrimônio cultural existente nestes faxinais, bem como ainda o conceito de sustentabilidade no âmbito dos faxinais.

O terceiro capítulo, intitulado “Sistema Faxinal e as possibilidades de implantação do Turismo Rural” tem início com a localização e descrição do processo de colonização da área de estudo. A seguir, apresenta algumas teorizações e considerações sobre Turismo Rural, sua relação com a natureza e as possibilidades de implantação do mesmo como alternativa econômica para os moradores dos faxinais, que poderiam oferecer produtos diferenciados produzidos em suas propriedades, reforçando o orçamento familiar. Na última parte deste capítulo é apresentada a análise dos dados empíricos coletados através da aplicação de questionários, nos faxinais de Taboãozinho e Barra Bonita, com perguntas abertas e fechadas.

Finalmente são apresentadas as considerações finais, referências e anexos.

CAPÍTULO I

1. PARANÁ: CARACTERÍSTICAS GERAIS

1.1 ASPECTOS GEO – HISTÓRICOS

O Paraná é um estado brasileiro situado na região Sul do país. Tem como limites o Estado de São Paulo (a norte e nordeste), o Oceano Atlântico (leste), o Estado de Santa Catarina (sul), a Argentina (sudeste), o Paraguai (oeste) e o Estado de Mato Grosso do Sul (noroeste).

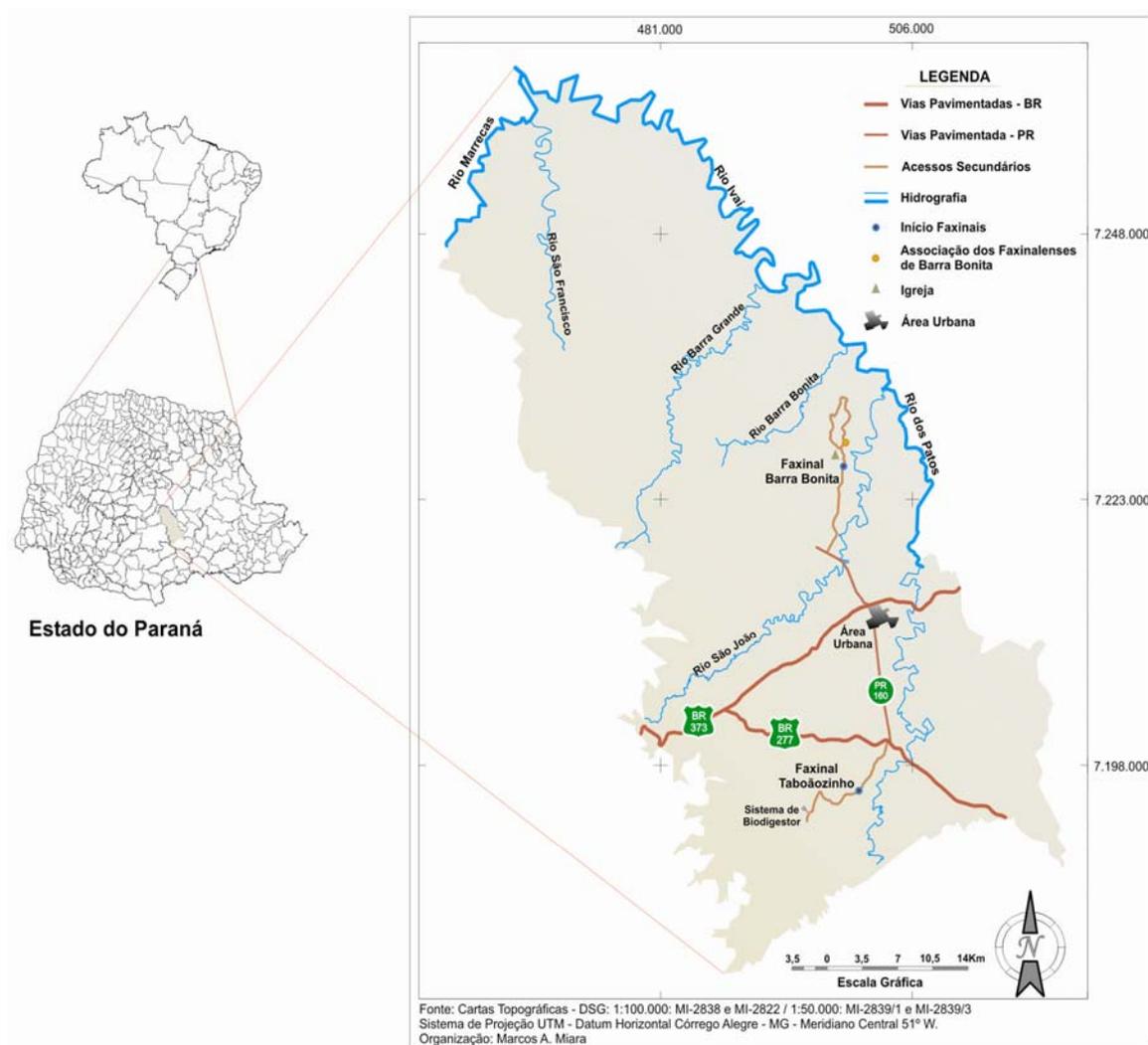


Figura1 – Mapa da localização do Paraná e município de Prudentópolis.

O Paraná conta com uma extensão territorial pouco superior a 200.000 Km². Excluída a estreita faixa litorânea, o território paranaense integra o denominado Planalto Meridional ou Gondwânico sul-brasileiro, uma das grandes subdivisões do Planalto Brasileiro. Ocupando uma posição peculiar da referida subdivisão, o Paraná, tanto do ponto de vista geográfico como econômico, é, primordialmente, um território de interior ou de planalto.

Estudiosos caracterizam o espaço paranaense subdividindo-o em unidades geomorfológicas visando facilitar a análise da paisagem. De acordo com Maack (1997), distinguem-se, no Estado do Paraná, cinco paisagens principais determinadas pela escarpa de falha e pela serra marginal do complexo cristalino, como também pelos degraus estruturais do devoniano⁶ e do triássico-jurássico⁷.

[...] O interior do Paraná, com seus planaltos, se apresenta como típica paisagem de degraus estruturais ou escarpas de estratos. Assim, a maior parte de área do Estado do Paraná é constituída por três planaltos que se inclinam suavemente para W, NW, SW. O planalto do interior é limitado a leste pelo mais importante acidente geográfico em forma de serra marginal, constituído pela elevação do Complexo Cristalino para acima do nível do primeiro planalto, declinando em direção da orla litorânea como escarpa de falha [...] (MAACK, 1997, p. 387).

O Estado do Paraná, em sua maior parte, forma um vasto planalto, suavemente inclinado em direção noroeste, oeste e sudoeste. As terras paranaenses podem ser agrupadas em cinco regiões distintas, como se observa no mapa a seguir: 1) Litoral; 2) Serra do Mar; 3) Primeiro Planalto ou de Curitiba; 4) Segundo Planalto ou de Ponta Grossa (Campos Gerais); 5) Terceiro Planalto ou de Guarapuava.

⁶ Refere-se ao Quarto Período da Era Paleozóica; o Devoniano se caracteriza por intensa sedimentação continental, freqüentemente intercalada com depósitos marinhos. Durou mais ou menos 310 milhões de anos, caracterizando-se pela formação dos oceanos e mares, surgimento da vida animal e vegetal e soterramento de grandes florestas que deram origem ao carvão mineral. Fonte: IGOR. A.G. Moreira. O espaço Geográfico. Geografia Geral e do Brasil. 1986, p.41.

⁷ Era Mesozóica ou secundária durou mais ou menos 120 milhões de anos. Período caracterizado por grandes répteis (dinossauros) e intensas erupções vulcânicas. Fonte: IGOR. A.G. M. O espaço Geográfico. Geografia Geral e do Brasil. 1986, p.41.

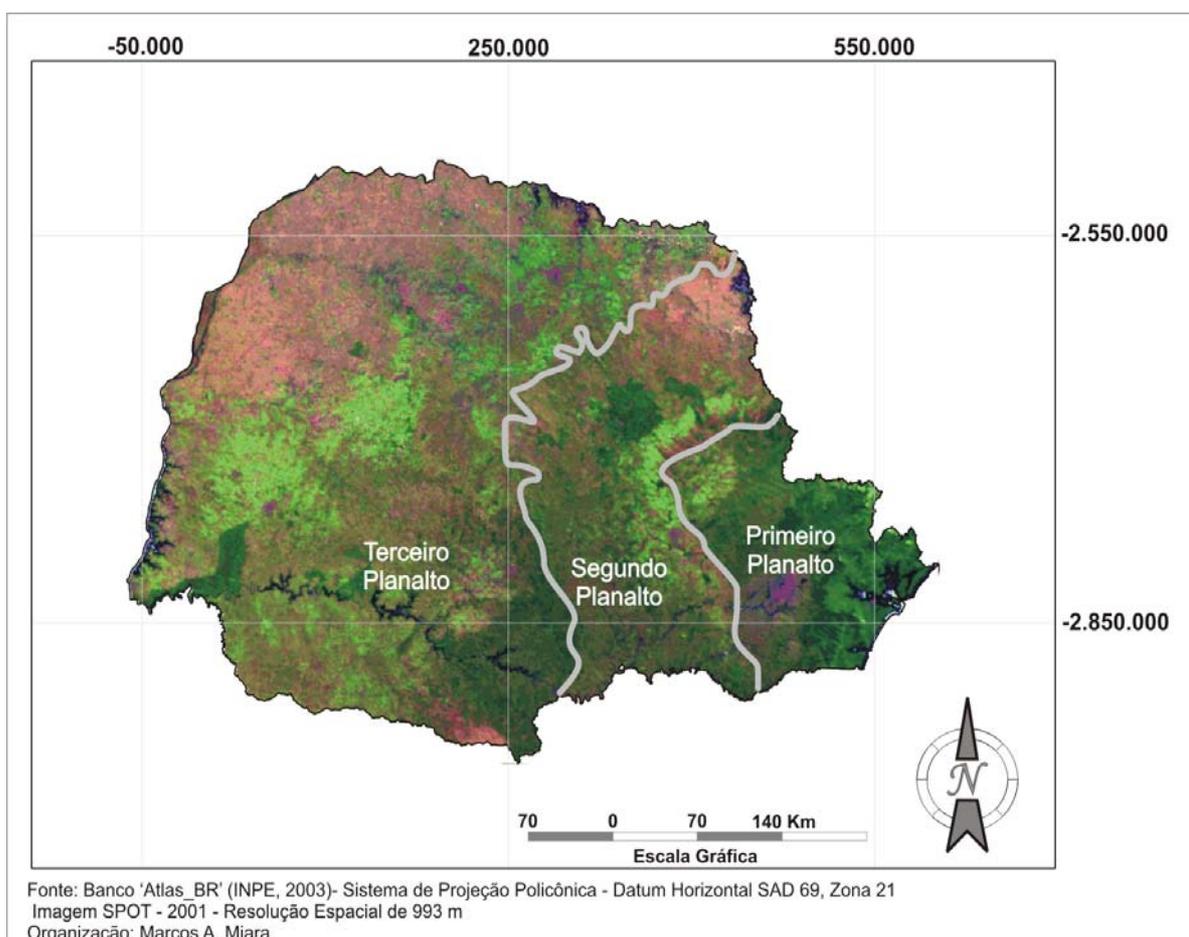


Figura 2 - Mapa de Localização dos Planaltos paranaenses.
 Fonte: MIARA, M. A. 2001.

Tendo em vista a constituição geológica diversa dessas regiões, as suas particularidades geomórficas são nitidamente diferenciadas, caracterizando-se cada uma por um modelo “sui generis”. Dessa maneira, muitas das formas de superfície, consideradas exclusivamente em função do arcabouço geológico, foram, a rigor, resultantes de processos climáticos, nem sempre evidentes de imediato.

Conforme Martins (1995), o litoral paranaense está situado entre os paralelos austrais de 25° e de 26°. O limite norte é o rio Ararapira, que alcança o mar aos 25° 20' e o limite sul é o rio Saí, que deságua no mar aos 26° de latitude Sul. Encarado em conjunto, o litoral do Paraná, segundo a descrição original de Maack (1968), consiste em uma estreita faixa montanhosa que afundou por falhamentos complexos. Como conseqüência direta desse afundamento, originaram-se as baías de Paranaguá e

Guaratuba, em virtude da ingressão marinha nos antigos vales, que, supostamente, estavam entalhados na superfície do afundamento.

Posterior a esses movimentos, o litoral paranaense apresentava-se profundamente marcado por enseadas, pontas e ilhas. Sem dúvida, a retificação da linha da costa foi iniciada após relativamente estabilizados os fenômenos da tectônica rígida, responsáveis pelos complexos padrões de falhamentos. A retificação da linha costeira foi, então, condicionada pelo processo de sedimentação, a qual, segundo Bigarella (1965), resultou na formação de cordões litorâneos que se desenvolveram em direção ao mar, sobre a plataforma continental, assumindo o aspecto de restingas.

Os morros isolados, ilhas e cadeias de elevações, que são observados na paisagem do litoral, são formados de migmatitos⁸, gnaisses⁹ e xistos¹⁰. Ainda conforme Bigarella (1965), a origem das areias de praia estaria ligada às flutuações climáticas do pós-glacial¹¹. De acordo com sondagens, a planície litorânea propriamente dita é constituída essencialmente de depósitos mistos, continentais e marinhos. Constata-se diferenciação em relação à formação geológica do Brasil, especificamente à da região sul.

[...] Esculpida pela rede de drenagem instalada sobre sedimentos tenros, do Permocarbonífero, e tendo sofrido deformações epirogenéticas menos intensas do que as que afetaram a parte nordeste da Bacia do Paraná, a Depressão Central do Rio Grande do Sul difere do Segundo Planalto Paranaense e da faixa de desnudação de Santa Catarina por suas topografias suavizadas; estruturalmente é mais simples do que as duas áreas mencionadas [...] (GALVÃO, 1977, p. 18).

⁸ Tipo de gnaisse que sofreu injeções de magma, sendo, pois, uma mistura de material sedimentar metamorfizado e material magmático. Fonte: Dicionário Aurélio Século XXI.

⁹ Rocha metamórfica, de composição mineralógica diferente. Fonte: Dicionário Aurélio Século XXI.

¹⁰ Designação comum às rochas metamórficas cujos minerais lamelares ou aciculares, são visíveis a olho nu e dispostos com a mesma orientação, graças à pressão dirigida sob a qual são eles formados, o que confere à rocha um aspecto folheado típico. Fonte: Dicionário Aurélio Século XXI.

¹¹ Aquele em que as geleiras se restringem às regiões polares e ocorre o desenvolvimento e a expansão da civilização humana (data de cerca de 12 000 anos). Fonte: Dicionário Aurélio Século XXI.

Em virtude da sedimentação intensa, atualmente acelerada pelo desmatamento da Serra do Mar, e outros fatores antropogênicos¹², a tendência geológica é a colmatagem¹³ e o conseqüente desaparecimento das baías de Guaratuba e Paranaguá. A Serra do Mar exerce um papel importante na geomorfologia paranaense, já que constitui o divisor assimétrico e marginal que separa a região litorânea dos planaltos em patamares do interior do território. Embora as elevações da serra, nos mais altos divisores remanescentes, se aproximem de 2.000 m de altura, a mesma se eleva, geralmente, de 500 a 1.000 m de altura sobre o nível geral do planalto de Curitiba.

A Serra do Mar faz parte de uma vasta barreira que acompanha o litoral oriental e meridional do Brasil. Pertence ao Complexo Cristalino Brasileiro, sendo constituída, em sua maioria por granitos e gnaisses. Em alguns trechos, a Serra do Mar se apresenta como escarpa (Graciosa e Farinha Seca), cujos blocos recebem diversas denominações: Capivari Grande, Virgem Maria, Órgãos, Marumbi e outros.

O Marumbi, em sua parte mais alta, possui 1.547m e foi por muito tempo considerado o ponto mais elevado do Estado. Em 1991, a área que abriga o pico foi transformada em Parque Estadual, com 2.342, 41 ha.¹⁴ O primeiro planalto, conhecido como planalto de Curitiba, foi descrito por Maack (1968) como uma zona de eversão¹⁵ entre a Serra do Mar e a escarpa¹⁶ que, a oeste, constitui o limite oriental dos sedimentos da Bacia do Paraná.

A parte meridional, abrangendo a área de Curitiba, é caracterizada por uma topografia ondulada, de colinas suavemente arredondadas, cujas altitudes sobre o nível do mar são relativamente uniformes, oscilando de 850 a 950 m. Maack (1997) considerou o planalto de Curitiba como [...] uma zona de eversão entre a Serra do Mar e

¹² Provocado pelo homem. Fonte: Dicionário Aurélio do Século XXI.

¹³ Preencher (vazios, lacunas ou brechas); aterrar, entulhar. Depósito ou sobreposição de terras. Fonte Dicionário Aurélio Século XXI.

¹⁴ Dados obtidos em WONS, I, 1982.

¹⁵ Zona que mostra um plano de erosão recente sobre um antigo tronco de dobras. (MAACK, 1997).

¹⁶ A escarpa constitui um verdadeiro degrau topográfico, com paredes abruptas e verticalizadas que separa o Primeiro e o Segundo planalto Paranaense.

a escarpa devoniana, zona que mostra um plano de erosão recente sobre um antigo tronco de dobras [...], o qual, por sua vez, é cortado ao norte pelos tributários do profundo vale do rio Ribeira, numa zona montanhosa recente.

A porção norte e a porção sul do primeiro planalto são nitidamente diferenciadas quanto aos seus aspectos morfológicos. Começa junto a Serra do Mar, estendendo-se para oeste até a escarpa devoniana (Serrinha, Serra de São Luiz do Purunã, etc). O Primeiro Planalto paranaense resultou da erosão que o rebaixou de um antigo nível, e seus terrenos, muitos antigos, pertencem à era Pré-Cambriana.

O Segundo Planalto paranaense, denominado de Planalto de Ponta Grossa, compreende a região ocupada pelos Campos Gerais. Seus limites naturais são dados a leste pela escarpa devoniana e a oeste pela Escarpa da Esperança (Serra Geral). As maiores altitudes do Segundo Planalto (1.100 a 1.200m) estão na escarpa devoniana¹⁷.

Os pontos mais baixos (350 e 560m) estão situados na parte norte, no encontro do segundo com o Terceiro Planalto. Em sua formação geológica predominam os terrenos sedimentares antigos da era Paleozóica, reunidos nos grupos: Paraná ou Campos Gerais, Itararé e Passa Dois. Quanto às rochas mais comuns temos: arenitos (Vila Velha e Furnas), folhelhos (Ponta Grossa e os betuminosos), carvão mineral, varvitos, siltitos e tilitos. Em pequenas regiões aparecem rochas ígneas intrusivas. As terras situadas a oeste da escarpa da Esperança formam o Terceiro Planalto paranaense, denominado Planalto de Guarapuava, que ocupa 2/3 da área do Estado. Geologicamente corresponde ao vasto derrame de lavas e aos depósitos de arenitos (Botucatu e Caiuá) da era Mesozóica¹⁸.

¹⁷Fonte: www.ambientebrasil.com.br/composer.php3?base=./estadual/index.html&conteudo=./estadual/pr3.html#relev.

¹⁸Fonte: www.ambientebrasil.com.br/composer.php3?base=./estadual/index.html&conteudo=./estadual/pr3.html#relev.

Outras divisões menores do Terceiro Planalto poderiam ser estabelecidas, levando em conta a sua compartimentação em blocos pela rede de drenagem, conforme estabeleceu Maack, (*in*: Geografia do Brasil: região sul, p. 24, 1997):

- a) O bloco norte do planalto de Apucarana, disposto nas altitudes de 1.100 metros na escarpa, indo até 235 metros na área do rio Paraná;
- b) O bloco médio do planalto de Campo Mourão, que se inclina em direção ao rio Paraná, a partir da escarpa da serra da Esperança (1.100 metros).
- c) O bloco sul do planalto de Guarapuava, com 1.220 metros no alto da escarpa, indo até 195 metros na borda da barranca do *canyon* do rio Paraná;
- d) A parte nordeste do planalto de Araporanga, entre os rios Tibagi e Itararé, formado como os demais pomesetas e platôs que descem de 1.150 metros na serra da Esperança, a 300 metros no rio Paranapanema.

Quanto à hidrografia do Estado do Paraná, há duas bacias principais de desaguamento, a do Atlântico e a do Paraná-Platina, que abarca 186.320 Km², para onde corre a maioria dos rios de planaltos do interior. A conjunção de fatores geofísicos propicia uma densa e perene rede hidrográfica de rios de planalto com características próprias, conforme figura a seguir.

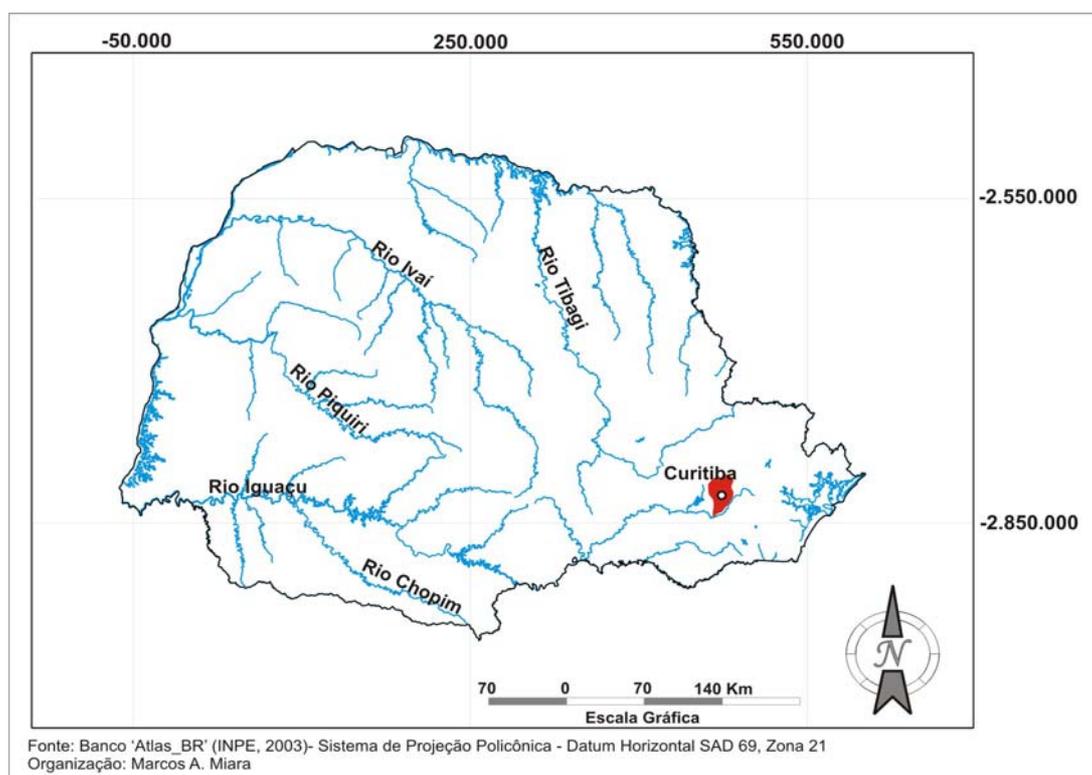


Figura 3- Mapa hidrográfico do Paraná.

Fonte: BANCO ATLAS – BR. ORGANIZADO POR: MIARA, M. A., 2003.

Conforme Martins (1995, pág.36), 40% do território, no norte paranaense, mais uma considerável parte da região oeste, estão cobertas pela terra roxa, o solo mais fértil do Brasil, originário da decomposição do basalto proveniente de derrame de lavas vulcânicas. Essa terra roxa foi a responsável pela expansão da cultura do café, no Estado, a partir de 1920. Hoje essas áreas já são mais aproveitadas para o cultivo da soja do que para o café.

Por outro lado, tanto os solos das florestas¹⁹ como os dos campos são pobres. Nestes últimos anos, entretanto, estão sendo usadas técnicas modernas para seu melhor aproveitamento.

¹⁹ A vegetação no sul apresenta paisagens como a Mata de Pinheiros e os chamados campos de Planaltos (Vacaria, Lajes, Guarapuava), de vegetação rasteira e com clima subtropical. Fonte: IGOR. A.G. O espaço Geográfico. Geografia Geral e do Brasil. 1986, pág.273.

1.2 POVOAMENTO E COLONIZAÇÃO

A colonização do território que hoje corresponde ao Brasil teve início em 1534, quando o rei de Portugal D. João III dividiu as terras coloniais lusas em Capitânicas Hereditárias. O litoral meridional do Brasil foi, então, sub-dividido em quatro capitânicas, doadas a dois donatários: Martim Afonso de Souza e seu irmão Pero Lopes de Souza. A ambos os irmãos couberam dois quinhões.

O de Martim Afonso de Souza era o mais setentrional e iniciava-se na altura de Macaé (hoje Estado do Rio de Janeiro), indo até cerca de um terço da ilha de São Sebastião. Abrangia o cabo São Tomé, baía de Guanabara, Angra dos Reis e inclusive o território onde mais tarde foi fundada a vila de São Paulo. A segunda parte iniciava-se na barra da baía de Paranaguá, incluindo Itanhaem, Iguape e Cananéia. Ambos os quinhões foram denominados Capitania de São Vicente.

As duas partes que couberam a Pero Lopes de Souza abrangiam dois terços da ilha de São Sebastião até a barra de São Vicente (1ª parte), e da barra de Paranaguá até encontrar a linha imaginária e delimitadora de Tordesilhas, na altura de Laguna, em Santa Catarina (2ª parte).

Como afirma Piazza (1982, p. 21):

[...] A Pero Lopez de Souza coube a capitania de Santo Amaro e Terras de Sant'Ana, que se dividia em duas partes: uma no Rio de São Vicente até a barra do rio Juqueriquerê, e outra da barra de Paranaguá até as imediações de Laguna. Correspondendo, portanto, a segunda porção ao litoral catarinense [...].

De acordo com Wachowicz (1995), esse quinhão sul, de Pero Lopez de Souza, era a parte mais meridional de toda a colônia portuguesa. Sua delimitação era bastante vaga, mesmo para os portugueses. Nos primeiros tempos, essa área também foi chamada de Sant'Ana, mas com o passar dos tempos, ambas as partes de Pero Lopes

passaram a ser conhecidas por Capitania de Santo Amaro. Na parte mais setentrional do quinhão de Pero Lopes, estavam situadas as vilas de Santos e São Vicente e na meridional (Santana), a vila de Paranaguá.

Inicialmente as terras paranaenses pertenciam à Capitania de São Vicente; eram percorridas esporadicamente, durante o século XVI, por europeus exploradores da madeira de lei existente na região. A partir do século XVII teve início a colonização, sendo fundada a Vila de Paranaguá em 1660. Colonos e jesuítas espanhóis povoaram Paranaguá e Curitiba nos primeiros tempos. Com a descoberta de ouro, portugueses foram atraídos para a localidade, tanto no litoral como no interior. A posterior descoberta de ouro nas Minas Gerais amenizou a exploração paranaense²⁰.

Separada de São Paulo em 1853, criou-se a Província do Paraná com o estabelecimento de aproximadamente 40 núcleos coloniais, núcleos estes originados por imigrantes italianos, alemães, poloneses, franceses, ingleses e suíços que, dedicaram-se as culturas de erva-mate, café e exploração de madeira, impulsionando a economia local na época.

O território onde hoje está situada a capital do Estado do Paraná (Curitiba), estava localizado a oeste da linha de Tordesilhas e pertencia teoricamente à Coroa Espanhola. Era o litoral paranaense, nesses tempos primordiais, percorrido por indivíduos isoladamente, e por bandeiras preadoras de índios carijós. Após uma dessas bandeiras na região de Paranaguá, Diogo de Unhate, participante da mesma, requereu e obteve em 1614 uma sesmaria²¹. Foi este o primeiro proprietário de terras, do lado português, em território paranaense. Sua sesmaria ficava situada entre os rios Ararapira e Superagui.

²⁰ www.ambientebrasil.com.br/composer.php3?base=./estadual/index.html&conteudo=./estadual/pr.html

²¹ Terra que o governo português doava a quem requeresse, contanto que fosse pessoa casada e de certos bens.

O povoamento do atual estado do Paraná, tal como aconteceu com outros estados brasileiros, teve início pelo litoral. Assim surgiram, ao longo do tempo, as cidades de Paranaguá, Antonina e Morretes. Somente mais tarde o povoamento atingiu o planalto onde se localiza Curitiba.

Conforme Santos (2001), no primeiro planalto, chamado atualmente de curitibano, existia, em meados do século XVII uma série de núcleos de garimpeiros, habitando choças cobertas com folhas de palmeira. Essa população esparsa vasculhava os cascalhos dos riachos à procura de pequenas pepitas de ouro, tão avidamente cobiçadas.

Ao mesmo tempo, esse sertão bravo era também habitado por índios Tingui, pertencentes à grande nação tupi-guarani. Nas suas informações sobre Curitiba, o Ouvidor Pardinho dizia, em 1721, que a comunidade vivia num raio de apenas sete léguas ao redor da vila e que, além desses limites, existiam infinitos campos, que eram desconhecidos, para os lados de oeste e do sul, e que só ao norte da vila, ao longo da estrada que ligava Curitiba a São Paulo, existiam algumas fazendas de criação de gado, de propriedade de habitantes de Paranaguá e de São Paulo.

A descrição feita pelo botânico francês Auguste de Saint-Hilaire, que veio para o Brasil em 1816 e aqui permaneceu até 1822, evidencia Curitiba como uma cidade ainda tímida, de forma quase circular, com duzentas e vinte casas pequenas cobertas de telhas, quase todas de pedra e com apenas um só pavimento. Na época, era uma pacata cidade, tão deserta no meio da semana, quanto a maioria das vilas do interior do Brasil: "...como em muitos outros lugares, quase todos os seus habitantes são agricultores que só vêm à cidade nos domingos e dias santos, trazidos pelo dever do ofício divino." (SAINT-HILAIRE, 1995:107).

As fazendas de criação de gado dos campos de Guarapuava e dos Campos Gerais se desenvolveram com a venda de seu gado aos mineradores a altos preços pagos em ouro. Mas a sua produção era insuficiente para o grande abastecimento.

[...] As campanhas e a região serrana do Rio Grande estavam cheias de gado selvagem, que poderia suprir as regiões mineiras, se fosse possível conduzi-lo para lá. Mas não havia ligação por terra entre o Rio Grande e Curitiba, separados por léguas de campos desconhecidos [...]. (BALHANA, 1969, p. 64).

Foi nessa conjuntura que o governador de São Paulo, Caldeira Pimentel, mandou abrir a estrada da Laguna, que, ligando os campos do Rio Grande com os de Curitiba, possibilitou a subida de tropas de gado. A estrada, cujos trabalhos começaram em 1728, e continuaram com grandes dificuldades, foi afinal retificada, de Viamão, no Rio Grande, aos Campos Gerais do Paraná, e começou a ser usada em 1731.

Os faiscadores de ouro, vindos sobretudo do litoral, de Cananéia, Iguape, Paranaguá, Santos, São Paulo, foram organizados e mantidos em ordem por Eleodoro Ébano Pereira, administrador das minas de ouro nos distritos do sul. Era, na época, a única autoridade que representava o Governo Geral, instalado no Rio de Janeiro. Eleodoro era coordenador da mineração na região, nunca foi um povoador, por isso é duvidoso atribuir-lhe qualquer participação na fundação da vila de Curitiba.

Conforme Wachowicz (1995), a participação dos índios no surgimento de Curitiba deve ser real, porque é o único argumento que explica as boas relações que sempre existiram entre os brancos portugueses e os indígenas, na região. O fato explica a não beligerância entre os faiscadores de ouro com o gentio, sobretudo depois da fundação da vila.

A localização do povoado deve-se à elevação do território, ao clima seco, e à proximidade de dois riachos: o rio Ivo, a oeste e o Belém, a leste. Mais ao norte eleva-se uma colina, que atualmente corresponde ao alto do São Francisco e Mercês. Faz divisa

com a Serra do Mar, no horizonte leste. A partir da atual Praça Tiradentes é que se irradiou a nova povoação.

O isolamento em que viviam os curitibanos era negativo ao seu desenvolvimento. Seu clima era favorável para a efetivação do povoamento, bem como as redondezas, com bosques e campos. Tal situação era propícia à pecuária e à agricultura. Entretanto, a benignidade de seu clima não conseguia anular os fatores negativos representados, sobretudo, pela Serra do Mar, de difícil transposição, encoberta pela mata atlântica, muito intrincada, dificultando aos curitibanos a venda de sua produção agrícola ou pastoril. Acostumaram-se a plantar e criar quase somente aquilo de que necessitavam para seu próprio consumo. O pouco que sobrava de arroz, feijão, milho, congonha (mate) ou carne seca, era transportado com grande dificuldade ao litoral e ali trocado por sal, farinha, algodão, ferragens, etc.

Por muito tempo esse transporte foi feito por homens a pé, sobretudo escravos. Só bem mais tarde o transporte passou a ser feito no lombo de animais. A ligação de Curitiba com o litoral, através de veículos rodoviários, somente foi possível no século XIX, com a abertura da estrada da Graciosa.

Curitiba no século XVIII não passava de uma localidade quase esquecida e praticamente isolada do restante da Capitania, embora fosse, até fins do século, a única vila, legalmente constituída, na região do planalto. A produção de ouro, que havia originado o núcleo, tornava-se cada vez mais insignificante. Faltava à população uma sustentação econômica que lhe desse maior alento e dinâmica. Os habitantes do planalto contentavam-se, como afirma Lourenço Ribeiro de Andrade, a andar com pouca roupa, por falta de meios, e viviam [...] quase como o gentio, com quem se misturavam [...] (ANDRADE, 1989, p. 15).

A pobreza da vila de Curitiba não era escondida nem encoberta pela Câmara Municipal. Em 1737, o Governo das Capitánias quis colocar em Curitiba um contrato de

sal, pelo qual seria consumida pela população uma determinada quantia desse produto. Os oficiais da Câmara Municipal, reunidos em vereança em 1737, responderam a essa solicitação negativamente. Argumentavam em seu favor que a população da vila era sumamente pobre e que seus moradores não teriam condições de comprar sal. Afirmavam que os habitantes viviam miseravelmente, e que a pobreza era tão grande que a maioria desse povo estavam comendo sem sal.

No começo do século XVIII é que teve início a ocupação dos Campos Gerais. Nessa época, esses campos começaram a ser cortados pelos tropeiros que traziam as tropas do Rio Grande do Sul para São Paulo. A passagem desse caminho pelas proximidades de Curitiba estimulou o desenvolvimento da vila, em razão dos incentivos comerciais que tal fato proporcionava.

Assim, por volta de 1780, Curitiba exportava seus produtos agrícolas para a orla marinha e para o interior: erva-mate, feijão, trigo, milho, fumo, tocinho etc. Ao mesmo tempo, aproveitava-se do caminho que ligava o Rio Grande do Sul a São Paulo, exportando seu próprio gado, embora em número reduzido e beneficiando-se do comércio que passava pelo referido caminho. No final do século XVIII, Curitiba estava saindo do estado de miserabilidade em que se encontrava no início desse século.

Em relação à reprodução da estrutura social tradicional, historicamente ela está ligada à forma como se deu a ocupação da terra. Nas regiões centro-oeste e sul do Paraná, atingidas pela expansão da sociedade campeira, reproduziu-se o mesmo estilo de vida patriarcalista baseado na aristocracia fazendeira, como também foram freqüentes as uniões inter-famílias como forma de preservação da grande propriedade.

Após a ocupação de Curitiba e dos Campos Gerais foram descobertos os Campos de Guarapuava, colocando-se de imediato a necessidade de sua ocupação pelos portugueses, antes que os espanhóis o fizessem. Nesse contexto de tensões entre Portugal e Espanha é que Portugal, enviou o Conde Oeyras, (Marquês de Pombal) ao

Brasil. Pombal ordenou ao Capitão General de São Paulo, D. Luís Antonio de Souza Botelho, que expedisse bandeiras de reconhecimento e ocupação aos vales do Iguaçu, Ivaí, Piquiri e Tibagi.

Para cumprir essas determinações, D. Luís enviou a Paranaguá seu sobrinho Afonso Botelho de Sampaio, com instruções para organizar as bandeiras que deveriam marchar para oeste. Foi uma dessas bandeiras, com gente de Curitiba e dos Campos Gerais, que resultou na descoberta dos Campos de Guarapuava. Afonso Botelho comunicou a descoberta dos campos de Guarapuava, localizados no 3º Planalto Paranaense, a D. Luís Cândido Xavier, e ficou ocupando os campos descobertos; mas não recebeu os reforços que pedira, obrigando-se a voltar, por escassez de alimentos, armas e a constante ameaça indígena.

Enfurecido, D. Luis A.S. Botelho chegou a ameaçar Cândido Xavier com a prisão perpétua, intimando-o a restabelecer o domínio sobre os campos de Guarapuava. Em virtude da reação violenta do governador da Capitania, Afonso Botelho resolveu ir em pessoa efetivar a conquista de Guarapuava. Após algum tempo e tentativas, Afonso Botelho constatou que havia a necessidade de reforço militar para submeter o indígena, que era muito numeroso. Diogo Pinto foi o escolhido para chefiar a expedição, que visava não somente a conquista, mas também o povoamento dos campos.

Saint Hilaire, referindo-se à expedição de Diogo Pinto, afirma:

[...] Quando, alguns anos atrás, começaram a construir a estrada para Guarapuava, sob as ordens de Diogo Pinto, forçaram os habitantes da região a trabalhar sem lhes pagarem devidamente, além de os tratarem com excesso de rigor. Mais de mil pessoas abandonaram o distrito, indo refugiar-se na Província do Rio Grande do Sul. Daí a razão por que fui encontrar em Castro tantas casas abandonadas e em ruínas (...). Quando se propalou esta notícia, todas as famílias ficaram aflitas, tendo a maioria dos habitantes preferido fugir e embrenhar-se novamente no sertão infestado de índios a trabalhar quase de graça, longe de suas mulheres e de seus filhos [...] (1820, s.p.).

Chegados à região dos Campos de Guarapuava, o comandante organizou a construção de uma fortaleza, que recebeu o nome de Atalaia. Foi construída de madeira, numa elevação, em forma quadrangular, e defendida por fossas e paliçadas. Em virtude de divergências entre o Pe. Francisco Chagas Lima, capelão militar, e o comandante Diogo Pinto, sobre a localização do novo local para a povoação, ambos escolheram o nome de Nossa Senhora de Belém, que deu origem à atual cidade de Guarapuava.

A ocupação dos campos de Guarapuava por sua vez foi um processo mais de uma vez iniciado e mal sucedido, desde a sua “descoberta”, nos começos do terceiro quartel do séc. XVIII. Aliás, os esforços nesse sentido eram fruto do temor, por parte do governo português de uma efetiva ocupação espanhola, o quê, de resto, já o levará a tentar a consolidação da tomada do território não só pelo estabelecimento de fortificações militares, como também, pelo “desbastamento do sertão”. E, assim, várias penetrações foram feitas através dos vales dos grandes rios, como o Iguaçu, o Tibagi, o Ivaí, entre outros. (PADIS, 1991, p. 21).

As transformações econômicas e sociais que ocorreram na sociedade tradicional campeira²² em relação à agricultura e pecuária foram os fatores principais da ocupação dos Campos de Guarapuava.

1.3 FASES DA OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO

O Sistema de Faxinal constitui uma experiência de desenvolvimento sustentável²³ de grande importância ecológica e histórica da região, constituindo parte significativa da cobertura florestal remanescente do Estado. Trata-se de uma forma de produção camponesa tradicional da região Centro-Sul do Paraná que tem como traço

²² Sociedade tradicional: indica os descendentes do branco-português, negro e índio. Sociedade tradicional campeira: termo utilizado para definir os que, já no século XVIII, dedicavam-se à pecuária extensiva, como criadores e invernadores do gado do sul. (SANTOS, 2001).

²³ O conceito de desenvolvimento sustentável é derivado de esforços sistemáticos para a consolidação de uma sociedade mais estável, racional e harmoniosa, baseada em princípios de equidade e de justiça entre as pessoas em conjunto com a natureza. Fonte: CORIOLANO, Luzia. Lazer e Turismo em busca de uma sociedade sustentável. 1998. pág.118-119.

marcante o uso coletivo da terra conciliado a atividades de subsistência familiar com atividades agrossilvopastoris e conservação ambiental, incluindo a proteção das espécies que, juntamente com a erva-mate, caracterizam a vegetação local.

Apesar de constituir parte expressiva da realidade agrícola e ambiental do Estado e de grande relevância em termos histórico, social e de produção econômica, o Sistema de Faxinal é pouco conhecido pela sociedade científica e pouco valorizado pela comunidade em geral. Na perspectiva local constata-se uma deficiência em termos de pesquisa, conhecimento e conservação do sistema, tanto no que se refere às questões socioeconômicas dos moradores como na conservação do meio ambiente.

Em consequência das fases históricas que condicionaram a colonização do território paranaense, podemos dividir a ocupação do Estado em três áreas histórico-culturais. A primeira área corresponde ao que chamamos de Paraná Tradicional. Esse Paraná iniciou sua história no século XVII, com a descoberta do primeiro ouro encontrado pelos portugueses no Brasil nas localidades de Iguape, Cananéia, Paranaguá e Curitiba. A sociedade aurífera que se formou na região não prosperou o suficiente devido à escassez do minério. Sobraram dessa fase pioneira de ocupação alguns núcleos populacionais esparsos, tanto no litoral como no planalto de Curitiba.

Wachowicz (1995) destaca que no século XVIII, com o surgimento do caminho de tropas que ia de Viamão a Sorocaba, teve início a ocupação dos Campos Gerais. O criatório e o tropeirismo promoveram o desenvolvimento econômico dessa região que corresponderia futuramente a uma boa parte do território do Paraná. Foi esta sociedade, que tinha suas bases em Paranaguá (litoral), Curitiba (1º Planalto) e Campos Gerais, que promoveu, na primeira parte do século XIX, a ocupação dos Campos de Guarapuava e Palmas. Com a anexação desses novos territórios à vida econômica, passou a predominar nas terras paranaenses a economia das fazendas, isto é, do criatório.

Padis (1981, p. 72) afirma, no entanto:

...que o Paraná não chegou jamais a se constituir em região criadoura o que, evidentemente, trar-lhe-ia maiores vantagens, a sua localização geográfica, medeando entre os centros produtores e a grande feira distribuidora, transformou-o em passagem obrigatória das tropas. Este fato fez com que os proprietários de terras as vissem valorizadas e delas auferissem rendas pelo seu aluguel, não obstante a utilização delas para invernagem, tivesse reduzido grandemente a criação de gado bovino na região.

A criação da Província do Paraná, em 1853, somente foi possível graças à economia do criatório nas regiões de Campos Gerais, Guarapuava e Palmas. Na época da emancipação do Paraná, a sua economia passava por uma crise conjuntural que suscitava cuidados. Pouco tempo depois ela começa a reagir e as exportações de erva-mate entre 1852 e 1860, portanto num espaço de oito anos, “multiplicaram-se em valor por quase 25 vezes”. (PADIS, 1981, p. 49).

A atividade ervateira passa, então, a dominar e comandar a economia paranaense e, apesar do grande potencial para exploração, dadas as imensas reservas existentes, a madeira, especialmente o pinho, não desempenhou um papel fundamental na economia paranaense no século XIX. A exploração da erva-mate, árvore nativa da região, representou um novo estímulo para o surgimento da Província do Paraná, devido à grande importância deste produto para economia local.

Depois de ocupar o litoral, o planalto de Curitiba e os Campos Gerais até fins do século XVIII, o povoamento expandiu-se, no século XIX, atingindo, Pitanga, Ortigueira, Tomazina, Ibaiti etc., abrindo um verdadeiro leque em direção ao interior.

Assim como na região do primeiro planalto e litoral prevalecia a economia do mate, na região dos Campos Gerais, a pecuária e o comércio de muare mantinham largo predomínio sobre qualquer outra atividade econômica local.

O estabelecimento de fazendas de gado desde o século XVIII atraiu para esta região um contingente populacional expressivo durante grande parte do século XIX. A

extensão da ocupação dos campos limpos do segundo planalto se processa principalmente nesse século. O povoamento e ocupação dos campos de Guarapuava e Palmas, durante a primeira metade do século XIX, revelam as pretensões expansionistas da economia da pecuária.

A Província do Paraná, do ponto de vista econômico, estava então dividida em duas grandes áreas: a do mate e a da pecuária e tropeirismo. Os campos do Paraná participaram ativamente dessa nova conjuntura econômica, no papel de fornecedores, principalmente de gado. A ocupação dos Campos Gerais, segundo Pinheiro Machado (1987), foi de fundamental importância para o desenvolvimento da comunidade de Curitiba, determinando:

[...] A expansão da comunidade curitibana, determinou uma maior concentração em torno da atividade pecuária. E ligado a essa crescente atividade, o comércio de muaras, provenientes do Rio Grande do Sul, abriu novas perspectivas econômicas para as regiões localizadas ao longo dos seus caminhos [...]. (PINHEIRO MACHADO, 1987, p. 7).

Em meados do século XIX, as fazendas de criação de gado no Paraná se encontram articuladas e atingem toda a sua potencialidade dentro do sistema econômico-social de um período histórico. No ano de 1820, quando da visita de Saint-Hilaire ao Paraná, já havia fazendas e internadas espalhadas em todo o percurso das estradas e caminhos²⁴.

²⁴ As tropas paravam pelo caminho, nos campos, para se reconstituir. Assim, ligando os centros criadouros, localizados no Rio Grande do Sul, ao principal mercado da época – Sorocaba – o caminho atravessava o Paraná, promovendo o surgimento de várias povoações, como Itararé, Jaguariaíva, Lança (Piraf do Sul), Iapó (Castro), Ponta Grossa, Lapa, Palmeira, Campo Largo, entre outros.

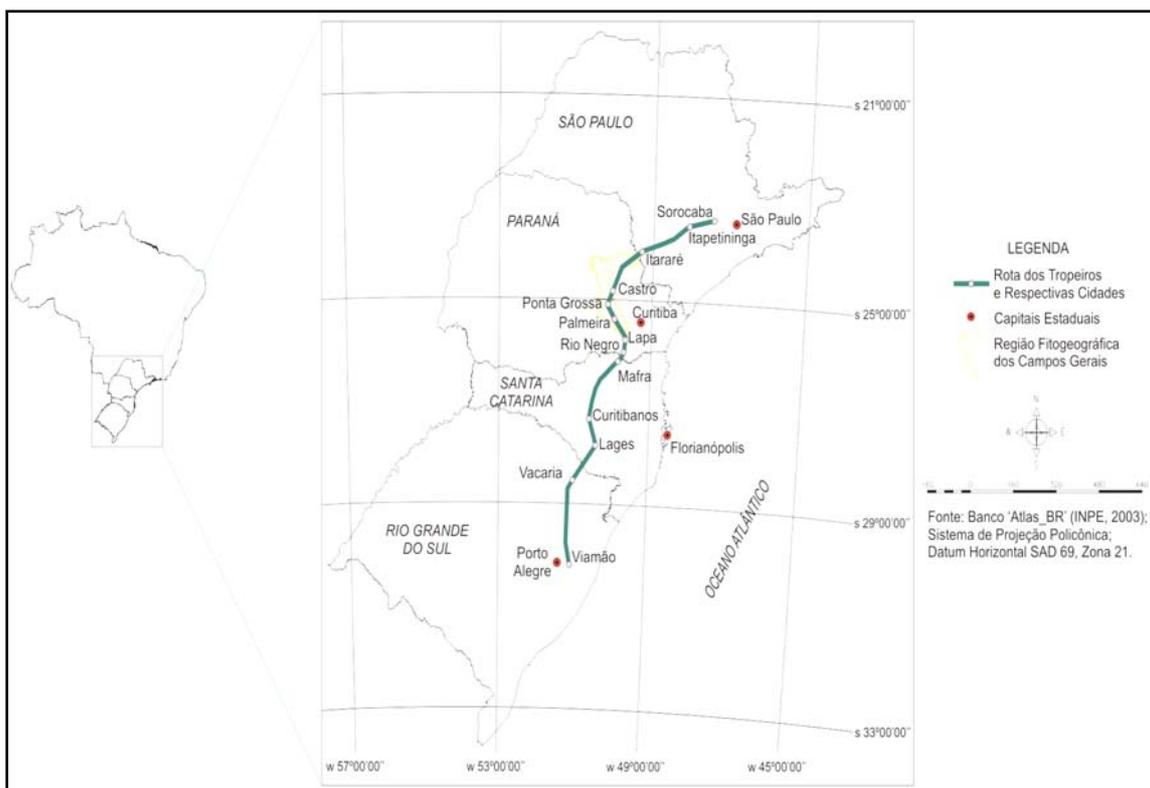


Figura 4- Caminho das tropas.
Fonte: Atlas BR. INPE, 2003.

De acordo com Cunha (2003), observa-se que, de 1800 a 1840, a extensão da pecuária torna-se responsável pela ocupação dos campos de Guarapuava e Palmas e, durante toda a segunda metade do século XIX, verifica-se o estabelecimento de pequenas povoações ao longo do caminho das tropas, como é o caso de Registro de Rio Negro, na fronteira com Santa Catarina, e de Jaguariaíva, na fronteira com São Paulo.

Ainda nesse período, surgiram diversas colônias agrícolas nas regiões do segundo e terceiro planaltos. A formação do Paraná Tradicional, segundo Balhana (1969, p. 115), foi no início:

[...] A população do Paraná, originalmente constituída por alguns faiscadores e mineradores de ouro, estabelecidos no litoral e posteriormente no planalto curitibano, configura-se como um contingente populacional diminuto e disperso [...].

No século XVIII, começou a se estruturar no Paraná Tradicional, notadamente nos Campos Gerais, segundo o modelo de evolução da história regional do Paraná

proposto por Pinheiro Machado, uma economia na qual Curitiba é o centro social e irradiador, dando sustentação a uma sociedade que resultou numa comunidade diferente das demais comunidades regionais existentes no Brasil.

No sentido oeste, encontramos as matas mistas de araucárias que separam os Campos Gerais dos campos de Guarapuava e Palmas. Esses já eram conhecidos desde meados do século XVIII, mas sua ocupação só se efetivou a partir do início do século XIX, como lembra Ribeiro (1989, p. 23), ao esclarecer que: “Guarapuava, instalada em 1810, após as dificuldades iniciais em relação aos indígenas, já estava com seus campos lotados em 1840”. A partir disso, a última alternativa que restava aos criadores de gado eram os Campos de Palmas, que foram ocupados em poucas décadas, determinando o limite sudoeste da Sociedade Campeira do Paraná.

Reforçando a interpretação acima, Padis (1991) afirma:

O domínio da mata de araucárias não cobre uma superfície contínua. Encontram-se, com efeito, lacunas consideráveis ocupadas por “campos limpos”, que nada mais são do que pastagens naturais, desprovidas de árvores, constituídas de uma cobertura contínua de vegetação rasteira, onde predominam as gramíneas. No Paraná, os campos limpos recebem denominações diferentes, conforme a localização. Assim é que tem-se os “Campos de Curitiba”, os “Campos Gerais”, os “Campos de Castro”, os “Campos de Guarapuava”, os “Campos de Palmas” e “de Clevelândia”. (PADIS, 1991, p. 13).

Cunha (2003) destaca ainda que a estrutura fundiária do Paraná Tradicional baseava-se no sistema latifúndio-minifúndio. A presença de latifúndios pode ser explicada pelo fato de a ocupação da região ter ocorrido no período em que autoridades nomeadas pela Coroa faziam a concessão de terras (sesmarias), dando origem a grandes fazendas. As terras eram primeiramente ocupadas por fazendas que concretizavam a posse. Depois se requeria a regularização, a partir da concessão.

A sociedade campeira do Paraná, no século XIX, fornece de forma precisa o mecanismo de exploração que minava as possibilidades de qualquer melhora nas condições de vida da massa dos trabalhadores livres da sociedade campeira.

Nesse quadro de exploração e relações de poder, pobreza e subordinação ocorridos no Paraná, destaca-se uma diferenciação referente ao centro - oeste do estado. É nesse espaço que ocorre a integração entre sociedade campeira e o sistema faxinal, favorecendo a evolução de um processo endógeno de desenvolvimento rural regional distinto do observado em outras regiões do estado.

A originalidade desse processo é dada basicamente por esse sistema, decorrente da crise que se abateu sobre a atividade lucrativa da sociedade campeira, representado pelo tropeirismo. Com a crise ocorreu um êxodo dos campos para as matas que os circundam, já que nas matas as condições de sobrevivência eram melhores, visto que elas continham a erva-mate em abundância.

Grande parte dos fazendeiros²⁵, trabalhadores autônomos dos campos paranaenses inseriram-se na economia da erva-mate, sendo que muitos deles integraram-se ao Sistema Faxinal, cedendo parte de suas terras para a formação dos criadouros comuns. O Sistema Faxinal caracteriza-se como um: “sistema de produção camponês tradicional, característico da região Centro-sul do Paraná que tem como traço marcante o uso coletivo da terra para produção animal e conservação ambiental”. (MARQUES, 2004).

Alguns autores definem “Sistema Faxinal” e outros apenas denominam como “Faxinal”(na maioria das vezes são utilizados como sinônimos). Assim faz-se necessário a definição dos dois termos. Sistema Faxinal é definido por Chang (1988), como a forma de organização camponesa com criação extensiva de animais em áreas

²⁵ O termo “fazendeiro”, diferente de como é utilizado hoje(proprietário de fazenda) significava trabalhador de fazenda(capataz, peão).

comuns; extração florestal dentro de criadouro comum e policultura alimentar de subsistência.

Domingues (1999) aponta o Faxinal como: “sistema agrossilvopastoril secular, com características singulares de uso da terra”. A organização dos Faxinais é analisado por Nerone (2000), como herança cultural da forma de ocupação da terra implantada pelos jesusuítas espanhóis na parte ocidental do Paraná. Nerone (2000), afirma ainda que os Faxinais já existiam no Paraná antes mesmo da vinda de colonos imigrantes europeus, durante os séculos XIX e XX.

Outras correntes apresentadas por (CHANG, 1988) afirmam, porém, que, embora muitos traços do Sistema Faxinal fizessem parte do cotidiano dos caboclos que habitavam a região das matas mistas antes da política de imigração europeia dos séculos XIX e XX, este Sistema, com as suas características próprias, só começa a ser verdadeiramente formado a partir do contato com o imigrante europeu nos finais do século XIX, principalmente os de origem eslava. No Paraná Tradicional²⁶, boa parte dos colonos europeus, que realmente passaram a praticar a agricultura em capoeiras, integraram-se aos criadouros comuns e à coleta de erva-mate no Sistema Faxinal ou mesmo de forma independente.

Foram os imigrantes²⁷ do final do século XIX que deram importante contribuição ao Sistema Faxinal; com eles vieram as cercas, que anteriormente não estavam presentes na divisão coletiva das terras, o que passou a incomodar os caboclos locais, os quais não as viam com bons olhos. Assim, os poloneses foram responsáveis diretos pela introdução de cercas nos sertões paranaenses, e teve como consequência o

²⁶ Paraná Tradicional conforme Santos (2001) teve seu desenvolvimento econômico com o povoamento e a ocupação territorial desde o final do século XVI, através da empresa da caça ao índio e exploração de pedras e metais preciosos no litoral. A lavoura coletiva representa, nas reduções, a expressão da vida comunitária, onde se exporta a erva mate e se produz milho, mandioca e se cria gado.

²⁷ Os imigrantes que influenciaram na constituição e consolidação do sistema faxinal foram os eslavos, principalmente os poloneses e os ucranianos, os quais foram fixados na região de produção da erva-mate e dos faxinais.

declínio do modo de viver seminômade das populações acostumadas com a atividade pecuária.

A vinda de ucranianos da Galícia²⁸, para o Paraná a partir do século XIX transformou toda a região meridional ao pé da Serra Geral, conforme Burko, (1963, p. 47-50), “numa pequena Ucrânia”.

Ainda conforme Lubachevski:

[...] Esta região da Pequena Ucrânia tem seu centro cultural em Prudentópolis, que transformou-se no município brasileiro com maior número de ucranianos e descendentes. Convém lembrar, entretanto, que este grupo étnico não é o único na composição de sua população. Ao lado dele tem-se os poloneses e os caboclos [...]. (LUBASCHEVSKI, 2005, p. 1).

A imigração apresenta-se como um elemento que se agrega aos já analisados para formar a tessitura territorial do Paraná Tradicional, tornando-a bastante complexa e bem específica. As políticas de imigração evoluíram com o tempo e os imigrantes passaram a se dividir em dois grandes tipos: os imigrantes das colônias de tipo camponês e os imigrantes das colônias de tipo capitalista. Conforme Nadalin (2001, p. 63) “as diversas ondas imigratórias européias do século passado, que atingiram o apogeu na passagem do século XIX para o XX, acompanharam o avanço do capitalismo e / ou da transição demográfica”.

O extrativismo das reservas florestais do Paraná Tradicional acabou por estruturar uma nova economia regional: a economia madeireira ou ciclo madeireiro. O novo ciclo ameaçou a existência do Sistema Faxinal pela via do esgotamento dos recursos naturais disponíveis nos criadouros comuns, pois o recurso fundamental nesse sistema é a mata, que fornece frutos silvestres para alimentação dos animais criados à solta, fornece também a madeira utilizada para as cercas.

²⁸ Conforme Andreazza (2004) os imigrantes ucranianos começaram a chegar ao Brasil por volta de 1880. Até 1914 chegaram ao país mais de 45.000 ucranianos provenientes da Galícia Oriental, na região de (Lvov próxima à fronteira com a Polônia) a mais pobre província do Império Austro-Húngaro. Fixaram-se principalmente no Paraná e Santa Catarina.

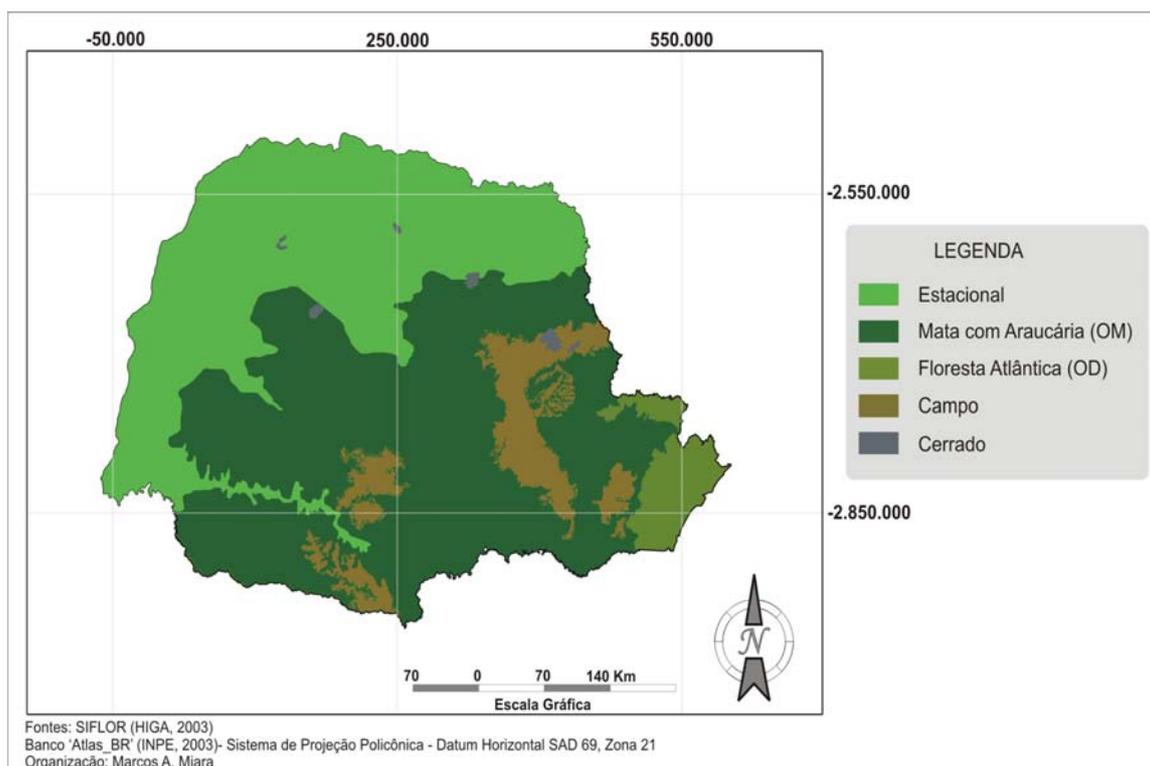


Figura 5- Mapa da cobertura vegetal do Paraná.

Fonte: MIARA, M. A., 2003.

Cunha (2003) destaca que no Paraná Tradicional²⁹ há um aumento da concentração fundiária seguindo padrões diferentes em cada região. Assim, nas regiões de campos a expansão da soja e do trigo ocorreu numa estrutura fundiária que já apresentava um padrão concentrado, que acabou sendo reforçado. Por outro lado, nas áreas nas quais a vegetação original era constituída por matas, no meio das quais se localizam os faxinais, ocorre a extração da erva-mate, sendo também praticada uma agricultura familiar de subsistência.

O padrão fundiário³⁰ manteve-se relativamente estável, com o produtor modernizado correspondendo a uma parcela menos expressiva do que sua incidência em áreas de campos. O Sistema de Faxinal constitui parte expressiva da realidade agrícola e

²⁹ Paraná Tradicional constitui-se na região do Segundo Planalto e campos de Guarapuava.

³⁰ A característica principal deste sistema é que, inserido no latifúndio ou gravitando em torno dele, existe um grande número de pequenos estabelecimentos, nos quais as famílias camponesas não conseguem produzir o mínimo necessário para reprodução social, precisando vender sua força de trabalho aos latifundiários.

ambiental do Estado em termos histórico, social e de produção. O desenvolvimento da economia paranaense passou por uma sucessão de períodos econômicos: o da captura do índio nativo e busca do ouro, o da pecuária, o da erva-mate e da madeira, seguidos do período do café e atualmente da soja e do trigo.

Nos séculos XVI e XVII, áreas cada vez mais amplas no Sul foram alcançadas por grupos paulistas empenhados no apresamento de autóctones [...] ao mesmo tempo os paulistas porfiaram intensamente em localizar terras mineiras, onde pudessem encontrar ouro, prata ou pedras preciosas. (IANNI, *Apud* CHANG, 1988, p. 18). Esse evento histórico será marcante para a formação dos faxinais na figura do caboclo, grupo étnico numericamente considerável na estrutura social nas comunidades do tipo Sistema de Faxinal. De acordo com Sponhols (1971), a contribuição do caboclo foi de suma importância, para a extração da erva-mate e de madeira, devido sua tendência extrativista de aproveitar tudo aquilo que a natureza oferece espontaneamente.

No final do século XVI, a descoberta de ouro nos rios da Bacia de Paranaguá, fez com que aumentasse o interesse por essas áreas, estabelecendo a Vila de Paranaguá, apesar de que o objetivo fosse à descoberta de minas. Mas, “os metais preciosos encontrados em rios duraram certo tempo e os campos de Curitiba passaram a receber a visita constante dos mineradores instalados no litoral”. O caboclo é o descendente de índios cativos miscigenados com europeus. (SANTOS, 2001, p. 23 -25).

No planalto, porém, não houve a mesma euforia na procura de ouro, pois exigia sacrifícios enormes para se obter recompensas mínimas. O estabelecimento de habitantes nos campos de Curitiba originou, inicialmente, a fundação de povoados, inclusive a criação da Vila de Curitiba, estimulando a formação de uma economia de subsistência, próxima às áreas de mineração, constituindo a primeira ocupação agrícola do estado. “De um modo geral, durante a primeira fase econômica paranaense,

constituída de economias locais de subsistência e de mineração, houve predominância da mão-de-obra escrava indígena”. (SANTOS, 2001, p. 24).

Ao longo do tempo a força de trabalho foi se consolidando em mineradores, agricultores e criadores, de maneira que a mão-de-obra dos indígenas escravizados foi sendo substituída pela negra. Devido às novas descobertas de ouro em outras regiões do território brasileiro, a região paranaense foi abandonada e os habitantes passaram a se dedicar exclusivamente a pequenas plantações, para a própria alimentação e para permutas.

De acordo com Chang (1988) em decorrência da estrutura econômica e social, surgiram homens livres e homens escravizados, e assim, com a decadência da produção do ouro, ocorria uma condensação da população na zona de Curitiba, que só foi minimizada a partir do processo de interiorização da população em direção aos Campos Gerais, atraídos pela produção pecuária e expansão do mercado consumidor de carne e produtos agrícolas.

Segundo Machado *apud* Santos (2001) a ocupação dos Campos Gerais foi resultado da expansão da comunidade curitibana, a qual possibilitou o estabelecimento de vilarejos ao longo do caminho de São Paulo para Curitiba. A mão de obra predominante nas fazendas dos Campos Gerais era ainda a escrava, e os homens livres estabeleciam-se nos campos formando pequenos grupos produtores de carne e demais gêneros alimentícios, próximo aos latifúndios de criação de gado.

Nem todo trabalhador tinha acesso a terra, surgindo assim, uma camada intermediária entre os trabalhadores autônomos e os escravos, denominados agregados, os quais eram destituídos de qualquer recurso, agregavam-se às fazendas, nas quais construía suas moradas e trabalhavam a terra por contratos verbais. (MACHADO *apud* CHANG, 1988, p. 21). Após a abolição, os escravos livres abandonavam as fazendas dirigindo-se para as cidades, e, com isso, os agregados os substituíam nas

atividades da fazenda como empregados, sendo denominados camaradas. A categoria dos agregados constituía a maioria dos trabalhadores na coleta da erva-mate, inclusive afluindo para a região das matas mistas do Centro-Sul.

Para Merten (1994), as primeiras migrações ocorreram na região dos Campos Gerais. Com a decadência do ciclo do ouro e a expansão da produção pecuária, um contingente de agricultores do primeiro planalto curitibano e de agregados das fazendas de gado dirigiam-se para a região das matas de araucária, estabelecendo-se nos ervais, formando comunidades, que posteriormente, foram aumentando. Com o ciclo do tropeirismo, dada a necessidade de áreas para pouso dos animais, formam-se povoados na região, os quais, no final do século XIX, deram origem aos faxinais na forma de criadouros comunitários. Os latifúndios, na região dos faxinais no Centro-Sul eram doados pela Coroa aos coronéis, que pouco exploravam a terra.

Até o período de formação dos faxinais, tanto os fazendeiros dos campos quanto os caboclos nativos das matas mistas do Centro-Sul, tinham o costume de criar os animais “à solta”, devido às características da estrutura interna das fazendas, baseada na criação extensiva, e na agricultura de subsistência fundamentada na produção alimentícia para suprir as necessidades do próprio grupo ali residente.

A estrutura interna das fazendas era praticamente auto-sustentável, apoiada na produção de gêneros alimentícios como milho, feijão e arroz em pequenas áreas, geralmente cercadas com varas e bambus, impedindo a entrada dos suínos que eram também de grande importância na produção de carne, banha e derivados. Nas matas mistas do Centro-Sul, a abundância da erva-mate e a demanda por gêneros alimentícios propiciam uma inversão no processo de produção agrícola e criação de animais.

CAPÍTULO II

2. CARACTERIZAÇÃO DOS FAXINAIS DO PARANÁ

2.1 PERSPECTIVA HISTÓRICA DOS FAXINAIS

Seja em termos históricos ou de área, população e produção, os faxinais constituem parte expressiva da realidade agrícola do Estado do Paraná. Existem duas vertentes básicas para a origem do Sistema Faxinal. Uma descrita por Chang, 1988 que utiliza elementos da evolução capitalista dos meios de produção, através do exame do processo e da organização do trabalho na racionalidade da produção agrícola dos camponeses faxinalenses, e a vertente, descrita por Nerone(2000), citada por Sarh, (2003), que traz o enfoque da construção do Sistema Faxinal pelo processo histórico, das experiências do cotidiano e das relações sociais como, principalmente, uma herança cultural na forma de ocupação da terra implantada pelos jesuítas espanhóis da parte ocidental do Paraná, ou seja, das Reduções Jesuíticas.

Popularmente, “Faxinal” significa **mato grosso**; mato mais denso, quando comparado com as matas ralas ou os campos, que era a referência da população vinda dos campos. Porém, etimologicamente, “Faxinal” significa **mato ralo** com vegetação variada ou braço de campo com árvores esguias que penetra as matas.³¹ É neste tipo de mata denominada “Faxinal”, que se formaram os criadouros comuns. Conseqüentemente é habitual os colonos empregarem a palavra “faxinal” enquanto mata e o seu uso em forma de criadouro comum, como se fossem sinônimos.

Para Carvalho (1984), o termo faxinal provavelmente se originou de faxina, ou seja, limpeza sob o bosque que a criação solta promove. Tudo indica que o uso

³¹ CHANG, M.Y. In: IAPAR - Instituto Agrônomo do Paraná. Informe da Pesquisa. Ano XII n. 80 março/88, pág.3.

coloquial da palavra faxinal originou-se dos caboclos nativos, que assim denominavam este tipo de vegetação mais densa.

De acordo com Chang (1988, pág.3), a rigor, faxinal e criadouro não são, porém, necessariamente sinônimos, pois o significado do termo Faxinal é ainda mais amplo. Este se refere à vegetação, enquanto que criadouro comum refere-se ao seu uso, situações que não precisam coincidir. Assim sendo, é possível encontrar na região matas do “tipo faxinal” com outro uso ou finalidade. A organização dos faxinais baseia-se no uso coletivo da terra em sistema agrossilvopastoril, através da formação de criadouros comunitários, em decisões e trabalhos realizados pelo conjunto da comunidade, preservando a paisagem florestal nativa do Bioma Floresta com Araucária e garantindo a sobrevivência de famílias de diferentes níveis econômicos em equidade.³²

Os faxinais são constituídos por diversas parcelas de terras de forma contínua, com proprietários distintos. Não há cercas internas que dividam as áreas de dois ou mais proprietários. As cercas existentes dentro de uma área de Faxinal são as que fazem divisas entre a residência do morador e o criadouro comunitário.

Nerone (2000) simplifica que:

[...] A comunidade habita a área de criadouro comum, indivisa e que oferece paisagem peculiar. As moradas possuem, na sua maioria, uma cerca ao redor, delimitando cada morada e seus espaços contíguos como o quintal, o jardim, o pátio de outros espaços denominados de mangueiras e mangueirões, locais de engorda dos porcos ou cativeiro para animais daninhos [...].

Para Chang, à semelhança dos demais sistemas de produção familiares, o Sistema Faxinal apresenta as seguintes características: produção animal - criação de animais domésticos, para tração e consumo com destaque às espécies eqüina, suína, caprina, bovina e aves; produção agrícola – policultura alimentar de subsistência para abastecimento familiar e comercialização da parcela excedente, destacando-se as

³² CHANG, M.Y. In IAPAR - Instituto Agrônomo do Paraná. Informe da Pesquisa. Ano XII n. 80 março/88.

culturas do milho, feijão, arroz, batata e cebola; coleta de erva-mate, pinhão – ervais nativos desenvolvidos dentro do criadouro e coletados durante a entressafra das culturas, desempenhando papel de renda complementar.

O período de formação dos faxinais com tais características se situa na virada do século passado, entre o período da decadência da pecuária e a ascensão do mate. Tanto os fazendeiros dos campos nos tempos da atividade do criatório e do tropeirismo no século XVIII e XIX, quanto os caboclos nativos das matas mistas do Centro-Sul, tinham o costume de criar à solta.

Carvalho (1984), sintetiza que a origem do sistema faxinal se deu com a expansão das áreas de culturas anuais, já que a alternativa na época era a de cercar estas áreas para evitar a presença dos animais, mas que o crescimento das áreas de cultivo determinou o processo inverso, ou seja, cercar as áreas de pastagem. Desta forma o criadouro comum se apóia em dois elementos básicos: separar as áreas de pastagem das de cultivo e a busca de solução para economizar recursos materiais e humanos para a construção das cercas, destacando que este foi o elemento econômico que induziu o uso comunal da terra.

O que torna o atual Sistema Faxinal atípico é a sua forma de organização. Ele se distingue das demais formas camponesas de produção no Brasil pelo seu caráter coletivo no uso da terra para a produção animal. A instância do comunal é consubstanciada, nesse sistema, em forma de criadouro comum. Da perspectiva de mata densa e criadouro comum, o Sistema Faxinal é considerado como uma forma particular de aproveitamento dessa mata conjugada às áreas vizinhas, cuja peculiaridade se assenta sobre o uso comum das terras de Faxinal para a criação extensiva e para o extrativismo da erva-mate.

Economicamente, o Sistema Faxinal se caracteriza pela criação extensiva de animais em áreas comuns; extração de erva-mate e também da madeira, dentro do criadouro comum e através da policultura alimentar nas terras de plantar ao seu redor. Com uma abrangência estimada em 1/6 do território do Estado do Paraná, a parte

Centro-Sul caracteriza-se como região dos faxinais. (CHANG, 1988, pág. 3). Entretanto, percebe-se uma redução dessa região nas últimas décadas. Em 1994, de acordo com a EMATER, havia 121 faxinais no Paraná. Já em 2004, o Instituto Ambiental do Paraná reconhecia apenas 44 comunidades que ainda preservam as características do Sistema Faxinal.

O censo parcial de 2007 verificou crescimento da participação relativa da área de lavoura em relação às áreas de pastagem e florestas que, em 1970, era de 4,5; em 1995, 4,2; e passou para 2,2 em 2006. Vale destacar que, embora os resultados sejam preliminares, a alteração de patamar na relação entre área de lavouras e área de pastagens é muito significativa e representa uma grande mudança na utilização das terras do país.

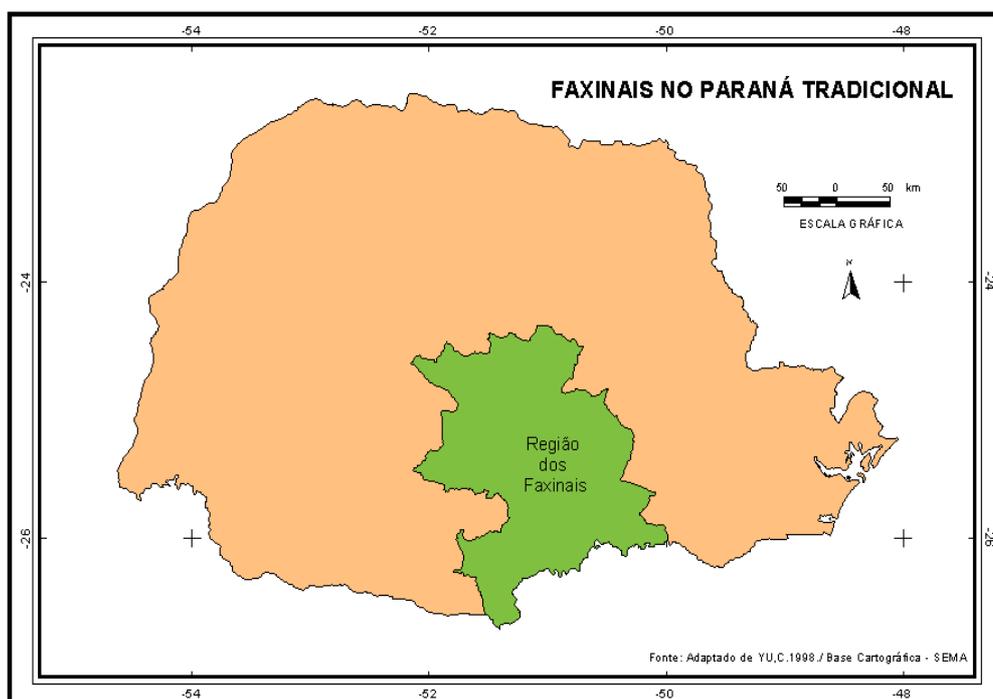


Figura 6 – Mapa de localização dos faxinais no estado do Paraná.
Fonte: CUNHA, A. 2003, p.63.

As terras no Sistema Faxinal são divididas conforme seu uso, através das características físicas e pela capacidade de aproveitamento econômico pela comunidade, formando dois grupos de terras no Sistema Faxinal: as terras de criar e de plantar.

As terras de criar constituem um conjunto de localidades privadas e próximas entre si, colocadas em uso comum. Já as terras de plantar são propriedades que embora próximas, têm um uso privado. As primeiras são separadas das segundas por uma cerca comum, bem fechada, ao longo do seu perímetro.

Em geral, as terras de criação, que constituem o próprio criadouro comum, são separadas por vales ou áreas mais rebaixadas, com relevo suave ondulado e presença de aguadas. Predominam nestas áreas solos vermelhos, ácidos e profundos, favoráveis ao desenvolvimento de espécies vegetais de grande porte.

São comuns nestas áreas as árvores madeireiras, sendo a mais conhecida, o pinheiro do Paraná ou a Araucária Angustifolia (nome científico vegetal), seguido pela imbuia, à caneleira, o cedro, entre outras. (CHANG, 1988, pág.6). Segundo Gubert Filho (1987), além de todas estas espécies vegetais de grande porte, deve-se dar ênfase às pastagens nativas que são de vital importância para a sustentação do sistema de criação extensiva.



Fotografia 1 - Animais à solta representando a forma tradicional do Sistema Faxinal-criadouro comunitário. Fonte: Acervo da autora, 2007.

Os criadouros comuns são formados por matas densas, campos nativos e matas ralas que constituem uma das últimas áreas com cobertura florestal nativa do Estado. Apresentam uma biodiversidade das espécies florestais nativas e dos sub-bosques inferiores com muita beleza paisagística.



Fotografia 2 – Moradores e criações no Faxinal Taboãozinho. Fonte: Acervo da autora, 2007.

As espécies nativas mais comuns são: araucária, erva-mate, canela-imbuia, cedro, imbuia, entre muitas outras. Estes “espaços verdes” constituem um ambiente permanente de preservação e reprodução da flora e fauna típica da região (SEPLAN, 1994). Nos criadouros encontram-se também árvores frutíferas silvestre como a guabirobeira, a pitangueira, e a cerejeira, que servem como fonte de alimento nativo para a criação e também para os moradores locais. Já as terras de plantar, localmente denominadas de “capoeira”, localizam-se em geral em áreas mais íngremes do relevo, em que predomina o solo branco e raso, menos ácido, impróprio à formação de matos grossos, sendo, pois, mais adequado para a prática da agricultura.

Para Chang (1985), houve uma inversão na forma de cercar os animais devido às mudanças na estrutura da produção. As lavouras passaram a ser abertas e as criações passaram a ser fechadas em um criadouro comunitário, devido à necessidade de preservar as extensões de ervais nativos contínuos. Assim, cercar o criadouro em seu perímetro, significa economia de cerca, em relação ao cercamento das lavouras.

Cercando-se os ervais e utilizando-os para a criação de animais no sistema extensivo, obtinha-se vantagem de cativar a mão - de - obra agregada e mantê-la próxima e disponível para as safras de erva-mate, que duram em média de três a quatro meses por ano. Esses trabalhadores por sua vez produziam sua própria subsistência nos períodos de entressafra, o que significa dizer que a criação doméstica dentro do criadouro constitui uma estratégia de subsistência nos períodos de entressafra.

Para Chang (1985), o criadouro comunitário nada mais é do que uma forma de solucionar os problemas de mão-de-obra, numa época em que o mercado de trabalho era pouco organizado. Historicamente o criadouro comum significava uma interação entre abundância de terra e mão-de-obra, com a escassez de capital.

Segundo Sponhols (1971), a fundação de povoados e fixação dos colonos na ocupação dessas áreas se deu devido à importância econômica da erva-mate na época, e

ao fator climático, favorável aos grupos europeus. Dentre os grupos étnicos colonizadores do Paraná, sem dúvida, os poloneses e ucranianos são os que mais se destacam. Entre os anos de 1892 e 1910 cerca de 35.000 imigrantes de descendência europeia, vieram ocupar a região Centro-Sul do Estado do Paraná, sendo a micro-região de Irati, a mais ocupada pelos poloneses e ucranianos.

Além desses grupos étnicos, ocorreram posteriormente colonizações com alemães, russos, italianos, espanhóis, além da contribuição dos caboclos. A partir das duas primeiras décadas do século XX (1900 a 1920), o fluxo de imigrantes europeus intensificou-se. Estes se integraram na atividade ervateira e ao mesmo tempo incrementaram a produção agrícola. Tomando por base os Faxinais de Prudentópolis, temos o caso da comunidade de Papanduva de Baixo, que mantém o criadouro comunitário somente com base no direito consuetudinário³³, enquanto que a comunidade de Barra Bonita possui escritura pública de instituição de criadouro comunitário e por sua vez a comunidade do Paraná Anta Gorda tem escritura particular de instituição de criadouro comunitário.

Para Nerone, (2000):

[...] Vários tipos de propriedades permeiam o Sistema Faxinal, abrangendo as diversas categorias sociais que resultam desse modelo, sejam elas: a propriedade de terra dividida em terras de plantar e de criar; a propriedade das benfeitorias; a propriedade das lavouras; a propriedade da criação; a propriedade da floresta [...].

Esse sistema, em relação à propriedade da terra, revela a existência de dois grupos diferenciados: o dos proprietários e o grupo dos usuários (sem-terra). No primeiro grupo, encontram-se dois subgrupos: o proprietário de terreno de lavoura e de

³³ É o direito que surge dos costumes de uma certa sociedade, não passa por um processo de criação de leis como no Brasil onde o legislativo e o executivo criam leis, emendas constitucionais, medidas provisórias etc. No direito consuetudinário, as leis não precisam necessariamente estar num papel ou serem sancionadas ou promulgadas. Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Direito_consuetudin%C3%A1rio.

terras de criar e o proprietário de uma extensão de terra dentro do condomínio dos pastos (terra de criar).

Pode-se identificar proprietários de extensões de terra de até 50 alqueires, mas predomina a posse de terras menores entre os proprietários que detêm inclusive os meios de produção, as casas, as benfeitorias construídas em seu terreno e de seu uso particular, dentro do espaço socializado. Também são de sua propriedade os animais e as árvores em pé. O corte de qualquer árvore ou arbusto é exclusividade do proprietário da terra, de modo que cabe somente ao dono dispor da mata e da exploração da erva-mate.

Assim sendo, os ervais, apesar de inseridos no criadouro comum, são aproveitados privativamente pelos respectivos donos das terras. Já o proprietário de uma extensão de terra dentro do condomínio dos pastos cria animais de pequeno e médio porte, além de aves. Também dispõe de alguns instrumentos de trabalho, e de casa para morar, mas, como não é proprietário de terras de plantar, trabalha em terras alheias, como arrendatário, parceiro e, mais comumente, atua como mão-de-obra para o proprietário do erval e das terras cultiváveis.

Aqueles que não possuem terra alguma, não são proprietários de animais, nem de casa de benfeitoria, moram de favor num casebre que lhes é concedido e consideram-se proprietários da paisagem de um modo geral. No Sistema Faxinal há, portanto, um modo específico de seus habitantes organizarem e distribuírem o espaço de sua moradia da produção, que não é junto da plantação, como os demais colonos no Paraná, no meio rural, mas junto dos animais e da floresta.

O Sistema Faxinal é um sistema agrossilvapastoril secular, com características singulares de uso da terra. É uma herança cultural da forma de ocupação da terra implantada pelos jesuítas espanhóis na parte ocidental do território do Paraná. (NERONE, 2000).

É interessante notar o conceito de propriedade, ou ainda o contexto cultural e social em que se elabora este conceito, pois o faxinalense identifica assim o seu espaço social. Esse sistema de organização apresenta características culturais bem marcantes e contribui para a fixação do homem do campo e manutenção da Floresta com araucária.

A partir das duas primeiras décadas do século XX (1900-1920), o fluxo dos imigrantes europeus intensificou-se. Estes se integraram na atividade ervateira na região dos ervais e também incrementaram a produção agrícola. Essas mudanças na estrutura da produção levaram à inversão da racionalidade dos cercamentos. A partir desse período, as lavouras passaram a ser abertas e as criações fechadas, porém em grandes extensões formando os criadouros comuns.

A racionalidade do coletivo firmava-se porque havia a necessidade de se preservarem extensos ervais nativos contínuos, devido a importância do mate na época. Ao mesmo tempo, a área reservada poderia ser aproveitada para a criação de animais no sistema extensivo, ou seja, que exigia extensas áreas de pasto devido a sua baixa qualidade e também pela presença de cursos de água naturais. Cercar o criadouro no seu perímetro significava uma economia expressiva de fixação de cercas em comparação com a somatória das cercas individuais.

O fato de a safra de mate ocupar a mão-de-obra por um período de apenas três ou quatro meses, impossibilitava aos proprietários dos ervais manterem sua mão-de-obra nas entressafras, o que levava os trabalhadores a produzirem a sua própria subsistência, fazendo com que a criação doméstica nos criadouros comuns torna-se parte integrante do contexto produtivo da região. De modo geral, a comunidade se funde sobre uma estrutura fundiária extremamente desigual. Os laços comunitários, embora muitas vezes coletivos, mantinham-se devido a interesse mútuos. Assim, “o criadouro comum surge como uma forma de solucionar os problemas de mão-de-obra numa época e num espaço em que o mercado de trabalho era pouco organizado” (CHANG, 1988). E,

“historicamente, o criadouro comum significa uma interação entre a abundância de terra e de mão-de-obra e a escassez de capital”³⁴.

Como mecanismo interno de funcionamento, o fator preponderante na geração de normas de organização do sistema Faxinal repousa sobre a construção e a manutenção das cercas do criadouro comum. Essas normas têm, como origem, leis surgidas a partir do próprio exercício do coletivo. A filosofia central dessas leis se baseia sobre o princípio comunitário de direitos contra obrigações – todos têm o mesmo direito desde que participem de alguma forma, das obrigações e a opinião da maioria deve prevalecer toda vez que se faça necessário uma modificação ou surja um impasse.

Com relação à atividade ervateira, e a organização da produção elucidada quanto aos mecanismos internos de funcionamento do Sistema Faxinal, onde se observa uma nítida divisão de categorias sociais. O fato de, nos tempos do mate, a economia regional girar em função desse produto, a forma como o indivíduo se inseria dentro dessa atividade praticamente definia sua posição social. Havia os fazendeiros de ervas, os pequenos proprietários e, também os produtores e coletores de erva e os coletores que formam a grande maioria.

Conforme Avé - Lallemant *apud* Paz (1987):

[...] Percorrer as províncias do sul mais parece se transpor para uma civilização do mate. Os homens, mulheres e crianças que margeiam as matas dedicam-se quase que exclusivamente a esta atividade, especialmente entre março e setembro. Contudo, na medida em que os ervais se localizam no interior das matas - cujo acesso oferecia perigos – os coletores se organizaram em grupos, penetrando-as com burros e carroças. Distantes de suas casas construíam uma cabana, um abrigo temporário para, após, iniciarem o corte. Armados de um facão de aço decepavam os galhos e retiravam a folhagem, secando-a em fogo brando e moendo-a [...] (AVE – LALLEMANT *apud* PAZ, 1987, p. 16).

³⁴ In: Albuquerque, Jey Marinho de. Análise fitossociológica da vegetação do Faxinal de marmeleiro de cima no município de Rebouças-PR. 2005. Monografia. Curso Especialista.

De modo geral, as técnicas de cultivo das terras no Sistema Faxinal eram bastante rudimentares, caracterizadas pela força de tração animal e agricultura de subsistência. A pecuária, além de fornecer carne, banha e leite para as famílias, servia de tração para as atividades agropecuárias e para o transporte, além de se tornar uma fonte alternativa de renda para a unidade produtiva.

A queda vertiginosa das exportações do mate em 1930 marcou a última e definitiva crise da economia ervateira no Estado do Paraná. A principal atividade que até então dava sustentação econômica ao sistema Faxinal passou a perder espaço em virtude das técnicas de cultivo rudimentares e do desenvolvimento do clico da madeira.

Contrário às expectativas, o Sistema Faxinal permaneceu de forma sólida e produtiva nas três décadas subseqüentes ao ciclo da erva-vate. Historicamente o setor de subsistência, sempre nos intervalos entre os ciclos ocupava e expandia seu espaço produtivo, embora esta expansão fosse mais em termos populacionais e territoriais do que em produção. Isto porque justamente o declínio da atividade condutora³⁵ fazia contrair ao mesmo tempo a demanda local por víveres.

O setor de subsistência deixou de ser atrelado unicamente ao setor de exportação da erva-mate pelo Porto de Paranaguá. A agricultura e a produção animal de subsistência dinamizaram-se em função do mercado interno regional que se consolidava. A economia ervateira, ao invés de ligar-se a capitais estranhos à região ou ao país, internalizou o seu processo de produção e beneficiamento, usando capitais provenientes do mesmo setor.

Paralelamente, a exploração da madeira permitiu um acúmulo de renda em um período relativamente curto de tempo, o que reforçou a burguesia e o mercado local. Além disso, a atividade provocou a ampliação e o melhoramento do sistema viário e a conseqüente introdução do transporte motorizado uma vez que a procura pela madeira

³⁵ Atividade econômica que determina as relações de produção e emprego da maior parte dos recursos disponíveis.

crescia. Tais melhorias (rodovias e transporte) resultam em estímulos significativos para o desenvolvimento do mercado interno.

Nesse sentido, a produção do Sistema Faxinal se expandia na mesma medida em que a demanda do mercado interno crescia; mas com o peso relativo das atividades alterado. As atividades de subsistência que até então desempenhavam papel complementar passaram a ganhar maior importância frente à atividade ervateira no que diz respeito à geração de renda. De acordo com Chang³⁶, quanto à estrutura fundiária, o declínio da atividade ervateira provocou um processo de fracionamento das imensas fazendas de erva-mate via herança. Hoje, muitos dos pequenos produtores da região são herdeiros e descendentes diretos dos fazendeiros/ coronéis de erva.

O mesmo processo ocorria com as unidades de produção menores. A cada geração, a área por unidade era reduzida até atingir um limite mínimo de área, definido pelos criadores, em comum acordo, para a reprodução simples de uma unidade familiar. Dessa forma, o predomínio numérico das pequenas unidades de produção levou a considerar o sistema Faxinal como uma forma de organização camponesa específica.

Conforme Chang, entre as décadas de 50 e 60 tem início o chamado processo de desagregação dos faxinais. A agricultura no país passa a ser vista como um setor para servir aos interesses dos capitais industriais e o setor agrícola desempenha um papel de consumidor para máquinas, equipamentos e insumos industriais e o papel de supridor de matérias-primas industriais e de alimentos.

Com base nas argumentações acima, percebe-se a orientação das políticas agrícolas para as questões de produção, desconsiderando os problemas do homem do campo, propriamente dito. Para os adeptos de técnicas mais modernas de produção, o criadouro de uso coletivo comum deixa de desempenhar o mesmo papel na reprodução familiar. A área em comum passa a ser alvo de investimentos mais intensivos por parte

³⁶ CHANG, M.Y. **In: Faxinais no Paraná.** Instituto Agrônomo do Paraná – IAPAR – Informe da pesquisa. Ano XII n. 80 março/88.

dos faxinalenses, em que o pressuposto da apropriação privada dos benefícios do próprio investimento faz com que o proprietário reivindique a privatização do uso da sua terra.

2.2 PERSPECTIVAS POLÍTICAS, ECONÔMICAS E SOCIAIS

Além dessas considerações anteriores, outros fatores contribuem para o processo de desagregação dos faxinais: o esgotamento da fronteira agrícola, na medida em que colonos de outros Estados passaram a procurar o Centro-Sul paranaense como uma região alternativa de fronteira; os reflorestamentos, cuja a implantação foi estimulada por políticas de incentivos fiscais.

O esgotamento dos recursos naturais também é uma realidade decorrente da exploração predatória das madeiras e da exploração contínua pelos próprios colonos, empobrecendo a cobertura vegetal. Há que registrar também o declínio da produção do mate, o que já não justificava a preservação dos ervais nativos, tampouco a manutenção do contingente das famílias agregadas às fazendas. Havia ainda a Lei Federal dos 4 fios, que estabelece desde 1916, no Código Civil Brasileiro, que as criações é que devem ser cercadas e não as plantações, o que contradiz as leis que regulam os criadouros. (CHANG, 1988, p.16-19).

Como resultado da desagregação do Sistema Faxinal, a estratégia do modo de produção dos pequenos produtores se torna mais difícil, principalmente quando estes saem do campo para a cidade a procura de outras estratégias de sobrevivência. Mas, ao mesmo tempo, boa parte dos faxinais, que antes servia para o pastoreio dos animais, se torna ociosa.

[...] O Faxinal da Barra, a exemplo de outros faxinais do Município e de quase todos os da região tem sofrido o assédio dos Agricultores vindos do Sudoeste do Estado para a compra

de terras e isto tem gerado não poucos problemas... procuram eliminar toda a floresta... geram inúmeros conflitos a ponto de ocasionar o fechamento dos faxinais. As autoridades locais por sua vez estimulam a implantação das lavouras e obrigam o fechamento dos animais o que inviabiliza as atividades de muitos e pequenos proprietários, arrendatários e meeiros que sem terra suficiente para suas criações, as vendem e migram para a cidade, considerando que muitas vezes constituíram suas casas em terras de Faxinal que não lhes pertence [...] (GUBERT FILHO, A.1987, p. 34).

Do ponto de vista ecológico, o sistema Faxinal pode serve como forma de preservação das coberturas vegetais. Do ponto de vista puramente produtivista, em termos de rendimento por área, o criadouro não é uma das formas mais produtivas se comparado com os métodos mais modernos de criação³⁷.

Numa perspectiva social, os criadouros comuns permitem que a produção dos agregados e os pequenos produtores se viabilizem com um mínimo de aplicação de capital e mão-de-obra. Estes pequenos produtores já têm as áreas comuns incorporadas nas suas estratégias de reprodução. Não resta dúvida de que a permanência dos faxinais no atual quadro de capitalização de produção agropecuária requer que estes se tornem também viáveis do ponto de vista econômico. A produção nas terras comunais dos faxinais está calcada em atividades agrárias e pecuárias que permitem à população local desenvolver também atividades voltadas ao atendimento externo³⁸.

Dessa maneira, a implantação de projetos de turismo rural como fator de desenvolvimento econômico poderá surtir efeito para minimizar o êxodo que está ocorrendo nos faxinais se forem considerados alguns pilares que podem ser resumidos em quatro princípios, conforme Bravo (2000): “deve ser economicamente viável; ecologicamente correto; socialmente justo; e verdadeiramente rural”.

O turismo rural, como atividade econômica, deve ser acessível ao produtor rural de qualquer porte, com o menor investimento possível, aproveitando-se o que já existe

³⁷ Fonte: Publicações da Sócios Economia.Faxinais no Paraná.In:www.pr.gov.br/iapar/ase/008.html.

³⁸ Fonte: Publicações da Sócios Economia.Faxinais no Paraná.In:www.pr.gov.br/iapar/ase/008.html.

na propriedade e promovendo a verticalização dos produtos, isto é, deve agregar valor à propriedade e ao que ela produz ou oferece, servindo como complementação de renda. No caso específico dos faxinais, a atividade do turismo rural poderá contribuir para a preservação da cultura faxinalense, bem como para a permanência do homem no campo desde que tais atividades não contribuam para a aceleração da desagregação sócio-ambiental, geralmente provocada pelo turismo de modo geral.

As desarticulações do Sistema Faxinal têm implicações econômicas, sociais, ambientais, políticas e culturais para os camponeses que vivem dentro da organização do tipo Faxinal, que passam a deixar de ter a relação que antes tinham com a terra e que referenciava também a sua concepção de mundo. Essa questão não diz respeito somente às comunidades que vivem dentro da organização do Sistema Faxinal, mas também a todo o restante da sociedade, pois as implicações do desaparecimento desse sistema são amplas e abrangem questões e problemas como a Reforma Agrária, a Política Ambiental e a conservação da memória de uma comunidade.

Procurar alternativas para garantir a sobrevivência dos faxinais que restaram no interior dos municípios paranaenses é de fundamental importância para a preservação do ecossistema, do modo de vida, da cultura e das identidades dessas comunidades e desses espaços. A falta de uma política que proporcione a permanência do pequeno proprietário em suas terras, garantindo os pressupostos básicos para a sobrevivência de sua família, faz com que muitos desses pequenos proprietários vendam suas propriedades para grandes fazendeiros, que implantam nas terras o sistema de monocultura intensiva, devastando as matas nativas que antes sustentavam as comunidades faxinalenses.

Dessa maneira, destacamos que o turismo rural também deve respeitar e preservar o meio ambiente, preocupando-se com os seus impactos, promovendo a educação ambiental. Seus efeitos na comunidade devem se refletir na geração de renda e

no refreamento do êxodo rural, integrando e melhorando as condições de vida da comunidade, distribuindo os seus benefícios.

Outro fator importante para o turismo, diz respeito aos atrativos, que devem ser naturais, não oferecer atrativos artificiais, estar comprometidos com a produção rural, seja em pequena ou grande escala, valorizar a cultura e os talentos locais.

Em julho de 2004 criou-se a “Rede Faxinal”, que envolve representantes de órgãos do governo, prefeituras municipais e comunidades faxinalenses para buscar alternativas sustentáveis de renda apoiadas no resgate da auto-estima dos faxilanelenses. Para agilizar os trabalhos, foram criados ainda três subgrupos: articulação política, mobilização popular e questão jurídica. A vinculação da economia com o espaço rural ainda é predominante, e, no caso dos planaltos que abrigam as matas com araucária, fortemente marcada por uma agricultura familiar, em especial nas áreas de ocorrência do Sistema Faxinal.

Nessa nova abordagem da Rede Faxinal, o eixo liga-se a um conceito de território visto como um espaço delimitado, no qual aspectos físicos e econômicos se integram a uma “dimensão sociocultural da população local”. (WANDERLEY, 2000, p. 116). Dessa forma “o território é também percebido como um espaço de vida de uma sociedade local (...) como a inscrição espacial da memória coletiva e como uma referência identitária forte” (p. 117).

Com a crescente ameaça à Mata com Araucária através do aumento das áreas da agricultura moderna, acredita-se que os faxinais, por apresentarem características da formação natural dessa vegetação, podem contribuir para a proteção e preservação desta. Por esse motivo, o Sistema Faxinal pode ser visto como uma forma de uso mais sustentável, que preserva a Mata do Pinheiro do Paraná sem renunciar totalmente ao uso deste ecossistema.

O Sistema Faxinal, como exemplo especial de multifuncionalidade da agricultura, deve ser abordado não apenas por critérios econômicos e produtivistas, mas principalmente pelo que significa em termos culturais e ambientais. A procura por lugares com qualidade ambiental e pouco saturados, o contato com a natureza e a integração com a cultura e costumes locais podem fazer com que os espaços rurais e naturais tornem-se destinos procurados por pessoas que buscam tranquilidade e harmonia com a natureza. Assim o que se vê é um interesse crescente pelo chamado turismo alternativo que inclui modalidades como o turismo rural, turismo cultural, turismo ambiental, ecoturismo e outros.

Nas palavras de Silveira (2001):

[...] Novas tendências estão surgindo na prática do turismo de lazer, determinadas por fatores como: interesse crescente por questões relativas ao meio ambiente, em particular pela qualidade ambiental do lugar nos destinos turísticos; aumento por parte dos turistas na procura de experiências mais autênticas e de convívio com o modo de vida e costumes locais; necessidade emergente de práticas de lazer mais saudáveis; demanda crescente por tranquilidade e relaxamento que a vida no campo oferece, em contraste com o estresse da vida urbana [...]. (SILVEIRA, 2001, p. 135).

Pesquisas recentes revelam que o turismo rural é uma atividade relativamente nova no Brasil. Fazendeiros e sitiantes vêm descobrindo, no turismo rural, uma alternativa para a melhoria de seus métodos produtivos, bem como o aumento da renda familiar e a melhoria da qualidade de vida.

Afinal, além de movimentar a economia da região, o desenvolvimento do turismo rural tende a atrair investimentos públicos e privados, tais como: o aumento de instalações de redes elétricas e de telefonia, melhoria de estrada, saneamento básico, geração de novos empregos ligados a vários setores como, por exemplo, a gastronomia, o artesanato, a hospedagem, entre outros.

O Turismo Rural pode gerar, ainda, por meio de sua crescente demanda, a preocupação com a saúde e a educação de uma comunidade. Desde que seja realizado de forma responsável, o que implica na adoção do paradigma da sustentabilidade, respeitando-se o meio ambiente, a cultura local, planejando a utilização dos atrativos já existentes ou mesmo aqueles criados de forma ordenada sem que haja agressão entre as naturezas envolvidas, o turismo rural é uma atividade que pode promover o desenvolvimento de uma região ou localidade específica.

Nesse contexto, ressalta-se a questão do desenvolvimento sustentável, como forma de evitar a degradação, os impactos negativos e os riscos que uma condução inadequada da atividade turística pode trazer ao meio ambiente. O conceito de desenvolvimento sustentável permite analisar, junto à comunidade rural, os riscos que a condução inadequada da atividade pode provocar no meio ambiente. O turismo sustentável em áreas rurais pode ser visto como a perfeita triangulação entre as destinações, os turistas, e os prestadores de serviços.

Dessa forma, o turismo sustentável procura adequar os interesses de cada um dos parceiros, minimizando as tensões e buscando um desenvolvimento em longo prazo, pelo equilíbrio entre o crescimento econômico e as necessidades de conservação do meio ambiente.

O debate sobre turismo sustentável nas áreas rurais oferece cenários alternativos. Entre elas, de acordo com Swarbrooke (2000), estão as áreas que já receberam grande número de turistas, com atenção voltada para a questão sócio-ambiental, a fim de evitar danos irreparáveis ao meio ambiente e à comunidade local.

Destaque também para as áreas em que a economia e a sociedade rural tradicionais encontram-se defasadas, devido a fatores como mudanças agrícolas e migração da população para as cidades. Nesse contexto, o turismo sustentável pode ser

visto ainda como um salvador potencial, que pode fornecer empregos e renda extra aos que trabalham em sítios, chácaras e aos que moram no local.

[...] Em muitos países, as áreas rurais ocupam um lugar especial na cultura do país e na psique de seu povo. Isto não surpreende, já que é o campo que sempre abasteceu a mais básica necessidade humana, o alimento. Além disso, a economia e a sociedade, por mais sofisticadas e urbanizadas que tenham se tornado, tiveram início como uma sociedade rural agrária. O ruralismo é a semente da qual surgiram todas as civilizações [...]. (SWARBROOKE, 2000, p. 16).

O turismo pode ter um papel positivo na diversificação e no desenvolvimento da economia das áreas rurais em que as atividades tradicionais, como a agricultura, estão em declínio. Na discussão referente ao desenvolvimento sustentável, o turismo tem sido apontado como uma ferramenta para alcançar o desenvolvimento econômico ao mesmo tempo em que protege o meio natural.

O turismo, como qualquer atividade econômica, porém, pode levar a impactos indesejáveis e irreversíveis, tanto ambientais como sócio-econômicos. Conforme Magro (2002), o conceito de turismo sustentável envolve o reconhecimento de impactos negativos e a necessidade de manejá-los a fim de que a sustentabilidade seja alcançada.

A falta de planejamento adequado em uma localidade pode acarretar vários desajustes. Entre eles, o aumento descontrolado de visitantes, a banalização da cultura, a depredação do patrimônio, entre outros que podem gerar a descaracterização da localidade, uma vez que a singularidade local seja afetada por fatores externos, adversos ao ambiente, o que provavelmente provocaria a perda de seu diferencial e seu lado pitoresco, podendo tornar-se rapidamente uma região descartável na rota turística.

Zimmermam (2000) destaca que a atividade do turismo rural deve integrar-se harmoniosamente com os interesses da comunidade local, da cultura e do meio ambiente. O respeito a esses elementos é o que garantirá a sustentabilidade do negócio. O processo de implementação da atividade do turismo rural deve ser de forma gradual. Ele será mais ou menos desenvolvido dependendo das características de espaço e cultura de uma região, da importância dessa atividade para a comunidade e também da forma como será aplicado. É necessário observar que o produto turístico deverá seguir princípios que valorizem a relação familiar, bem como a preservação das raízes culturais, a autenticidade e a manutenção da identidade de uma comunidade.

Esses fatores devem estar presentes na busca do envolvimento da comunidade, na busca da qualidade do produto, assegurando, assim, a sustentabilidade do local. Ruschmann (1997) destaca que, com a implantação do turismo rural, a proteção da originalidade desses meios dependerá do tipo de desenvolvimento proposto para o espaço, que só será sustentável se for voltado para a valorização do homem do campo, para sua autenticidade e para a estabilidade ecológica do meio natural.

Dessa forma podemos perceber que, de modo geral, o turismo rural caracteriza-se como uma das medidas para desenvolver uma área e que deve ser inserido em programas de caráter integral, endógeno e participativo uma vez que os produtos e as atividades comercializadas no turismo rural giram em torno da natureza e da cultura componentes da paisagem.

2.3 PATRIMÔNIO E CULTURA NOS FAXINAIS

Quando o turismo rural é associado às atividades agrícolas e não agrícolas pode vir a se mostrar como agregado dos atrativos existentes. Assim, esse segmento possibilita a inserção da agricultura familiar, levando outros autores sociais residentes

no campo a contribuir e participar do desenvolvimento local sustentável. O turismo emerge dessa situação na medida em que se re-apropria do espaço rural, sob a perspectiva positiva de reduto da cultura simples e vida tranqüila, ao mesmo tempo em que se apresenta como uma entre as várias alternativas para a formação da renda familiar.

Torna-se vital esclarecer que a implantação do turismo em propriedades rurais, assim como a sua manutenção, não é algo tão simples assim. As dificuldades que poderão vir estarão ligadas possivelmente à questão financeira, capital inicial, juntamente com a inexperiência administrativa, falta de parcerias, insegurança gerada pela falta de experiência e capital e a vulnerabilidade do ambiente natural.

Todos esses desafios somados às dificuldades naturais como, por exemplo, as tempestades de verão (geradoras de enchente), a seca e outros fenômenos adversos da natureza poderão levar o proprietário a desanimar frente a essas barreiras. Dentro desse contexto é que reforçamos a importância do planejamento adequado do turismo, pois o mesmo necessita de garantias físicas - territoriais para existir e manter sua qualidade e se o planejamento for adequado à realidade, o proprietário ficará mais seguro na hora da venda do seu produto turístico.

O espaço rural continua vinculado à agricultura, mas passa a extrapolar essa atividade primária. Além de produzir alimentos, o meio rural assume funções ambientais, econômicas, sociais e culturais.

Moura (2003) menciona:

[...] O público alvo da atividade turística praticada no meio rural quer tranqüilidade, clima aconchegante, cheiro de mato, cochilos nas tardes quentes à sombra de uma árvore frondosa ou em uma rede armada numa ampla e ventilada varanda. Uma conversa sadia ao pé de uma fogueira ou lareira nas noites frias, ao lado dos amigos, proprietários ou apenas da pessoa amada, regada a vinhos, licores ou uma boa cachaça da terra [...]. (MOURA, 2003, p.72).

Além de produzir bens alimentares, a agricultura passa a desempenhar um papel de certa forma determinante na manutenção das populações locais, na preservação do ambiente e das paisagens, acolhendo de forma única a população dos grandes centros urbanos. Destacamos aqui a questão da preservação do patrimônio histórico tangível e intangível³⁹ e a cultura do homem do campo, que é riquíssima, trazendo em si um grande potencial turístico, que somente em nossos dias vem sendo explorado.

A cultura desse meio rural traz em seu bojo resquícios da nossa colonização, a mescla de várias etnias e diferentes influências culturais. Quando isso é reconhecido dentro de propriedades rurais, as mesmas adquirem um diferencial, podendo vir a se constituir em um produto turístico autêntico.

A autenticidade pode ser trabalhada na gastronomia, festas, danças, patrimônio histórico, arquitetônico, etc. O patrimônio é hoje trabalhado de forma abrangente em nossa sociedade. O que antes era privilégio da memória hoje é visto como um bem comum do qual todos precisam e ao qual todos devem ter acesso, pois somente conhecendo o nosso patrimônio poderemos conhecer e preservar a nossa história.

Conforme Fonseca, o patrimônio, enquanto recurso para o desenvolvimento de uma região, é um fenômeno recente, principalmente quando analisado sob a ótica do turismo no que diz respeito às propriedades rurais.

[...] A noção de patrimônio como recurso para o desenvolvimento é uma construção recente e está intimamente associada à especificidade que lhe permite fazer do espaço onde se localiza um lugar diferente de todos os outros, transformando-o numa atração turística que combina elementos tão diferenciados como a arquitetura, o artesanato, a gastronomia, as festas, as crenças, os modos de vida tradicionais e outros bens não materiais que lhe estão associados, ensejando

³⁹ Patrimônio tangível é aquele que se pode tocar ou apalpar, sensível. Da mesma forma, intangível é aquele que não se pode tocar. O patrimônio (tangível e intangível) pode ser compreendido como um marco presente entre espaços, tempos, indivíduos, coletivos e culturas diferentes. Fonte: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs). Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro. DP&A, 2003, P.11.

a experiência da descoberta, de exotismo, de auto-realização e de evasão do cotidiano [...]. (FONSECA, p. 48).

Por outro lado, sabemos que o Brasil possui um grande potencial turístico referente à exploração desses recursos. A forma como o Brasil foi colonizado e os vários ciclos econômicos pelos quais o país passou deixaram um grande legado cultural.

O processo de colonização foi constituído por um patrimônio tangível e intangível que vai desde as grandes fazendas de café localizada nas regiões de São Paulo, entre outras, até as fazendas de cacau no Nordeste, isso sem falar nos engenhos de açúcar nordestinos e na influência da erva-mate no sul do país.

Essas diferentes localidades adquirem características próprias que atraem aqueles que, além de buscar tranquilidade, lazer e diversão, querem levar para casa uma bagagem cultural diferenciada. Nesse sentido, o turismo pode ser alternativa viável para o Sistema Faxinal, onde a maioria da população é descendente de imigrantes e guardião de seu legado cultural, podendo, dessa forma, utilizar todo esse patrimônio como um recurso para o desenvolvimento regional, contribuindo para a preservação de seu patrimônio cultural e para a divulgação do mesmo através da atividade turística.

Esse procedimento pode resgatar a identidade de um povo, muitas vezes desconsiderada em virtude da correria do dia-a-dia, ou mesmo por não se considerar a cultura local significativa, ou ainda por se considerar a cultura de massa transmitida pela televisão como a única a ser seguida.

Os faxinais, por se constituírem no local onde os faxinalenses moram, é o espaço onde se observam as diversas manifestações de sua cultura. Podemos citar o cotidiano, as rodas de conversa na hora de tomar chimarrão, a divisão do trabalho entre os membros da comunidade e as formas da construção das casas. No período de trabalho temos o tempo da plantação, da colheita e da entressafra.



Fotografia 3 - Exemplo típico de residência do Faxinal Taboãozinho – com cores que simbolizam o traje ucraniano (vermelha e azul). Fonte: Acervo da Autora, 2007.

Na comunidade observam-se, em algumas situações coletivas, os mutirões de ajuda, as festas religiosas em louvor ao padroeiro ou a santo querido dos faxinalenses e as festas pagãs compondo uma estrutura e as representações de um modo de vida que se transforma continuamente, embora existam várias permanências. Essas permanências se refletem nas relações de compadrio e nos laços de solidariedade, que demonstram a dependência entre os membros da comunidade.

Nos faxinais a interação e o convívio social contribuem para que se minimize o êxodo rural. Na medida em que as pessoas estão integradas, imbuídas da perspectiva da consecução de seus objetivos individuais, em consonância com o respeito à comunidade, diminui o desejo de abandonar suas origens.

A transmissão oral de conhecimento do uso medicinal da floresta (receitas passadas de uma geração para outra) garante que essas práticas ancestrais não se percam. Todos os aspectos aqui sucintamente explicitados têm, entre si, estreita relação,

determinando a já dita harmonia no sistema. Assim sendo, a atividade turística no espaço rural poderia contribuir para a valorização das características locais da cultura e do patrimônio, poderia beneficiar todos, desde que explorada de forma consciente.

Ainda há que se demonstrar a relevância do Sistema Faxinal no que diz respeito às relações de confiança que existem entre as pessoas, o que permite a construção de uma teia social que, apesar de estarmos no século 21, pode ainda fazer valer o direito dos costumes, uma vez que há comunidades que sequer sistematizaram sua vontade numa escritura pública de instituição de criadouro comunitário, valendo-se apenas do direito consuetudinário.

Salienta-se que, o Turismo dentro de um Planejamento Sustentável, pode valorizar a cultura local através do resgate da auto-estima e preservação dos costumes, através da valorização do patrimônio intangível como os costumes, crenças, tradições e assim contribuir para minimizar o êxodo rural.

2.4 SISTEMA FAXINAL E O PARADIGMA DA SUSTENTABILIDADE

A pesquisa toma como ponto de partida o quadro natural original e a evolução da ocupação humana na área de estudo, definindo os elementos que determinaram à organização espacial ao longo do tempo. Do ponto de vista natural, os faxinais da região Centro - Sul do Paraná constituem extensas áreas que Carvalho caracteriza como um criadouro comunitário onde se encontra, de acordo com Carvalho (1984):

[...] uma forma de organização consuetudinária que se estabelece entre proprietários da terra para sua utilização comunal, tendo em vista a criação de animais. A área de um criadouro comunitário é constituída por várias parcelas de terras de distintos proprietários, formando, umas ao lado das outras, um espaço contínuo [...]. (CARVALHO, 1984, p. 12).

O autor complementa:

[...] Originalmente, fins do século passado, faxinal se referia ao mato denso e grosso, ou seja, a área de vegetação mais cerrada, se comparada com outras áreas às quais se denominava de mato ralo. No faxinal ocorria a presença das espécies florestais como pinheiro e erva-mate, além de apresentar razoáveis condições de pastagens naturais. O faxinal era preservado para práticas extrativistas da madeira e da erva, além de servir de espaço para a criação extensiva de animais[...]. (CARVALHO, 1984, p. 14-15).

Chang (1985) descreve o sistema Faxinal como:

[...] Um sistema de produção familiar que apresenta os seguintes componentes: a produção animal – criação de animais domésticos, tanto para o trabalho, quanto para o consumo próprio, na técnica "à solta" em criadouros comuns, destacando-se os equinos, suínos, caprinos e as aves domésticas; a policultura alimentar – lavouras de subsistência circunvizinhas ao criadouro, destacando-se o milho, feijão, arroz, batata e a cebola e; a coleta da erva-mate – o mate nativo se desenvolve dentro do criadouro e é coletado durante o inverno, desempenhando papel de renda complementar, tanto para o proprietário na venda do produto, quanto para os empregados na remuneração de sua força de trabalho. O que torna o Sistema Faxinal um caso único é a sua forma de organização. Ele se distingue das demais formas camponesas de produção no Brasil pelo seu caráter coletivo no uso da terra para a produção animal. A instância do comunal é consubstanciada, nesse sistema, em forma de criadouro comum [...]. (CHANG, 1985, p. 1-2).

Em 1994 existiam no Paraná 152 faxinais; atualmente existem 44; desse total, apenas 19 estão localizados em Prudentópolis, e representam cerca de 13.870 hectares, com aproximadamente 2.560 famílias e 10.000 habitantes.⁴⁰ No Sistema Faxinal há um modo específico de seus habitantes organizarem e distribuírem o espaço de sua moradia, que se localiza junto a plantações, com os demais colonos do meio rural, mas junto dos animais e da floresta.

A formação do Sistema Faxinal é feita com base no uso coletivo da terra, embora sua propriedade seja privada. A organização dos faxinais é no regime de

⁴⁰ Dados da EMATER – PR – SEAB E SEPLAN. **Cadastro sobre os faxinais do Estado do Paraná.** Obtidos no Fórum dos Faxinais promovido pela Prefeitura municipal de Prudentópolis em 2005.

compáscuo (pasto comum, uso coletivo da propriedade). Para uma melhor compreensão do que vem a ser os faxinais e o Sistema Faxinal cita-se Nerone (2000):

[...] “Faxinais” e “Sistema Faxinal” é preciso ressaltar as diferenças coexistentes entre eles. O primeiro tema designa uma forma de vegetação (erva-mate, imbuia, canela, pinheiro e uma diversidade de outras espécies); enquanto o segundo refere-se a uma forma de organização específica dominante na região sul do Paraná, onde em vários locais imperam “leis baseadas no direito consuetudinário”. As terras utilizadas pelos faxinalenses dividem-se em 2 blocos: terras de plantar e as terras de criar [...]. (NERONE, 2000, p. 87).

O Criadouro Comum é o espaço onde a comunidade faxinalense habita e cria seus animais. Nesse espaço o uso da terra para a criação de animais é coletivo, mas a propriedade sobre a terra continua sendo privada. As terras de criação se caracterizam como um conjunto de propriedades particulares e contíguas, cujo uso é comum a todos.

Em geral, na composição do Sistema Faxinal, o tamanho das terras por proprietário dentro do criadouro comum varia entre dois e cinquenta alqueires. A diferença do tamanho das propriedades cria hierarquias e categorias diferentes entre os moradores do sistema; por vezes essas diferenças resultam em conflitos de interesses dentro e fora da comunidade.

No criadouro comum se criam o gado miúdo (principalmente porcos) e o gado graúdo (cavalos, bois). A suinocultura, a policultura de subsistência e a extração da erva-mate são as três principais atividades que sustentam o criadouro economicamente. Outra atividade considerada importante é a extração da madeira. Dentro do criadouro comum existem várias espécies de árvores nativas, como a araucária, as madeiras de lei e as árvores frutíferas que servem também de alimento para os animais, principalmente os porcos. A extração da erva-mate ocupa os moradores faxinalenses durante boa parte do ano, geralmente na entressafra.

As terras de plantar são terras localizadas fora do criadouro comum e são usadas individualmente. As lavouras, sejam em terra própria ou arrendada, tendem a se situar nas imediações do criadouro onde residem. As culturas de plantação mais comuns são as de milho, arroz, batata e mandioca.

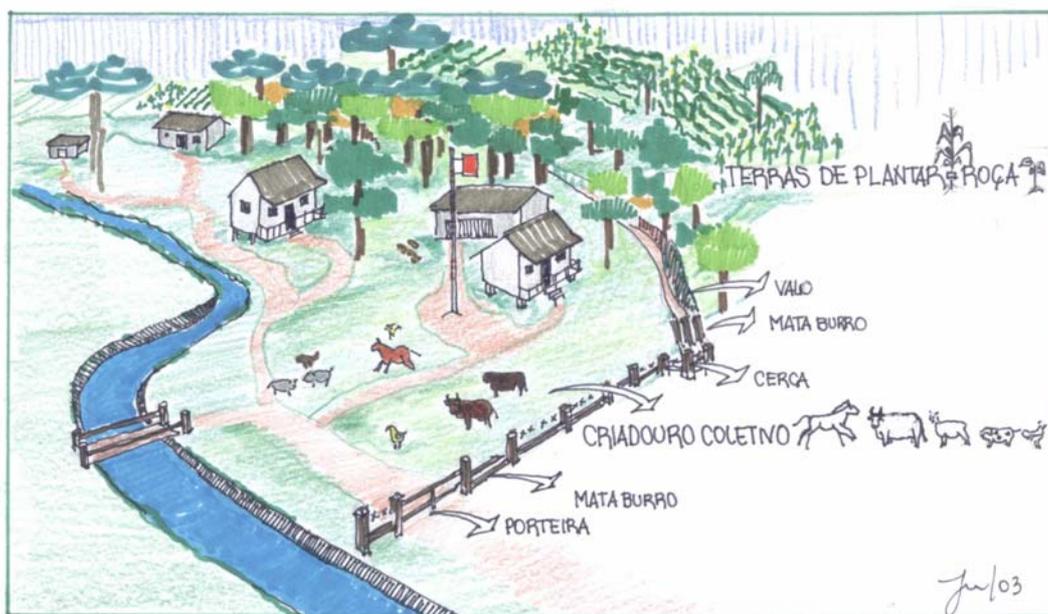


Figura 7 - Organização do Espaço nos faxinais

Fonte: O Sistema Faxinal no município de Ponta Grossa. Diretrizes para a preservação do ecossistema, do modo de vida, da cultura e das identidades das comunidades e dos espaços faxinalenses. In: Encontro dos Faxinais - Prudentópolis - 2005.

Esse tipo de organização sócio-espacial rural existe há mais de cem anos e provavelmente teve origem no ciclo do tropeirismo, assegurando ao estado do Paraná as últimas reservas de florestas nativas devido à própria forma de aproveitamento do espaço natural. [...] O sistema de criadouro comum é um costume de há muito tempo praticado e difundido entre os habitantes da região e, como todo o costume, há a sua razão de ser [...]. (CHANG, 1985, p. 200).

Como os faxinais se constituem numa forma secular de ocupação de áreas indivisas e de uso comum, nas quais prevalece um alto espírito conservacionista, o modo contemporâneo de vida vem se encarregando de excluí-lo da realidade sócio-econômica das regiões circunvizinhas.

Observa-se, no mapa abaixo, a disposição física dos faxinais.

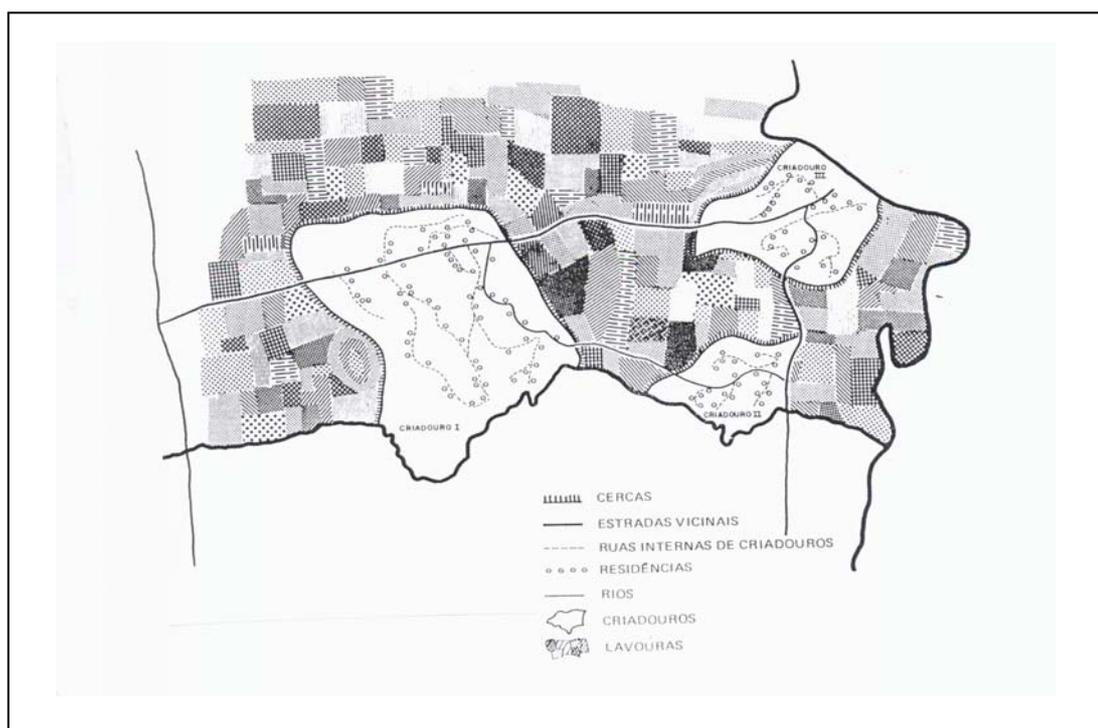


Figura 8 - Esquema da disposição física do Sistema Faxinal.
Fonte: CHANG, 1988.

A falta de uma política que fixe o pequeno proprietário em suas terras, garantindo os pressupostos básicos para a sobrevivência de sua família, faz com que muitos desses pequenos proprietários vendam as suas terras para grandes fazendeiros, que implantam nas terras o sistema de monocultura intensiva, devastando as matas nativas que antes sustentavam as comunidades faxinalenses.

As desarticulações do Sistema Faxinal têm implicações econômicas, sociais, ambientais, políticas e culturais para os camponeses que vivem dentro da organização do tipo Faxinal. A descrição do que vem a ser o Sistema Faxinal acentua a necessidade de estudos capazes de propor alternativas para a região, entre as quais as ligadas ao Turismo Rural. Procurar alternativas para garantir a sobrevivência dos faxinais que restaram no interior dos municípios paranaenses é de fundamental importância para a preservação do ecossistema, do modo de vida, da cultura e das identidades dessas comunidades e desses espaços.

O processo decisório de implantação do Turismo Rural para o município de Prudentópolis demanda mobilização das lideranças locais em todas as fases do processo, ou seja, na concepção, implantação, gestão e monitoramento de projetos.

[...] Já assistimos à formação de agentes, muitos deles surgidos de programas de educação ambiental. Uns são mobilizados através de trabalhos de extensão das universidades ou através de pesquisas ou da ação de organizações governamentais [...]. (RODRIGUES, 1999, p. 61).

Como toda atividade turística, a implantação de um projeto de Turismo Rural provoca impactos positivos e negativos, naturais, culturais ou socioeconômicos, na propriedade e no seu entorno. Portanto, os atrativos⁴¹ turísticos já consolidados no município de Prudentópolis poderão fortalecer o turismo rural nos faxinais de forma integrada, desde que planejados, assegurando a rentabilidade e a sustentabilidade da região e de seus habitantes.

[...] O resgate da experiência coletiva dos criadouros comuns não deve ser visto apenas no âmbito da produção animal. O mais importante desta experiência é que a prática do coletivo pode ser extrapolada para outras esferas de produção e de organização [...]. (CHANG, 1985, p. 200).

A preservação desses faxinais poderá ocorrer por meio da atividade do Turismo Rural, se este for planejado adequadamente, objetivando a manutenção da totalidade desses faxinais para que não ocorra uma desarticulação da forma sócio-espacial dominante nessas áreas. A busca de formas de subsistências do homem e do meio rural vem sendo incessantemente perseguida pelas comunidades que vivem nessas zonas, apesar da contínua diminuição das populações residentes. Quando mencionamos o

⁴¹ Atrativos turísticos de Prudentópolis que constam no Guia turístico do Paraná: Salto São Francisco – Salto São João – Salto Barão do Rio Branco – Salto São Sebastião e Salto Melot – Recanto Rickli – Recanto Cassiano – Recanto Pehouski – Igreja Matriz de São Josafat – Igreja Matriz de São João Batista.

desenvolvimento sustentável, estamos no referindo ao crescimento econômico na equanimidade social e no equilíbrio ecológico, tudo dentro do uso racional dos recursos naturais.

Sendo o turismo um dos meios que se utiliza dessas vertentes, é preciso que o segmento incorpore esses conceitos e processos, servindo-se da educação ambiental, que busca uma maior interação entre os seres humanos e a natureza, podendo, assim, contribuir para a construção de um modelo mais humano e harmônico de desenvolvimento.

Com esta pesquisa, procura-se demonstrar a necessidade de uma maior interação entre educação ambiental, desenvolvimento sustentável e turismo rural. Dentro do que já foi proposto pela “Carta de 1995”, adotada na Conferência Mundial de Turismo Sustentável, o turismo deve se desenvolver através de critérios que visem à sustentabilidade no que diz respeito a ser suportável ecologicamente em longo prazo, ser economicamente viável, sem deixar de lado a equidade social e ética da localidade onde estará ocorrendo o turismo.

Segundo Carvalho (1998), o conceito de desenvolvimento sustentável engloba três pontos principais: o econômico, o equilíbrio ecológico e a equidade social. Assim sendo, o desenvolvimento sustentável só poderá se ampliar no âmbito máximo a partir do momento em que houver uma reeducação da sociedade no que diz respeito à preservação e ao equilíbrio do ecossistema, percorrendo todos os níveis sociais.

Essa reeducação poderá ser trabalhada com projetos de sensibilização ambiental, fortalecendo os valores ambientais e ecológicos que trarão benefícios para o turismo. Contudo, o turismo rural nos faxinais deverá estar preparado para essa nova demanda em que mudanças de hábitos e atitudes serão presenciadas. Os atores sociais envolvidos deverão estar cientes de que o nível de consciência ambiental dependerá de variáveis

econômicas e culturais da sociedade, bem como dos diferentes grupos sociais, sem esquecer dos conflitos que existem entre o setor público, privado e organismos sociais.

Dentro dessa visão, não se pode deixar de perceber que a essência do turismo sustentável está na forma como essa atividade pode se desenvolver, ou seja, essencialmente comunitária, em que a participação ativa e efetiva dos membros da sociedade, através de incentivos, propostas e alternativas, poderá vir a ajudar no desenvolvimento e melhoria da qualidade de vida das comunidades em questão.

Sendo o desenvolvimento sustentável um conceito social, o mesmo é dirigido a pessoas. Esperamos que essas pessoas participem do planejamento, da gestão do uso dos recursos naturais existentes na localidade, bem como das soluções de problemas que poderão vir a fazer parte da localidade onde o turismo estará se expandindo. Por exemplo, a descaracterização da localidade enquanto patrimônio cultural, considerando a falta de infraestrutura adequada, a demanda devem ser planejada e controlada para que não agride o meio ambiente em questão.

Poderiam ser listados vários outros problemas os quais uma localidade pode vir a passar pela falta de planejamento apropriado, deixando de ser um turismo sustentável, passando para a lista de mais um turismo degradante.

[...] Apenas um planejamento de longo prazo determinará medidas quantitativas que conduzirão à qualidade do produto turístico que interessa tanto à população residente como aos turistas [...]. (RUSCHMANN, 1997, p. 163).

No caso do turismo rural, a discussão em torno do conceito de turismo sustentável visa um modelo de desenvolvimento turístico cujo foco é a correta utilização do patrimônio natural, juntamente com o cultural, capaz de assegurar a preservação desse patrimônio para as futuras gerações.

A discussão acerca do conceito de turismo sustentável que buscamos salientar neste trabalho está relacionada intimamente com o respeito que se deve ter com a

comunidade em questão, bem como a ética que todo profissional deve ter ao trabalhar com turismo rural ou qualquer outro segmento da área. O profissional deve trabalhar de forma consciente, dentro da realidade de uma sociedade, respeitando a sua cultura e seus valores, trabalhando eticamente para a implantação de um turismo rural que venha a gerar renda para um grupo sem que haja a sua desarticulação enquanto agricultores, rurícolas, camponeses.

Este trabalho buscará definir alguns conceitos de planejamento do turismo no espaço rural, situando-o como uma possível alternativa de renda para as comunidades, minimizando assim a sua estagnação enquanto área de produção agrícola. Destacamos que o respeito, assim como os valores éticos trabalhados como paradigma sustentável do turismo rural, estabelecem uma relação harmoniosa com a natureza, a cultura e, principalmente, com a comunidade.

Promover o desenvolvimento sustentável da região ou localidade e a valorização da cultura e dos recursos naturais são as principais características que envolvem o turismo rural e é a partir desses pressupostos que buscamos, enquanto pesquisadores, levantar as discussões com relação à proposta em questão. O turismo rural quando analisado no âmbito econômico pode vir a se revelar, de certa forma, como um apoiador na chamada renda familiar. Diferente de como ocorreu em países da Europa e nos Estados Unidos, o turismo rural no Brasil surgiu como uma alternativa viável para este povo que, com o advento da mecanização agrícola e urbanização desenfreada, vem perdendo em qualidade de vida e em população.

Alguns autores trabalham com a análise de que o espaço rural tem hoje uma nova legitimidade, uma nova identificação, não mais aquela vista como no passado, que era apenas alimentar. Essa nova legitimidade é vista principalmente pelo meio urbano como símbolo de descanso, liberdade, lazer, saúde e beleza. Dizer que o meio rural é multifuncional implica na análise de uma identificação e valorização dos recursos

existentes em cada localidade, do chamado potencial endógeno, cujo aproveitamento exige a combinação e a articulação com os recursos externos.

Não se pode deixar de falar de recursos rurais e deixar de lado o amplo espectro de elementos que envolvem esse meio, sejam eles novos ou antigos, estejam eles ligados a produtos agrícolas e agro-industriais, alimentares e não alimentares, paisagem, fauna, flora, patrimônio arquitetônico, artesanato, gastronomia entre outros. Pode-se perceber que o meio rural hoje está passando por uma revitalização socioeconômica e estão surgindo novas formas de ver o mundo rural, agora não mais apenas como produtor de matéria prima e, sim, como gerador de renda.

A valorização desses recursos passa a fomentar novas oportunidades de negócios individuais, coletivos ou cooperativos, fazendo com que haja maior oferta de emprego e melhor distribuição de riquezas, aspectos vitais para a permanência da população no meio rural em condições melhoradas. Dessa maneira, reforça-se a questão de que não se vê o turismo rural como uma solução única para os problemas que vem acontecendo nos faxinais do Paraná, apenas o colocamos como uma alternativa a ser vista e planejada dentro de um âmbito sustentável. A implantação do turismo rural poderá representar uma renda a mais para aquela população que busca melhor qualidade de vida promovendo a valorização do seu patrimônio histórico juntamente com a preservação de sua memória e identidade.

2.5 REGULAMENTAÇÃO DO SISTEMA FAXINAL

“Entende-se por ‘Sistema de Faxinal’ o sistema de produção camponês tradicional, característico da região Centro-Sul do Paraná que tem como traço marcante o uso coletivo da terra para produção animal e a conservação ambiental, de acordo com o Decreto Estadual n.º 3466 de 14 de agosto de 1997”. (PARANÁ, 1997).

“Somente em 1997, o ‘Sistema de Faxinal’ foi reconhecido formalmente, através do Decreto Estadual n.º 3446/97, que criou a ARESUR (Áreas Especiais de Uso Regulamentado), para incluí-lo no CEUC - Cadastro Estadual de Unidades de Conservação”. IAP (1998, p. 10) Assim, os municípios que possuem faxinais em seu território adquirem o direito de receber, pela Lei do ICMS Ecológico (Lei Complementar n.º 59/91), um maior percentual na distribuição dos recursos do ICMS.

Mas, apesar do reconhecimento do Sistema de Faxinal e do incentivo do ICMS ecológico, a tendência generalizada de concentração de capital se acelera, e o faxinal é visto cada vez mais como reserva de madeira e de terras agricultáveis, que se encontra em processo de desagregação, agravado pelo esgotamento dos recursos naturais que sustentam o sistema.

Segundo Chang (1988), o Sistema de Faxinal é de grande importância ecológica sendo uma forma de manutenção das coberturas vegetais naturais, preservando espécies em fase de extinção. Porém, sob enfoque produtivo, pode-se dizer que o tempo de giro de capital no sistema é mais longo, devido à rusticidade das espécies de animais e a degradação da vegetação e das pastagens, portanto, o lucro dos produtores é menor.

Assim, o Sistema Faxinal é encarado atualmente como um sistema anti-econômico. Se o Sistema de Faxinal é atualmente anti-econômico, então, a única forma de manutenção dos faxinais é sua viabilidade econômica através de técnicas modernas de criação de animais, da restituição e condução racional da vegetação. Essas práticas dependem de incentivos, através do ICMS Ecológico, e outras fontes não governamentais como ONGs e associação comunitária, contribuindo para a preservação do patrimônio vegetal nativo.

“Não resta dúvida de que a permanência dos faxinais no atual quadro de capitalização da produção agropecuária requer que este(sic) se torne(sic) também viável(sic) do ponto de vista econômico”. (CHANG, 1988, p. 22).

Para Chang (1988), com a desagregação dos faxinais, a produção e a sobrevivência dos pequenos produtores nessas localidades torna-se inviável, principalmente dos que não têm terra, os quais, na sua maioria, migram do campo para as cidades à procura de outras alternativas de sobrevivência.

CAPÍTULO III

3. O SISTEMA FAXINAL E AS POSSIBILIDADES DE IMPLANTAÇÃO DO TURISMO RURAL

3.1 LOCALIZAÇÃO E COLONIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

Prudentópolis está situada a apenas 240 Km da capital do Estado do Paraná (Curitiba), localizando-se no segundo e terceiro planaltos paranaenses. Faz parte do centro-oeste do Paraná, a 25°12'40" de latitude sul e 50°58'50" de longitude oeste. O município possui 2.402,18 Km², dos quais a sede urbana ocupa 7.968 m². Seus limites são, ao norte e nordeste com Cândido de Abreu e Ivaí, a leste com Imbituva, ao sul com Inácio Martins e Irati e a oeste com Guarapuava. A sede do município de Prudentópolis encontra-se a uma altitude de 730m. Em seu relevo destacam-se a Serra da Esperança, na divisa com Guarapuava e os morros: Trombudinho, Trombudo, Bico de Papagaio, Tagná, Morungava, Liso e Agudo.

A rede hidrográfica de Prudentópolis é rica, sendo o município cortado por alguns rios, entre os quais o mais importante é o rio dos Patos, cujos afluentes da margem direita são: Cachoeira dos Louros, Papanduva, Arroio, Alagados. Os afluentes da margem esquerda são os rios Preto, rio da Ronda, rio Anta Gorda, rio São João Francisco. Há no município diversas quedas d'água, sendo algumas delas atração turística. Destacam-se o Salto Barão do Rio Branco, localizado no rio dos Patos, com 64 m de altitude; o Salto São João, no rio do mesmo nome, com 84 m; o Salto Barra Grande, no rio Barra Grande, com 150 m e o Salto São Francisco, com 180m, no mesmo rio.

De acordo com a divisão territorial, vigente desde 31 de dezembro de 1956, o município é constituído de três distritos: Prudentópolis, criado pela Lei Estadual nº 844, de nove de março de 1909 (data da instalação: 03-04-1909). Patos Velhos foi criado pela Lei Estadual nº 2.226, de março de 1924, e instalado a dois de fevereiro de 1926. Jaciaba, fundada no ano de 1929 quando este território pertencia ainda ao município de Guarapuava, criado pelo Decreto lei de nº 7.573, de 20 de outubro de 1938. O município de Guarapuava estendia-se desde o rio dos Patos, na divisa com o município de Imbituva, até a foz do rio Iguaçu e o rio Paraná, nas fronteiras Argentina e Paraguai. Dentro desse município, do rio dos Patos à Serra da Esperança, até a abertura da estrada e linha telegráfica, havia poucos moradores. Somente a partir de 1822 é que começou a afluir gente para aquela extensa região florestal, quando as terras prometiam valorizar-se diante da promessa de construção da estrada de rodagem. A região denominava-se São João, nome de um rio que passa próximo à serra e corre para o rio Ivaí.

O núcleo de Prudentópolis foi fundado em 1884, por Firmo Mendes de Queiroz, que construiu a primeira casa do povoado. Com a passagem da estrada que liga Curitiba a Guarapuava, essa localidade recebeu o nome de Vilinha. O número de moradores cresceu e, em 26 de janeiro de 1886, de acordo com a Lei nº 25, foi elevada à categoria de Distrito, com a denominação de São João do Capanema. Ferreira (1954), na obra “Paraná e seus municípios”, descreve a criação do município de Prudentópolis.

[...] Em 1884 Firmo Mendes destina parte de suas terras para a formação de um povoado, constrói uma capela, e a pedido do pároco de Guarapuava, entroniza uma imagem de São João Batista. O lugar começa a receber famílias que constroem casas, alguns montam pequeno comércio, e todos passam a chamá-lo de “Vilinha” [...]. (FERREIRA, 1954, p. .549).

No final de 1894, as terras devolutas de São João de Capanema são destinadas à colonização, por determinação do governo federal. O Dr. Cândido Ferreira de Abreu foi designado como diretor da futura colônia, a quem batizou de Prudentópolis, em

homenagem ao Presidente da República, Dr. Prudente José de Moraes Barros, extinguindo assim a denominação anterior. No ano seguinte, chegariam ao Brasil centenas de imigrantes poloneses. Pela Lei nº 615, de 5 de março de 1906, Prudentópolis foi elevada à categoria de Município, desmembrando-se do de Guarapuava; pela Lei nº 2614, de 14 de março de 1929, foi criada a comarca de Prudentópolis.

A maioria dos autores fixa o ano de 1895 como o ponto de partida da imigração, pois foi nesse ano que chegou ao Brasil a primeira leva de imigrantes ucranianos⁴² vindos da Galícia (Ucrânia Ocidental) em busca de terras no sul do País. Em 1876, registrava-se a chegada de um pequeno grupo de ucranianos e poloneses, que se estabeleceu em Curitiba.

O primeiro grupo mais numeroso, que contava com 8 famílias, desembarcou no Brasil em 1891. Seus integrantes detiveram-se, por algum tempo, em Curitiba, vindo mais tarde a ocupar a colônia de Santa Bárbara, perto de Palmeira, entre Curitiba e Ponta Grossa, onde se estabeleceram definitivamente.

Foi entre os anos de 1901 a 1907, que Prudentópolis recebeu nova leva de imigrantes, composta de 250 famílias. Vieram desprovidos de recursos, e já ao desembarcar sofreram as primeiras privações. O exemplo de força moral e de constância deixado pelos pioneiros da colonização serviu para animar seus filhos e outros imigrantes que chegavam cada vez mais numerosos, e sempre dispostos ao trabalho.

Os colonos iniciaram a construção de suas casas, que eram, a princípio, uma combinação de humildes vivendas européas com as choupanas caboclas. Mais tarde é que surgiram novos modelos de casas. O clima de Prudentópolis, semelhante ao da Europa, favoreceu a fixação dos imigrantes, que passaram a cultivar as suas roças plantando milho, trigo, centeio, arroz, café e, nas hortas próximas à moradia, uma rica

⁴² Dados obtidos In: **Paraná: ocupação do território, população e migrações**. Coleção história do Paraná, textos introdutórios, 2001.

variedade de verduras. Dentre as famílias de imigrantes que chegaram a Prudentópolis destacam-se: Matviko, Frankiv, Wiotovitch, Lech, Dietrich, etc.

Lubachevski (2005) pontua:

[...] Prudentópolis possui uma forte ligação entre seus habitantes por razões étnicas. Estes conservam por mais de um século hábitos, costumes, folclore, arquitetura, vestimentas, religião e outras peculiaridades. Destaque aos imigrantes ucranianos. Apesar do grande impacto cultural que tiveram de superar ao terem trocado de nacionalidade e do pouco apoio por parte do governo brasileiro, desde questão de infra-estrutura, habitação até subsídios básicos do bem estar social, como a educação e saúde pública, estes imigrantes conseguiram se superar e de forma modesta contribuir com o município e, conseqüentemente, com o país[...]. LUBACHEVSKI (2005, p. 55).

Com esses imigrantes vieram sua cultura e seu patrimônio (a “Pêssanka⁴³” é o símbolo que mais identifica a cultura ucraniana). A religião é outro fator de destaque, predominando em Prudentópolis o catolicismo, com 97%. A música também está presente entre a cultura ucraniana, ela se expressa no meio religioso e em momentos de festas. Utilizam nesses momentos de comemorações um instrumento típico ucraniano de origem ocidental européia chamado “Bandura”; esse instrumento possui 55 cordas.

O município de Prudentópolis desenvolveu e conservou uma prática agrícola baseada na pequena propriedade, condicionada pelo fator geomorfológico do território: seu relevo bastante disforme impossibilita a mecanização das áreas, enfatizando a necessidade de mão de obra no campo. De acordo com dados do censo do IBGE (2000), a extensão territorial de Prudentópolis é de 233.345,60 e a extensão das áreas dos faxinais é de 13.870,92 hectares, ou seja, representa aproximadamente 5,9% da área total do município⁴⁴.

⁴³ Arte de colorir ovos pascais, com diferentes símbolos que caracterizam suas crenças, esperanças e anseios.

⁴⁴ IPARDES (2004) – (IBGE – Censo Demográfico, 2000).

A extensão aproximada dos faxinais em Prudentópolis, no entanto, representa 17,8% da área total de floresta com predominância de pinheiros do Paraná⁴⁵. Os faxinalenses garantem sua sobrevivência através de policultura alimentar. Com a introdução das monoculturas da soja ou fumo, com a necessária erradicação da floresta, iniciou-se um processo de degradação ambiental e cultural.

Além disso, aqueles que antes plantavam tudo o que necessitavam para comprar o menos possível, passam a comprar praticamente tudo na cidade ou no armazém da comunidade. A área de estudo do presente trabalho compreende dois faxinais localizados no município de Prudentópolis, apresentados na seqüência.

3.2 TURISMO RURAL

O crescente interesse pelas áreas rurais no Brasil tem sido motivado, em grande parte, pelas mudanças ocorridas no meio urbano e pela busca por melhor qualidade de vida. O valor simbólico do campo e da natureza tem crescido à medida do desenfreado ritmo de crescimento urbano marcou o século XX. As cidades transformaram-se no espaço de crescimento descontrolado, levando as populações a buscarem o meio rural como descanso dos centros urbanos.

De acordo com Beni (1999), por Turismo Rural entende-se o aproveitamento de áreas rurais com ou sem atividade produtiva que possuam instalações receptivas, algumas de valor histórico ou mesmo modernas, transformadas em produtos turísticos onde o turista poderá usufruir do lazer (que a propriedade vem a oferecer), assim como poderá conhecer a cultura interiorana ou mesmo voltar às suas raízes muitas vezes perdidas pela agitação da cidade grande. Outro fator relevante a ser destacado se refere à gastronomia como valorização da comida típica local.

⁴⁵ Fórum sobre os Faxinais organizado pela Prefeitura de Prudentópolis em 2005, com representantes do IAPA, IAPAR, Secretarias de Turismo, Meio Ambiente, Cultura, e Pesquisadores de Universidades.

Quando falamos de recursos rurais, falamos de um amplo aspecto de elementos, que inclui antigos, atuais e novos produtos agrícolas e agro-industriais, alimentares e não alimentares, paisagem, fauna e flora, patrimônio, arquitetura popular, tradições culturais, artesanato, gastronomia, entre outros.

Segundo Beni (1999)

[...] Turismo rural é a denominação dada ao deslocamento de pessoas a espaços rurais em roteiros programados ou espontâneos com ou sem pernoite para fruição dos cenários e instalações rurícolas – nesse sentido, alguns autores valem-se do excesso da expressão turismo no meio rural para incluir também o agroturismo [...]. (BENI, 1999, p.28).

Esse segmento de turismo vem se apresentando, cada vez mais, como uma forma de complemento da renda familiar de agricultores, agricultores que estão inseridos num contexto de mudança do rural brasileiro. A falta de perspectiva na agricultura, resultante de um processo econômico agrícola que se iniciou a partir da década de 1960, por meio da mecanização da lavoura e pela utilização de insumos agrícolas industrializados e seleção de sementes, voltado ao mercado exportador, inviabilizou a sustentabilidade dos pequenos proprietários, gerando o êxodo rural. Assim, as buscas por alternativas rurais levaram alguns pequenos agricultores a atividades complementares como forma de complemento de renda.

Novas alternativas econômicas passaram a fazer parte do cenário rural, incorporando a preservação do meio natural, o qual passou a utilizar atividades não agrícolas⁴⁶. Quando se discute turismo no meio rural destaca-se que seu conceito deve estar de acordo com a potencialidade e a especificidade de cada região. As tipologias mais comuns são turismo rural, agroturismo, ecoturismo e turismo cultural.

⁴⁶ Corresponhem, ao beneficiamento e industrialização dos produtos agropecuários, atividades de prestação de serviços, entre os quais, o turismo está no bojo de uma discussão sobre o meio rural brasileiro.

Há uma diferença entre o turismo rural e o agroturismo. O turismo rural apóia-se na ausência de envolvimento do turista com as atividades realizadas no âmbito da propriedade rural, enquanto que no caso do agroturismo, o turista participa do processo produtivo. Dentre essas diferenças terminológicas pode-se ainda definir ecoturismo e turismo ecológico, muitas vezes confundidos com a atividade no meio rural. O ecoturismo é desenvolvido em localidades com grande potencial ecológico realizado de forma conservacionista, onde se utilizam guias procurando conciliar a exploração turística ao meio ambiente de forma sustentável. Essa atividade, considerada como turismo alternativo, busca a interação do turista com o meio ambiente e a cultura regional.

Talavera (2002) destaca que o turismo rural se baseia em:

[...] Uma aplicación combinada de naturaleza, contacto humano y cultura, con pretensiones de beneficio mutuo turista-residente y bajo nivel de impactos, siendo en gran medida deudor de la implementación del ecoturismo, el turismo étnico y el turismo cultural, pero añadiendo la posibilidad de acercar geográfica y mentalmente el exotismo y la autenticidad a los turistas potenciales, poniendo en valor recursos antes no explorados y, con ello, posibilitando la aparición de una enorme multiplicidad de micro-destinos [...] (2002. p. 21-22).

O turismo ecológico constitui também uma forma de interagir com a natureza e todo seu potencial ecológico. Essa interação poderá ser realizada de forma passiva ou participante, envolvendo grandes caminhadas, escaladas, desbravamentos, aberturas de trilhas, *rafting* e outros esportes de natureza. Soma-se a isso o exercício eventual da caça e da pesca.

Áreas naturais dentro das propriedades rurais são raras e quando existentes são frágeis. Localizam-se em locais pouco propícios para atividades de agricultura ou pastagem, podendo não ter a resistência necessária para implantação de projetos turísticos. Nessas áreas o turismo deve ser feito em menor escala, com soluções de

baixo impacto para manter a qualidade do ambiente e conseqüentemente a qualidade da experiência do visitante.

Diante da potencialidade natural de cada região, surgem as terminologias para o turismo no meio rural, que está relacionado às atividades agrícolas ou não, e que implicam, também, em diferentes estratégias políticas de planejamento e desenvolvimento para a atividade. O turismo rural tem suas características próprias, ligadas à questão da hospedagem e à utilização de equipamentos. No que diz respeito à hospedagem, os turistas poderão ser acolhidos em casas de antigos colonos, sedes de antigas fazendas ou mesmo em construções modernas, como fazendas hotel ou hotéis fazenda.

A partir dessa prévia exposição das diferenças existentes em cada segmento do turismo, poderemos expor de forma mais concreta o que este trabalho busca realizar no âmbito do turismo rural. Esta pesquisa discute e analisa uma alternativa para a região de Prudentópolis, localizada no Centro-Sul do Estado do Paraná, já que a mesma parece viável tanto no âmbito econômico quanto no sociocultural. O turismo vem se apresentando como uma das alternativas para as áreas rurais onde os problemas ligados à agricultura e à falta de empregos têm acarretado graves prejuízos econômicos, culturais e demográficos.

Santana (2002) entende por Turismo Rural:

[...] O aproveitamento turístico do entorno rural, o qual, atendendo às premissas de desenvolvimento sustentável é capaz de gerar efeitos eminentemente positivos (como conservação do patrimônio, proteção do meio ambiente, etc), envolvendo a população local como atores culturais e, assim promover a interação cultural [...]. (SANTANA *apud* RIELD, 2002, p. 8).

O turismo cresceu e diversificou-se e inclui hoje, sob a designação geral de turismo no meio rural, figuras distintas, que vão do turismo de habitação e agroturismo, ao turismo de aldeia e às casas de campo, aos hotéis e parques de campismo rurais.

Por outro lado, o Turismo de Natureza, já regulamentado, assume também diversas modalidades, quer no campo do alojamento, quer no da animação, que envolve museus locais, ecomuseus, rotas temáticas, feiras, festivais e práticas desportivas ligadas à natureza. Na verdade, na tentativa de integração e promoção de novas ofertas nos domínios do turismo e dos produtos locais, estão implícitas formas e políticas de preservação de valores, tradições e recursos muito diversos, que vão desde a biodiversidade animal e vegetal, às paisagens, aos saberes e aos sabores, aos usos e costumes em geral.

Para Campanhola e Silva (1999), a diversidade das situações agrárias, como renda e o tamanho da propriedade rural, das comunidades rurais e do meio ambiente leva a categorias diferentes de desenvolvimento do turismo no meio rural, ocorrendo uma relação direta entre o turismo no meio rural e as características sociais, econômicas e ecológicas de cada local. O turismo no meio rural, em sua essência, se junta perfeitamente com os princípios do desenvolvimento local, constituindo-se em alternativa econômica complementar na geração de renda e emprego para a população rural. O turismo, fenômeno social considerado atualmente como uma força econômica capaz de trazer melhores condições de vida através das muitas atividades que propicie, depende da exploração da natureza e dos aspectos característicos das sociedades locais.

[...] Evidentemente, cada atividade possui características próprias, mas a depender das características geomorfológicas do espaço, estas atividades podem estar juntas, sob a denominação genérica de Turismo Rural. A identidade de uma ou de outra atividade se dará pelo grau de atratividade que ela detenha no produto final. A junção de recursos naturais, da diversificação cultural e das atividades produtivas rurais dá ao turismo rural brasileiro características ímpares [...]. (ALMEIDA; SILVA, 1999, p.128).

O desenvolvimento rural já não pode estar alicerçado apenas sobre atividades agrárias tradicionais, permanentemente submetidas ao risco, à incerteza e à exaustão dos

fatores de produção. A diversificação de atividades se impõe. O turismo rural surge como alternativa mais promissora a curto e médio prazo. Mas apesar de a atividade turística representar uma alternativa viável, principalmente com relação ao meio rural, sabemos que tudo não se resume a um mar de rosas: as dificuldades existem como em todas as atividades e negócios propostos sejam eles ligados ao turismo ou a outras áreas.

Existem grandes dificuldades para a implantação e manutenção do turismo dentro das propriedades rurais, tais como: capital inicial reduzido; inexperiência administrativa; falta de parcerias; insegurança (muitas vezes causada pela inexistência de parcerias); vulnerabilidade do ambiente natural (BORBA, 2002, p.257). Nos aspectos sociológicos e psicológicos, constata-se que a “busca do campo” ou um “retorno às origens” pode constituir o anseio das populações concentradas em grandes centros urbanos no sentido de se desprenderem das atividades rotineiras e necessitarem de uma fuga do crescimento urbano e industrial.

Parcelas significativas da população urbana têm-se conscientizado, de forma crescente, de que o contato com a natureza e com a vida simples, autêntica e peculiar do campo pode viabilizar a recuperação das energias consideradas indispensáveis para o enfrentamento das dificuldades características da vida moderna.

Entretanto, há de se considerar que não compete às áreas e propriedades rurais o apelo ao turismo e ao lazer como solução vislumbrada para a superação de tais impasses e garantia de qualidade de vida. O desenvolvimento do Turismo nesse contexto surge como alternativa e, como tal, pode gerar aspectos positivos como o desenvolvimento e modernização do campo e aspectos negativos, como o impacto desse desenvolvimento na comunidade e a falta ou o excesso de infra-estrutura.

Talavera (apud Serrano, 2000), ao analisar o movimento populacional nos locais turísticos, descreve a importância dos impactos causados ou que possam causar nos moradores e visitantes, sendo grande a preocupação sobre os possíveis impactos sócio-

culturais que esse fenômeno pode promover. O autêntico buscado na realidade pelo turista é o diferente, aquele não existente em sua atividade cotidiana, fato que o valoriza e ele considera como exótico e peculiar e que passa a ser categorizado como autêntico para o viajante.

Sobre a produção do saber turístico, Moesch (2000, p.12) acrescenta que o fenômeno turístico interessa à economia enquanto atividade, à sociologia por seus aspectos sociais, à geografia por seu conteúdo espacial, à psicologia pelo comportamento individual, social e de grupo do turista e pela investigação motivacional que lhe é conexa.

Oxinalde (1994) relata que:

[...] o turismo rural engloba modalidades de turismo, que não se incluem e se complementam de forma tal que o turismo no espaço rural é a soma do ecoturismo verde, turismo cultural, turismo esportivo, agroturismo e turismo de aventura [...]. (OXINALDE, 1994, p.16).

Quando falamos de áreas rurais, devemos considerá-las como uma realidade e um espaço socialmente construídos, ao invés de pensá-los simplesmente como uma realidade não urbana.

Segundo Spenillo (1999):

[...] Por conta das novas caras que vêm assumindo a vida no campo... entendemos por meio rural a conformação sociocultural que um grupo de pessoas estabelece num determinado lugar, observando as formas de inserção deste grupo (sujeito coletivo) frente aos códigos hegemônicos. Portanto, um grupo social é considerado rural pela forma de garantia de sobrevivência (produção) de se dar predominantemente pela via agrícola, mesmo quando há outras formas de recolhimento de recursos financeiros por seus membros, pelo lugar sociogeográfico que ocupa em relação aos grandes centros de produção de informação e circulação de capital, pelas origens históricas (e apego a elas) do sujeito coletivo por características próprias do grupo capazes de lhe garantir condições de reunir-se em busca de transformações sociais que permitam a manutenção do grupo num meio rural e, ao mesmo tempo, sua inserção econômica e política junto à

sociedade através de atividades produtivas locais [...]. (SPENILLO, 1999, p.38-39).

Com o desenvolvimento do turismo, as áreas rurais constituem um recurso e, ao mesmo tempo, são beneficiários desse desenvolvimento. Hoje, o meio ambiental rural e as comunidades locais estão sendo usados não só para satisfazer as necessidades alimentares da população, mas também as demandas por turismo, incluindo as atividades de lazer e recreação (CLOKE e GOODWIN, 1992; BRIASSOULIS e van der STRAATEN, 1992).

Entretanto, vem se reproduzindo no meio rural uma série de atividades que nada tem a ver com as tradicionalmente desenvolvidas. Algumas delas possuem a base essencialmente agrícola como floricultura, horticultura, etc. Porém, outras quase nada têm de base agrícola, como é o caso dos pesque-pagues, do turismo de aventura, etc. Dessa forma, nem todas as áreas rurais são igualmente valorizadas pela atividade turística. A oportunidade e a necessidade de desenvolvimento do turismo no meio rural pode depender do conjunto de atributos naturais de uma região, do potencial turístico a ser explorado e do conceito que o turista entende por turismo rural.

De um modo geral, os turistas atribuem significados diferentes às áreas rurais e ao imaginário rural. Alguns os associam com a natureza e sua beleza, para outros o interior representa um local de difícil acesso, ou um lugar para se recuperar do *stress* e relaxar, desfrutar de uma refeição caseira e um copo de vinho, um lugar barato, um lugar para aprender, um lugar distante, um lugar inóspito, ou um lugar para observar pessoas “subdesenvolvidas” lidando com a simplicidade de suas vidas diárias. (SMITH, 1992, p. 126).

O rural e a percepção do imaginário rural está fortemente associado à forma como as expectativas e motivações dos turistas são traduzidas numa experiência concreta, assim como os significados e representações sociais da “realidade rural”

proporcionados por essas experiências. Os turistas transformam, por suas interpretações, o produto turístico oferecido no imaginário rural. Ao selecionar seu destino, o turista compara suas necessidades e motivações com a propaganda, às recomendações dos amigos e suas próprias experiências anteriores.

Acredita-se que o crescente interesse pelas áreas rurais reflete uma melhoria na qualidade de vida, uma mudança nos padrões de trabalho e um crescimento no tempo livre. As pessoas aposentam-se mais cedo e vivem mais. Além disso, a mobilidade individual e a flexibilidade aumentaram. (ROBERTS e HALL, 2001; WTO, 1993, p. 118).

Outro aspecto acerca do turismo diz respeito à perspectiva de como as comunidades são realmente construídas e de que maneira as identidades grupais e as tradições são inventadas e autenticadas. A tentativa de atrair o interesse dos turistas e a massificação do turismo acabam por inibir o contato entre a comunidade local e seus visitantes. É preciso um esforço especial para provocar empatia em relação às vidas e valores dos habitantes locais.

A noção de respeito às comunidades nativas é extremamente difícil de se definir e mais ainda de se realizar. De um modo geral o desenvolvimento do turismo, planejado ou não, não tem deixado a possibilidade das comunidades receptoras conservarem seus valores.

Cabe salientar que, no processo de constituição das classes sociais, o lazer caracterizou a elite capitalista, que fez do trabalho o valor central do seu sistema social, como o principal símbolo de distinção de um novo status, adquirido não pelo sangue, mas pela posse de riquezas. Neste contexto, o uso do tempo da ociosidade não teria como finalidade o desfrute pessoal, mas seria antes um meio para mostrar aos olhos de todos um novo status que distingue os burgueses dos trabalhadores, permitindo àqueles

deter um domínio sobre o tempo que é vedado a estes. Assim, o lazer e o consumo ostentatório se tornam o principal símbolo da classe dominante.

O impacto do turismo sobre as comunidades locais pode produzir conseqüências negativas e positivas, dependendo das circunstâncias e apropriações que podem variar de caso para caso. De um lado, o turismo pode desagregar bases sociais e comprometer os padrões culturais que mantêm o equilíbrio de um local. O aspecto econômico pode ocupar uma posição central, com enfoque materialista, atentando para as transformações que ocorrem num local com a vinda de turistas, o que leva a novos investimentos e redefine hierarquias, bem como o sistema de relações firmadas. Dessa forma, qualquer elemento externo que ultrapasse as fronteiras de uma comunidade pode ser visto como uma ameaça à sua estabilidade e à manutenção de seus espaços culturais.

Por outro lado, há a substituição da experiência do encontro com o outro, o diferente, o exótico pelo convívio entre iguais em espaços cada vez mais protegidos de qualquer impacto em relação ao outro, onde se partilha uma sensibilidade comum. Percebe-se que o desenvolvimento do mundo rural surge atualmente muito ligado à diversificação da sua economia. Por sua vez, a idéia de diversificação da economia rural decorre, cada vez mais do que um simples fornecedor de matérias primas.

O turismo rural representa um interessante exemplo de aceleração da cultura, história, natureza, hábitos alimentares, lazer e outros. Processos como globalização, aceleração, padronização têm resultado numa ampla mercantilização da ruralidade, enquanto que a qualidade de vida está, muitas vezes, associada a viver em contato com a natureza, ar puro, comida saudável, ingredientes do imaginário rural.

“Alguns turistas usam o ambiente rural por motivos recreacionais, enquanto outros romantizam o meio rural e buscam a vida rural autêntica, sendo que outros ainda o percebem como um lugar remoto e excitante, adequado para aventuras repletas de adrenalina”. (VERBOLE, 2002, p.131). Em geral, as pessoas querem e buscam

experiências no meio rural onde tenham um contato maior com o ambiente natural e que, de preferência, passem a testar a si próprias e a superar limites.

Duas características do turismo rural devem ser especialmente consideradas. Primeira, o seu desenvolvimento pode produzir-se em zonas que não disponham de recursos turísticos extraordinários, o que significa que a aptidão para o turismo rural estende-se a amplas regiões do território. A segunda característica fundamental é seu baixo nível de barreiras à entrada, o que implica que o turismo rural pode criar postos de trabalho com reduzidos volumes de investimentos⁴⁷.

Na ausência de uma conceituação mais precisa do conjunto de atividades turísticas e recreativas que acontecem no meio rural, muitos consideram que a terminologia “turismo rural” deve ser usada apenas quando o turista efetivamente se hospeda no meio rural e participa, de forma lúdica, dos trabalhos realizados na fazenda ou no sítio. Outros, “quando o turista visita fazendas e sítios, passa o dia se entretendo, fazendo cursos em unidades agrícolas ou compras de alimentos e artesanatos típicos, tornando-se múltiplas ou variadas as possibilidades e atividades ligadas ao turismo rural”.(Silva,Graziano,1998,p.19).

Nesse sentido, adota-se um conceito múltiplo, um turismo diferente, turismo interior, doméstico, integrado, endógeno, alternativo, etc. dando ao turismo rural, de maneira informal, a seguinte definição:

[...] Atividade multidisciplinar, que se realiza no meio ambiente, fora de áreas intensamente urbanizadas. Caracteriza-se por empresas turísticas de pequeno porte, que têm no uso da terra a atividade econômica predominante, voltadas para práticas agrícolas e pecuárias [...]. (ALMEIDA, FROELICH e RIELD, 2000, p. 19).

⁴⁷ In: Turismo Rural. In: www.obt.inpe.br/pgsere/ribeiro_m_1_2001/cap2.pdf.

Para Cavaco (1996, p.109), [...] pela motivação dos que o praticam, o turismo rural é um turismo de espaços naturais e, sobretudo, de espaços urbanizados, ativo ou apenas contemplativo [...].

Os problemas resultantes da massificação do turismo rural em locais que permitam o desenvolvimento econômico quando localizado em núcleos próximos a grandes cidades ou em locais com atrativos especiais, remetem aos seguintes aspectos: a localização estritamente pontual, não permitindo o desenvolvimento de grandes áreas rurais; impactos ambientais decorrentes do crescimento desordenado de construções dentro e fora do núcleo rural; abandono parcial ou completo das atividades agropecuárias existentes nesses locais; terceirização excessiva da atividade econômica e conseqüente dependência da atividade turística sem o desenvolvimento de atividades alternativas à população local.⁴⁸

O turismo em áreas rurais geralmente é visto como uma fonte adicional de geração de emprego e de renda para famílias residentes no campo, à medida que vêm decaindo a ocupação e as rendas provenientes das atividades agropecuárias tradicionais. Alicerçado nas potencialidades naturais, pode cooperar de maneira substantiva como instrumento de desenvolvimento regional sustentável, discutindo as suas limitações e possibilidades como atividade complementar de geração de renda e ocupação não agrícola em áreas rurais. (SOUZA, Luciana da Silva. O turismo rural: Instrumento para o desenvolvimento sustentável. In: www.eumed.net/libros/2006c/194/1d.htm).

De acordo com Tulik (1997), a EMBRATUR entende o turismo rural como parte da diversificação do produto turístico nacional e estabelece algumas estratégias para o desenvolvimento do turismo rural, como “[...] promover um turismo organizado e administrado pela população rural com uma oferta de pequena escala, o que torna

⁴⁸ RODRIGUES A. **Turismo e Geografia:** Reflexões teóricas e enfoques regionais. São Paulo. Hucitec, 1999.

possível que benefícios econômicos do turismo tenham incidência na sociedade rural [...]”.

Para Ruschmann (2000), o turismo rural:

[...] explora e “capitaliza” o meio rural ou natural que, de outra forma, não agrega valor econômico, só aquele diretamente relacionado à produção agrícola ou à pecuária; estimula a aquisição de produtos artesanais e aqueles relacionados com atividades no meio rural como lamparinas, ferramentas, objetos de decoração, ao atrair fluxos de pessoas de outros espaços econômicos, o turismo rural estimula o consumo nas áreas onde ocorre, desencadeando o tradicional efeito multiplicador da atividade turística [...]. (RUSCHMANN, DORIS van de M. *Apud* ALMEIDA, FROEHLICH e RIELD, 2000, p. 65).

A necessidade de viajar, principalmente por parte dos habitantes urbanos que procuram áreas rurais como uma fuga do “estresse urbano” dos grandes centros, segue uma tendência de crescimento no País, ao mesmo tempo em que a indústria do turismo, aliada às conquistas sociais, faz crescer o marketing do lazer como solução e garantia de uma melhor “qualidade de vida”.

O termo “qualidade de vida” está associado a duas questões: a democratização dos acessos às condições de preservação do homem, da natureza e do meio ambiente e à busca do simples, do verde, ou a fuga dos tumultos, associada ao cidadão que procura recuperar o equilíbrio psicofísico em contato com o meio ambiente durante o seu tempo de lazer.

A bibliografia sobre turismo em áreas rurais no País é ainda muito restrita e a maior parte dela dedicada a apresentar estudos de casos em andamento, e exaltar os benefícios gerais da atividade e a divulgar o processo de planejamento do ecoturismo na região (Graziano da Silva et al., 1999).

O turismo rural no Brasil ainda está engatinhando em termos de sensibilização, e o seu segmento no espaço rural ainda é desordenado e pouco desenvolvido segundo Campanhola e Graziano da Silva (1999). Eles apontam como principais causas: atividades do segmento não regulamentadas; informação e comunicação deficiente;

incentivos ao turismo no meio rural insuficientes; pouca articulação institucional; infraestrutura precária; comunidades locais pouco envolvidas; pessoal pouco capacitado e promoção e comercialização ineficiente.

Quanto à conceituação, Graziano da Silva *et al.* (1999) concluem que dada a ausência no Brasil de uma avaliação mais precisa do conjunto de atividades turísticas e recreativas que acontecem no meio rural, muitos consideram que a terminologia turismo rural deva ser usada apenas quando o turista efetivamente se hospeda no meio rural e participa (de forma lúdica, em geral) dos trabalhos realizados nas fazendas ou sítios.

Outros, que deve ser entendido como uma situação em que o turista visita fazendas e sítios onde passa o dia se entretendo, fazendo cursos em unidades agrícolas ou compras de alimentos e artesanatos típicos.

A EMBRATUR elaborou o manual operacional do Turismo Rural que preferiu adotar um:

[...] conceito múltiplo, um turismo diferente, turismo interior, turismo doméstico, turismo integrado, turismo endógeno, alternativo, agroturismo, turismo verde. O turismo rural inclui todas essas variedades. É o turismo do país, um turismo concebido por e com os habitantes desse país, um turismo que respeita a sua identidade, um turismo de zona rural em todas as suas formas[...]. (EMBRATUR, 1994 *Apud* Graziano da Silva *et al.* 1999, p.14).

O manual operacional do Turismo Rural, lançado em 1994, mostra que seu objetivo não era criar um conjunto de leis e normas para o setor, mas apresentar e sugerir, particularmente a quem estivesse interessado na atividade, alguns modelos de funcionamento e gestão do que se entendia, na época, como turismo rural.

Segundo Graziano da Silva *et al.* (1999), passados mais de quatro anos da publicação desse manual, tendo em vista o crescimento da demanda por parte do cliente e da oferta de diversos e diferentes agentes econômicos, em 1998, a EMBRATUR

promoveu uma série de debates, seminários e “workshops”, com o objetivo de definir uma política específica para o turismo rural.

Atualmente a EMBRATUR tem dado, de maneira informal, a seguinte definição ao turismo rural:

[...] Atividade multidisciplinar que se realiza no meio ambiente, fora de área intensamente urbanizada. Caracteriza-se por empresas turísticas de pequeno porte, que têm no uso da terra a atividade econômica predominante, voltada para práticas agrícolas e pecuárias [...] (EMBRATUR, 1994 *Apud* Graziano da Silva et al. 1999).

De acordo com essa definição, o turismo rural envolveria, entre outras, as seguintes atividades/produtos: caminhada, visitas a parentes/amigos, visitas a museus, galerias e sítios históricos, festivais, rodeios e shows regionais, esportes na natureza, visitas a paisagens cênicas/fauna e flora, gastronomia regional, artesanato e produtos agroindústrias, camping, hotéis-fazenda, albergues, *spas*, etc.

Um outro aspecto relevante é a questão da política nacional de turismo em espaços rurais. Graziano da Silva *et al.* (1999) salientam que na Política Nacional de Turismo existem vinte e três programas e que, além do Programa Nacional de Ecoturismo, destacam-se como mais diretamente relacionados à questão do turismo em espaços rurais: o Programa Nacional de Municipalização do Turismo e o Programa Nacional de Desenvolvimento da Pesca Amadora.

Estão presentes nesses programas também a preocupação quanto ao desenvolvimento sustentado e a descentralização na formulação e execução da política de turismo. Os autores argumentam que não há um programa específico de turismo rural, não há uma política de turismo efetivamente integrada às outras atividades que acontecem no espaço rural do País.

No entender de Tulik (1997), a EMBRATUR em sua Política Nacional do Turismo entendendo o turismo rural como parte da diversificação do produto turismo

nacional estabelece algumas estratégias para o desenvolvimento do mesmo. Dentre elas merece destaque a de promover um turismo organizado e administrado pela população rural com uma oferta de pequena escala, o que torna possível e permite que benefícios econômicos do turismo tenham incidência na sociedade rural.

Para a Associação Brasileira de Turismo Rural (ABRATURR), o crescimento desordenado desta atividade tem gerado uma série de problemas tais como: dificuldades de enquadramento do pessoal ocupado (trabalhador rural ou serviço) e especialização das fazendas nas atividades de turismo e hotelaria em detrimento de sua atividade agrícola ou pecuária original. A ABRATURR destaca também que o crescimento do setor tem despertado a atenção dos agentes de fiscalização e exigência de cumprimento de regulamento e normas que desfiguram a atividade.

No sul, onde o turismo rural vem se desenvolvendo, os proprietários apontam a urgência em regulamentar e normatizar a atividade, uma vez que o turismo rural hoje não é reconhecido como do ramo da hotelaria nem como trabalho rural.

Além disso, a legislação brasileira não contempla a atividade de serviço no meio rural (Silva, 1999). Segundo Zimmermann (1998), o processo de desenvolvimento no País é decorrente da força da mídia e ele ressalta a necessidade que o produtor rural tem de buscar novas fontes de renda para sua sobrevivência. Hoje, ele está espalhado por todo Brasil, e cada região procura encontrar sua forma de realizá-lo, aproveitando suas potencialidades. O autor (1998, p.17) destaca que o turismo rural “já acontece há mais de 14 anos, mas não existe, até a presente data, nenhuma legislação ou política de fomento a esta atividade”.

O programa de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF) apóia ações de divulgação e conscientização sobre perspectivas do agroturismo, promovendo ações de capacitação dos jovens, preferencialmente dos filhos de produtores, financiamento para a melhoria da infra-estrutura nas propriedades agrícolas e no local onde se inserem.

Existem iniciativas importantes de alguns municípios brasileiros, com o objetivo de motivar o desenvolvimento do turismo rural, que estão se organizando, mas a falta de incentivos financeiros e de diretrizes do poder municipal são, porém, os maiores entraves na concretização e exploração do turismo.

O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) tem um programa e uma linha de crédito de incentivo ao desenvolvimento do turismo no País que são repassados às instituições financeiras credenciadas pelo banco.

Assim, a atividade turística pode constituir um importante vetor do desenvolvimento, pois interage com o maior número de outros setores da economia, induzindo ao crescimento. Dessa forma, o turismo rural torna-se uma atividade econômica suscetível de tomar parte nos planos de desenvolvimento locais e/ou regionais, e até mesmo constituir o eixo desse processo.

Entende-se como condição necessária uma incursão pela trajetória do turismo rural, assim como a definição da terminologia que está sendo utilizada neste texto. Outro aspecto diz respeito à relação entre as comunidades receptoras e os turistas, além de discutir a autenticidade dos espaços, a identidade local e a busca de uma cultura de raízes.

A literatura da área remete a várias modalidades de turismo que por vezes são englobadas por alguns estudos teóricos como “rural”, embora haja sérias divergências entre os autores. O principal ponto trata da definição de “rural” e “urbano”, ou seja, se o turismo praticado em áreas rurais pode ser denominado como turismo rural apenas por ocorrer fora da zona urbana, embora seja desenvolvido em moldes idênticos àqueles praticados nas cidades ou, ainda, se estiver associado à participação do visitante em rotinas típicas do campo.

Para Tulik, (2003):

[...] no sentido amplo, percebe-se que o turismo rural consiste no conjunto de atividades desenvolvidas no espaço rural. Questiona-se, porém, se tudo o que existe nessa área é, de fato, rural. [...] Para muitos especialistas, turismo rural, no estrito senso, deve estar ligado às características próprias do meio rural, excluindo-se desse rótulo outras formas que nada têm a ver com a prática e o conteúdo rural; deve estar ligado à paisagem rural, ao estilo de vida e cultura rural. (TULIK, 2003, p. 43).

Para efeitos deste estudo, deve-se considerar o interesse em prospectar a experiência turística em um espaço com características típicas e singulares, e utiliza-se com base conceitual a premissa de que o turismo rural deve estar necessariamente associado aos valores culturais, ao estilo de vida, ao imaginário e às práticas laborais de campo. O turismo rural deve ser entendido então como uma das muitas modalidades de turismo que podem ser desenvolvidas no meio rural. Assim, a modalidade turística (turismo rural) não deve ser confundida com o termo que designa a região onde se desenvolve, no caso, as áreas rurais.

O turismo rural apresenta raízes remotas, sendo, no entanto, difícil precisar a data de seu surgimento. Estudos apontam que o modelo brasileiro foi influenciado pela comunidade européia, assim como pelo padrão desenvolvido nos Estados Unidos. “O conhecimento de experiências de sucesso em outros países proporciona significativo estímulo para o crescimento do turismo rural no Brasil”. (TULIK, 2003 p. 59).

[...] A atividade surge no Brasil em meados dos anos 80, no século passado, sendo o município de Lages, em Santa Catarina, apontado como pioneiro no país. “[...] com o rótulo de turismo rural [...], as primeiras iniciativas oficiais ocorreram no município de Lages, localizado no planalto catarinense, na Fazenda Pedras Brancas. Em 1986, a fazenda propôs a acolher visitantes para “passar um dia no campo”. Oferecendo pernoite e participação nas lidas do campo, são consideradas pioneiras também a Fazenda do Barreiro e a Fazenda Boqueirão. As iniciativas multiplicaram-se rapidamente não somente em Lages, mas em todo o território brasileiro, particularmente nas regiões Sul e Sudeste [...]. (RODRIGUES, 2001, p. 101).

Atualmente, o turismo rural está amplamente disseminado por todo o país e está visivelmente em fase de crescimento. Dados da Pesquisa Nacional de Amostragem por domicílio (PNAD) das décadas de 80 e 90 revelaram que a população economicamente ativa (PEA) rural cresceu enquanto a PEA agrícola diminuiu. A explicação para esse contraste está no crescimento verificado em atividades não-agrícolas no meio rural brasileiro.

Em termos numéricos, as pessoas ocupadas em atividades não-agrícolas eram, em 1999, de 4,62 milhões, significando um acréscimo de mais de um milhão em menos de vinte anos. Em grande parte, isso se deve às “novas funções” e às “novas atividades”, que se expandiram pelo meio rural, destacando-se as atividades de lazer e de turismo (pesque-pague, hotéis-fazenda, pousadas, chácaras de final de semana, etc.) de preservação ambiental, produção artesanal, residências e de um conjunto de outras profissões que se incorporam ao cotidiano da vida rural.⁴⁹

O turismo rural [...] é hoje contemplado como ferramenta estratégica na conservação do meio ambiente e na preservação das culturas locais [...] (TALAVERA, 2000, p. 152). Trata-se de uma forma de lazer fundamentada na paisagem natural, no patrimônio cultural e no desenvolvimento social das regiões interioranas do Brasil.

O turismo rural assume um posicionamento alternativo nos mercados turísticos em relação aos produtos massificados. O turista rural determina a busca por um distanciamento de procedimentos e rotinas do cotidiano, assim como a intenção de encontrar novos atrativos e atendimento personalizado, em contraposição ao turista de áreas massificadas, este em busca de espaços turísticos tradicionais e de uma relação mais impessoal com os agentes receptivos.

[...] A massificação atinge uma faixa cada vez mais delimitada e restrita, porque a partir do momento que as pessoas começam a

⁴⁹ MATTEI, Lauro. **Agricultura familiar e turismo rural: evidências empíricas e perspectivas.** In. Turismo no Espaço Rural. Enfoques e perspectivas. / Organizadores Anderson Pereira Portugal... [et al.] – São Paulo. Roca, 2006, p.138.

se preocupar com qualidade e a exigir atendimento personalizado, acontece um afastamento de tudo o que representa produto ou serviço indiferenciado, pré-montado, um pacote [...]. (TRIGO, 1991, p. 06).

No turismo rural, ocorre, com frequência, a transformação de espaços de trabalho em espaços de lazer.

[...] O turismo rural é uma forma de turismo ativo e não contemplativo, ou seja, as pessoas querem vivenciar o dia-a-dia do local visitado, passando a sentir-se como pessoas íntimas da localidade e tendo a oportunidade de praticar as atividades do campo, bem como conviver com a realidade observada, interagindo ativamente na vida da comunidade local [...]. (OLIVEIRA, 2002, p. 23-24).

A importância do turismo como setor econômico e práticas sociais no mundo contemporâneo está diretamente relacionada à lógica da produção de mercadorias. Podemos identificar uma ideologia do turismo alternativo como fator de desenvolvimento local. O turismo rural pode ser encarado como alternativa ao modelo dominante como um espaço que estaria à margem desse padrão e, como tal, garantiria a continuidade de formas ambientalmente sustentáveis de produzir.

Uma das motivações apontadas de forma mais recorrente para explicar o fenômeno turístico consiste no desejo de conhecer outras culturas. A curiosidade do turista, aliada ao aumento de seu fluxo para determinadas regiões também pode deflagrar um movimento autêntico de valorização e resgate da cultura local.

A valorização das práticas tradicionais e características de um determinado entorno espacial também podem revitalizar o sentimento de orgulho em relação ao local onde se vive e onde as experiências de convivência foram realizadas. A emergente demanda do turista pelas manifestações típicas pode significar a recuperação de práticas que estavam fadadas ao desaparecimento.

[...] O apego à terra do pequeno agricultor ou camponês é profundo. Conhecem a natureza porque ganham a vida com ela [...] para o trabalhador rural a natureza forma parte deles - e a beleza, como substância e processo da natureza, pode-se dizer

que a personifica. Esse sentimento de fusão com a natureza não é simples metáfora. Os músculos e as cicatrizes testemunham à identidade física do contato [...] (TUAN, 1980, p.111).

No estudo do turismo, é importante abordar a função dos elementos da oferta e demanda do diagnóstico que antecede qualquer intervenção de planos e programas de planejamento, ou seja, é importante avaliar todos os recursos disponíveis e os que se pretende implementar, tendo como parâmetro a demanda atual, futura e potencial, e sua sazonalidade. São elementos constitutivos do espaço do turismo, sem comprometer a população residente.

É importante desenvolver políticas sociais, econômicas e ambientais, que levem em conta as comunidades, o aumento das riquezas da terra para todos e a conservação das reservas da natureza e sua biodiversidade. Da mesma forma, é necessário encontrar mecanismos para que as comunidades receptoras de turismo, conscientes da importância dessa atividade, da importância de seus valores culturais e conhecedora das especificidades dos recursos naturais e culturais locais, passem a encontrar no turismo oportunidade de geração de renda para o próprio local, produzindo assim desenvolvimento local.

O desenvolvimento sustentável da atividade turística depende do conhecimento e respeito ao meio natural e da participação local tanto no planejamento como na implantação das atividades turísticas. Os conceitos de desenvolvimento sustentável e de sociedade sustentável não poderão se operacionalizar apenas pela via econômica ou tecnológica, nem apenas pela inclusão de preocupações ambientais nos projetos de investimentos. Seu verdadeiro significado será derivado de esforços sistemáticos para a consolidação de uma sociedade mais estável, racional e harmoniosa, baseada em princípios de equidade e justiça nas relações entre as pessoas.

[...] O turista rural, interessando pela cultura, pede da área visitada um elemento diferencial que não seja confundível com

o objeto turístico, que possa ser identificado como próprio e exclusivo, como exótico e, se possível, como usado. O esteticamente atrativo do *souvenir* pode ser substituído pela qualidade expressa de constituir uma representação étnica ou de estilos de vida diferentes do seu. Esse turista sente, ao menos, curiosidade pelo estilo e pela forma, pelo que representa e expressa para os moradores, pela história real e imaginária do objeto que, apesar de tudo, deve cumprir para ele sua missão recordatária e santuária [...]. (TALAVERA, 2000, p. 167).

Tradições, crenças, valores culturais, exercem fortes influências sobre o comportamento econômico, com profundas implicações tanto sobre as políticas gerais, como sobre as específicas. O turismo precisa encontrar alternativas para uma relação harmoniosa com a natureza, mas, sobretudo com as sociedades visitadas.

Ruschmann (1997) aponta que:

[...] o planejamento turístico de recursos naturais de notável valor paisagístico deve atender para o fato de que o meio ambiente é considerado patrimônio público e o aspecto de que sua conservação ecológica deverá estar equilibrada com o uso comum pelo povo, possibilitando a todos os cidadãos e aos turistas a prerrogativa de agredir, devastar e destruir os locais que visitam, colocando em risco a beleza paisagística e os exemplares da fauna e da flora [...]. (RUSCHMANN, 1997).

O turismo pode ser considerado uma das principais fontes econômicas a nível mundial. No mundo o turismo representa 10% do PIB global. Cresce 4% ao ano, enquanto a economia global cresce à taxa de 2% ao ano. É responsável por 1 em cada 9 empregos no mundo. É responsável por 12,3% do PIB francês e apenas 3,7% do PIB brasileiro. Dados da OMT (Organização Mundial do Turismo) mostram que o Brasil é o 36º destino mais procurado no mundo. Em 2005, ano de referência do estudo, o país atraiu cerca de 5,4 milhões de turistas. O resultado indica um crescimento de 11,8% em relação ao ano anterior. O ritmo da expansão brasileira é superior à média mundial. Em 2005, o crescimento do setor de turismo foi de 5,3%.

O turismo deve ser considerado também como atividade de natureza social, política e cultural que implica em deslocamento espacial de um lugar habitual a outro

temporal. Observa-se como característica dessa atividade, a satisfação de necessidades culturais, sendo nesse contexto social, político e econômico, que o turismo se desenvolve como fenômeno capaz de atrair milhares de pessoas num intercâmbio marcado pela diferença e pela fronteira.

O aspecto que se conecta entre a busca pela diferença, o deslocamento e o incremento da atividade está relacionado também na contemporaneidade pela valorização da herança cultural de povos e civilizações, suas peculiaridades e seus monumentos. Enfim, seu patrimônio cultural, como forma de se tornarem atraentes não só para o capital local, nacional e internacional, mas também mundial.

3.3 ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

O presente capítulo abordará a discussão sobre os resultados da pesquisa de campo com moradores dos faxinais de Taboãozinho e Barra Bonita e, verificando as contribuições que esta pesquisa poderá trazer para a continuidade do Sistema Faxinal e a possível implantação do Turismo Rural nessas áreas. Dessa forma, foram realizadas análises das respostas transformando-as em gráficos para uma melhor discussão acerca dos seus conteúdos. Também foram realizadas análise de algumas perguntas abertas em que não houve a necessidade de transformá-las em gráficos.

Foram analisados os questionários aplicados aos representantes dos órgãos públicos e da Organização Não Governamental Instituto Guardiões da Natureza (ING). Buscando uma adequada estruturação deste trabalho, foram necessários vários instrumentos para a coleta de informações e para reflexão sobre o tema abordado. Este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa com base no Método Monográfico que conforme Lakatos (1991):

Criado por Le Play, que empregou ao estudar famílias operárias na Europa. Partindo do princípio de que qualquer caso que se estude em profundidade pode ser considerado representativo de muitos outros ou até de todos os casos semelhantes, o método monográfico consiste no estudo de determinados indivíduos, profissões, condições, instituições, grupos ou comunidade, com a finalidade de obter as generalizações. (LAKATOS, 1991, p. 83).

A investigação deve examinar o tema escolhido, observando todos os fatores que o influenciam e analisando-o em todos os seus aspectos. Dessa maneira justifica-se o Método Monográfico devido ao recorte realizado em torno dos faxinais de Prudentópolis – PR, que totalizam 19 faxinais, porém esta pesquisa abordou dois faxinais apenas, por se tratar de faxinais que já possuem projetos que em desenvolvimento na área de turismo e por se mostrarem abertos às mudanças o que poderá vir a contribuir para a fixação dos faxinalenses no campo.

Os faxinais foco de análise mostram-se receptivos a qualquer pesquisa desenvolvida em seu meio, o que contribuiu para a construção deste trabalho. Para a realização desta análise houve a necessidade de uma pesquisa de campo quando os dados foram coletados por meio da aplicação de questionários contendo perguntas abertas e fechadas e levantamento de fontes primárias referentes aos documentos das propriedades dos faxinalenses.

O pesquisador, como instrumento na coleta de dados, exerce junto a seu trabalho observações valiosas para a análise dos dados, e, analisa as situações de vida da população estudada por meio do contato direto, o que permite uma melhor exatidão do estudo. O tipo de pesquisa mais adequado para esse trabalho foi a “Pesquisa Qualitativa” que, de acordo com Minayo (1994, p. 22):

A pesquisa qualitativa surge diante da impossibilidade de investigar e compreender por meio de dados estatísticos alguns fenômenos voltados para a percepção, a intuição e a subjetividade. Está direcionada para investigação dos significados das relações humanas, onde suas ações são influenciadas pelas emoções e ou sentimentos aflorados diante das situações vivenciadas no dia a dia.

Destacamos que a Pesquisa Qualitativa abordada neste trabalho procurou levar em consideração a subjetividade dos faxinalenses; foram analisados, por meio dos questionários não somente os dados fechados, mas levaram-se em consideração as respostas das perguntas abertas, o que dá para perceber a receptividade presente nas duas comunidades foco de estudo, as quais buscam melhorias e se interessam em aplicar novas formas de desenvolvimento sustentável em suas propriedades, sejam elas por meio do Turismo Rural ou não.

A amostragem utilizada para análise foi a “Amostragem por Acessibilidade”, por apresentar o menor rigor comparando-se com outros tipos de amostragem. Nessa amostragem é o pesquisador que seleciona os elementos a que tem acesso. Admitindo que esses de alguma forma possam representar de alguma forma o universo da pesquisa.

Aplica-se esse tipo de amostragem em Pesquisas Qualitativas onde não é requerido elevado nível de precisão. A análise dos dados foi dividida por moradores dentro dos dois faxinais – Taboãozinho e Barra Bonita, como se observa a seguir na apresentação dos gráficos e da descrição das perguntas abertas. O questionário aplicado aos órgãos públicos e a ONG (ING) estão apresentados em forma de texto por se tratarem de perguntas abertas.

3.3.1 O FAXINAL DE TABOÃOZINHO

No Faxinal de Taboãozinho, segundo dados do Instituto Ambiental do Paraná (IAP), vivem 86 famílias, com área de 508,2 (ha) e área de criadouro de 363,0 (ha). A idade média da população local é de 44,9 anos, sendo que 23,2% da população estão estudando. A taxa de analfabetismo é de 7,1%. Cerca de 56,3% estudam ou possuem o ensino fundamental.

O abastecimento de água é feito em 67% das residências através de poço com bomba elétrica. A energia elétrica é 100% de rede pública. A associação comunitária do Faxinal possui 92% dos agricultores filiados. Na alimentação incluem carne de gado, ovos, carne de porco, hortaliças, legumes e frutas.



Fotografia 4 - Entrada do Faxinal Taboãozinho.
Fonte: Acervo da Autora, 2007.

A foto acima mostra a entrada principal do Faxinal de Taboãozinho, é constituída por uma estrada rural não asfaltada. A foto permite visualizar a paisagem onde se encontram as espécies vegetais que constituem o Sistema Faxinal, em que se destaca imponente o PINHEIRO DO PARANÁ, a Araucária, uma das espécies atualmente mais preservadas pelos faxinalenses.

O cultivo do fumo e a erva-mate ou sua extração da mata estão entre as atividades agrícolas dominantes. As casas possuem em média $76,33\text{m}^2$ sendo que 25% têm banheiro interno e 17% contam com sistema de fossa séptica. Todos são alfabetizados (na maioria das vezes alfabetizados em casa), entretanto não há escola e

nem posto de saúde nas proximidades. O criadouro comunitário é ativo e completo. A densidade populacional é de 1,07 hab./ha.



Fotografia 5 - Panorama de mata e animais criados à solta. Fonte: Acervo da Autora, 2007.

A imagem acima demonstra uma das formas do Sistema Faxinal que é o criadouro comunitário. Nela podem-se visualizar animais soltos que utilizam o pasto do próprio criadouro como alimento.



Fotografia 6 - Animais pastando. Ao fundo um exemplo de faxinal com vegetação variada. Fonte: Acervo da Autora, 2007.

As imagens anteriores (5-6) reforçam, mais uma vez, a forma do Sistema Faxinal com o criadouro comunitário e a variedade de espécies presentes na vegetação faxinalense.



Fotografia 7 - Crianças descendentes dos ucranianos brincando nos campos do Faxinal Taboãozinho. Fonte: Acervo da Autora, 2007.

A imagem anterior revela um pouco do convívio familiar dos faxinalenses. As crianças se divertem jogando bola ao final da tarde, diferentemente dos hábitos dominantes nos centros urbanos em que a tecnologia faz crianças passarem horas na frente da televisão perdendo o interesse por brincadeiras e até mesmo pelo folclore local, bem como pela construção de seus próprios brinquedos. Nos faxinais ocorre o oposto, as crianças ainda brincam de cantiga de roda, constroem seus próprios brinquedos, além do contato com a natureza. Após os afazeres escolares e domésticos, as crianças estão livres para sua recreação, pois elas também contribuem com tarefas domésticas e agrícolas dentro dos faxinais. Os pais acreditam que esses pequenos afazeres os tornam mais responsáveis.

Os dados obtidos mediante a análise dos questionários aplicados junto aos moradores de Taboãozinho – Prudentópolis – PR, permitiram algumas conclusões.

Primeiramente pode-se constatar que 40% dos moradores do Faxinal de Taboãozinho encontram-se na faixa de 41 a 50 anos, 20% estão entre as faixas de 20 a 30 anos, a mesma porcentagem para os moradores que possuem entre 51 a 60 anos e acima de 60 anos respectivamente. Nenhum dos pesquisados se encontrava entre os 31 a 40 anos de idade.

Um dado importante revelando pela pesquisa é que todos os entrevistados são agricultores. Outro fato constatado diz respeito ao grande número de jovens que saem do faxinal. As respostas obtidas foram que os jovens saem por não terem mais opção de trabalho no faxinal e por não se submeterem a lidar com a terra. A justificativa foi que o trabalho na terra, ou seja, com a agricultura, é muito árdua. Esta constatação se deu devido à observação na hora de aplicar os questionários, pois as residências visitadas o número de jovens encontrados foi em número menor, levando ao questionamento sobre o dado.

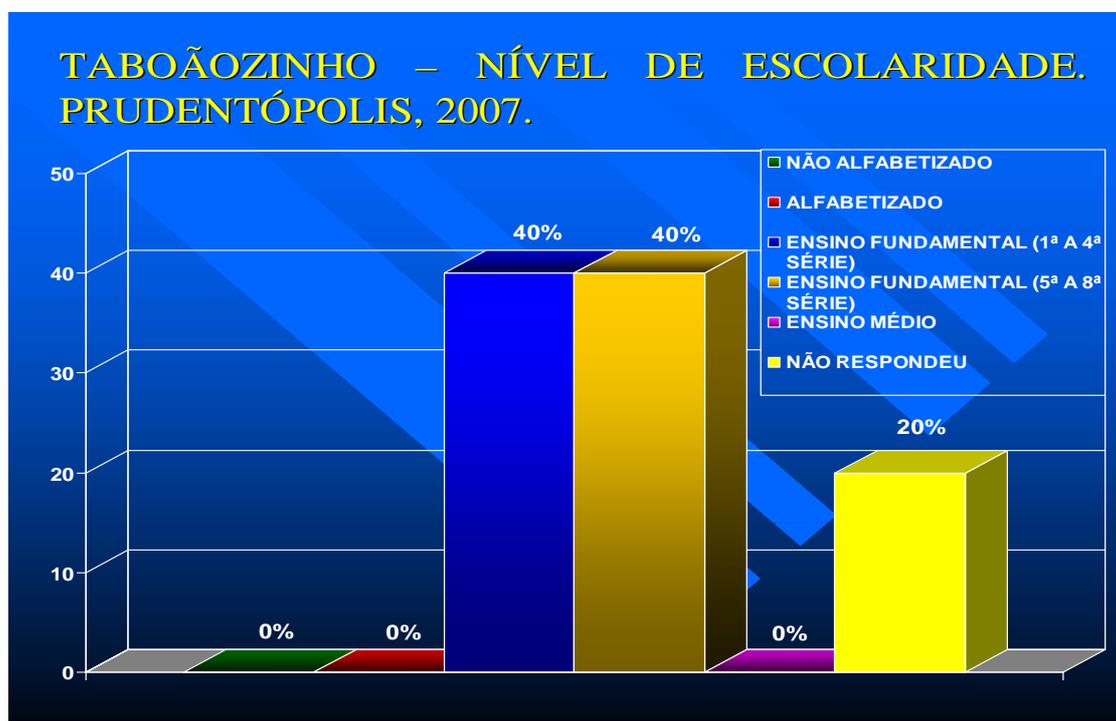


Gráfico 1. Escolaridade. Prudentópolis, 2007. Fonte: Elaborado pela autora, 2007.

O gráfico 1 apresenta o grau de escolaridade dos entrevistados, registrando que 40% deles cursaram da 1ª à 4ª série e o mesmo percentual corresponde aos que cursaram da 5ª à 8ª série.

Nenhum dos entrevistados do Faxinal de Taboãozinho é analfabeto. Uma parte dos alfabetizados cursaram até o ensino fundamental, de 1^a à 4^a série sendo que 20% dos pesquisados não responderam tal questão, talvez por não entenderem o que vem a ser ensino fundamental.

A maioria dos entrevistados possui um baixo grau de escolaridade, ou seja, possui apenas o ensino fundamental, fato que pode ser atribuído à distância entre os faxinais e os centros urbanos onde ficam localizadas as escolas e também devido a difusão da idéia de que um bom nível de instrução não é essencial para o trabalho no campo. Em respostas ao questionário sobre o tema pesquisado um faxinalense respondeu que: “Meus pais não ligavam muito que a gente fosse estudar. Eles preferiam que ficássemos em casa, ajudando nas plantações e no sustento de casa”. (Lídio Kabrnicz, 57 anos, descendente de ucraniano).

Outro dado importante levantado na pesquisa diz respeito ao número de adultos na família. Constatou-se que 80% das famílias participantes da pesquisa são compostas por 1 ou 2 adultos, representados pelo pai e pela mãe e cerca de 20% delas possui de 3 a 4 pessoas adultas, devido à presença de irmãos e avós.

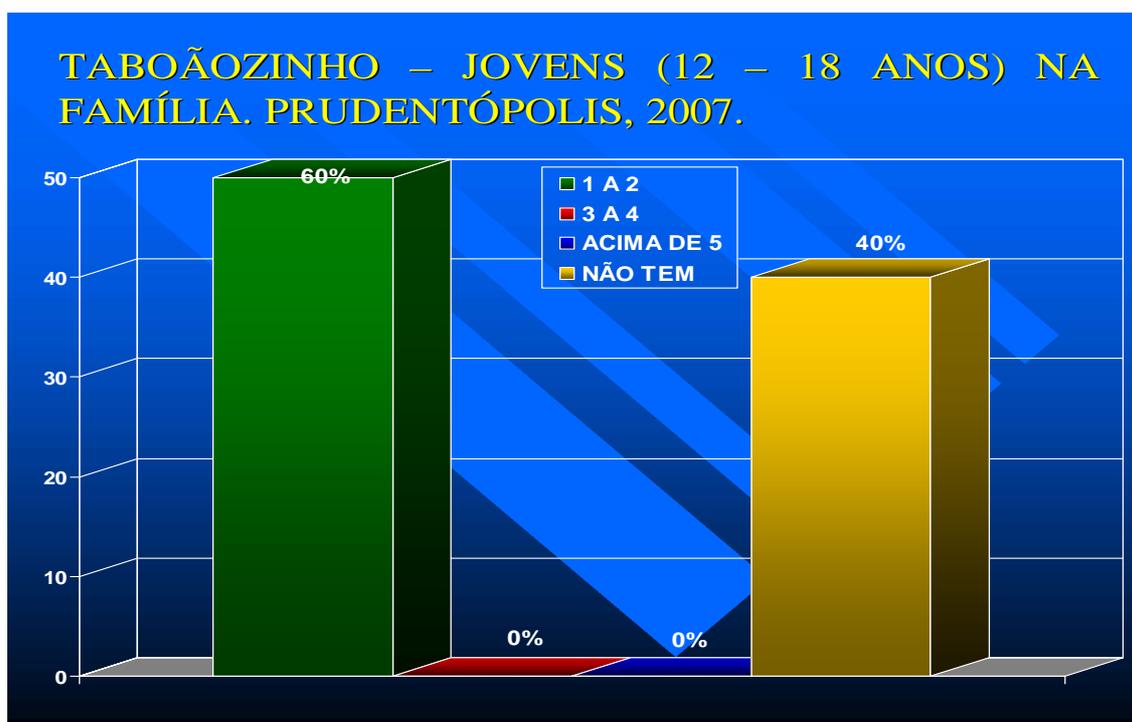


Gráfico 2. Jovens (12 – 18 anos) na família. Prudentópolis, 2007. Fonte: Elaborado pela autora, 2007.

O gráfico 2 refere-se ao número de jovens existentes nas famílias, sendo que mais da metade delas (60%) é composta por 1 a 2 jovens e outro percentual (40%) não possui jovens. A dificuldade financeira é considerada o principal fator responsável pelo baixo índice de jovens entre as famílias. Há que considerar, porém, que boa parte dos jovens se deslocou para os centros urbanos na busca de estudo e emprego, deixando de lado o modo de produção agrícola de seus familiares.

Um dos pesquisados, Luciano Pereira (22 anos, descendente de ucraniano e português): “Meus irmãos foram embora para o Estado de Santa Catarina para trabalhar em indústrias, onde há mais oportunidade de emprego”. Nesse contexto, o pesquisado revelou que, por ser o filho mais novo, optou por ficar junto aos pais, pois não havia quem os ajudasse na produção agrícola.

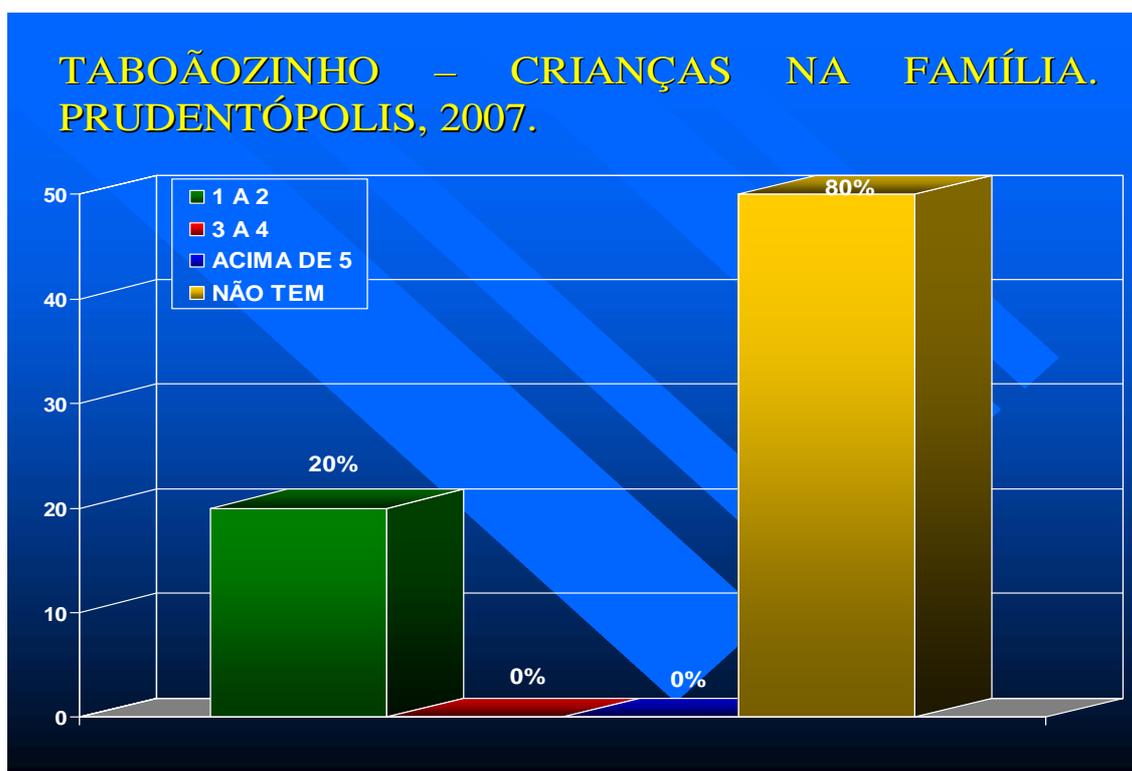


Gráfico 3. Crianças na família. Prudentópolis, 2007. Fonte: Elaborado pela autora, 2007.

Quanto ao número de crianças, apenas 20% das famílias conta entre uma a duas crianças, enquanto 80% delas não têm criança alguma. Este índice comprova a dificuldade financeira para a manutenção de uma família, acrescentando-se o ainda o fato de que os adultos entre 41 e 50 anos não pretendem mais ter filhos por não verem perspectiva de futuro nos faxinais devido à sua desagregação.

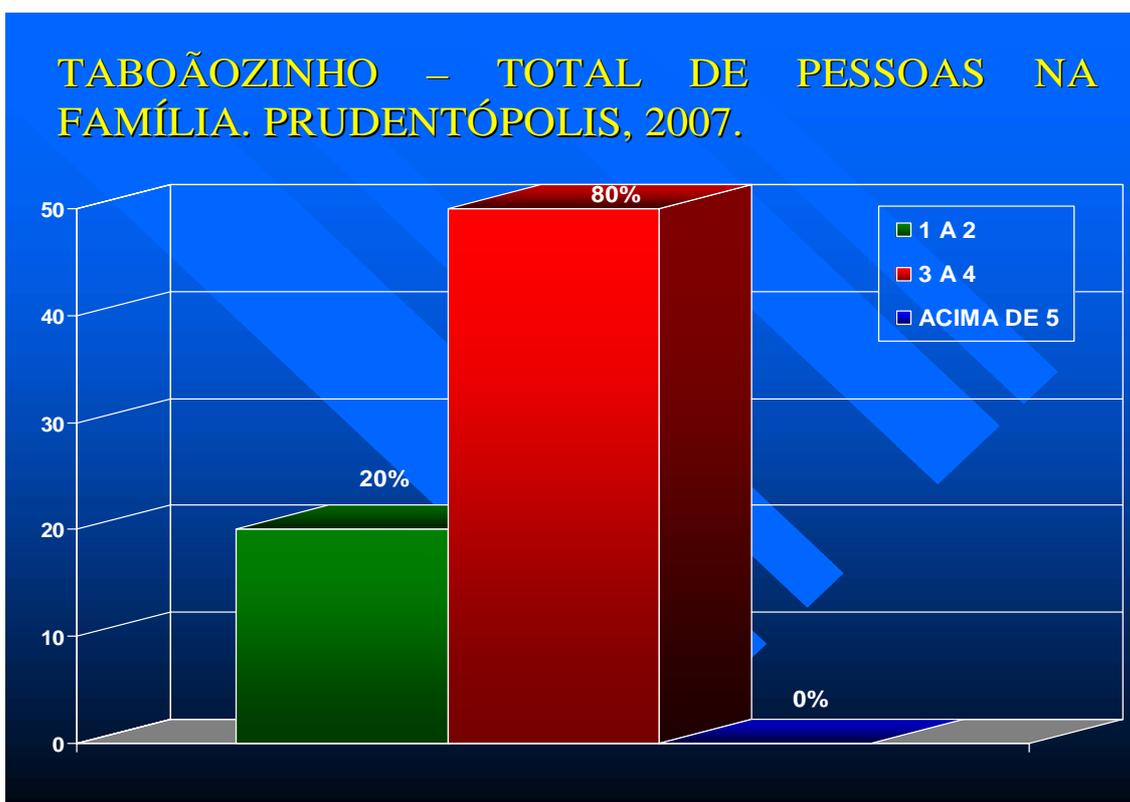


Gráfico 4. Total de pessoas na família. Prudentópolis, 2007. Fonte: Elaborado pela autora, 2007.

Das famílias contatadas, 80% delas são compostas por 3 a 4 pessoas e 20% conta com 1 a 2 pessoas. Chama a atenção o fato de que nenhuma família possui mais de 5 pessoas. A diminuição no número de pessoas que compõem as famílias rurais é uma realidade, tal como acontece nos centros urbanos brasileiros nas últimas décadas.

Quanto à origem étnica da população do Faxinal de Taboãozinho, 80% dos pesquisados são de origem ucraniana e 20% de italianos. A predominância da origem europeia nos Faxinais encontra explicações no processo de povoamento e colonização do terceiro planalto paranaense, cujas condições históricas acabaram por determinar esse fluxo colonial para essa área do estado do Paraná. “Esta região da pequena Ucrânia tem seu centro cultural em Prudentópolis, que se transformou no município brasileiro com maior número de ucranianos e descendentes”. (LUBASCHEVSKI, 2005, p.1).

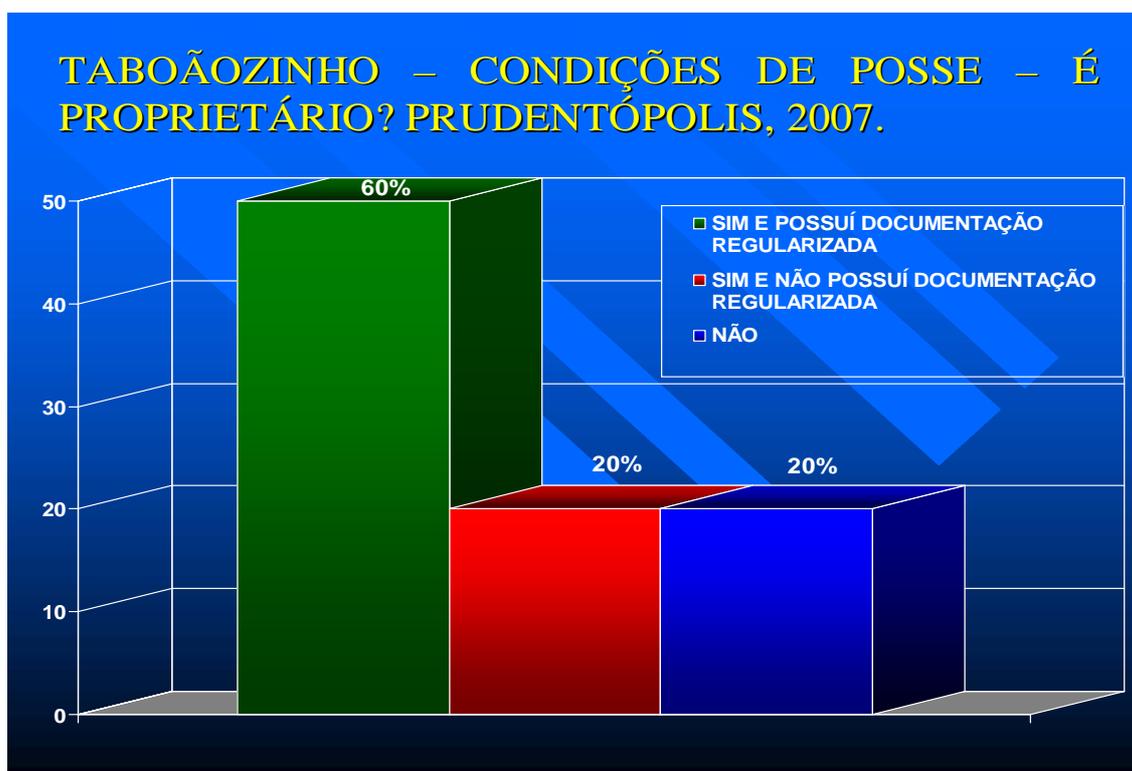


Gráfico 5. Condições de posse – é proprietário? Prudentópolis, 2007. Fonte: Elaborado pela autora, 2007.

No tocante à condição de posse das terras do faxinal, 60% dos habitantes são proprietários, e possuem a documentação regularizada. Entretanto, 20%, apesar de serem proprietários não possuem a documentação regularizada e outros 20% não são proprietários das terras em que vivem. A regularização da posse está diretamente relacionada à baixa condição financeira dos faxinalenses e também à divisão das terras entre os familiares, cujas divergências fazem com que a regulamentação da propriedade seja deixada de lado ou em segundo plano.

O percentual daqueles que não são proprietários explica-se pelo uso coletivo da terra, que é justamente uma das características do Sistema Faxinal. De acordo com Nerone (2000, p.95), a gênese desse sistema está relacionada com o princípio organizacional do uso coletivo da terra introduzido pelos ancestrais dos atuais faxinalenses.

A maioria das casas dos faxinalenses é de madeira e antigas. Perguntados em que aplicariam uma sobra de recursos no ano, ou uma renda extra, ou, ainda, um apoio

financeiro externo, 40% responderam que comprariam mais terra para o plantio e cultivo da agricultura de subsistência e outros 40% investiriam na construção ou reforma da casa. Por outro lado, 20% declararam que investiriam na propriedade com máquinas agrícolas e infraestrutura básica para a realização das tarefas diárias.

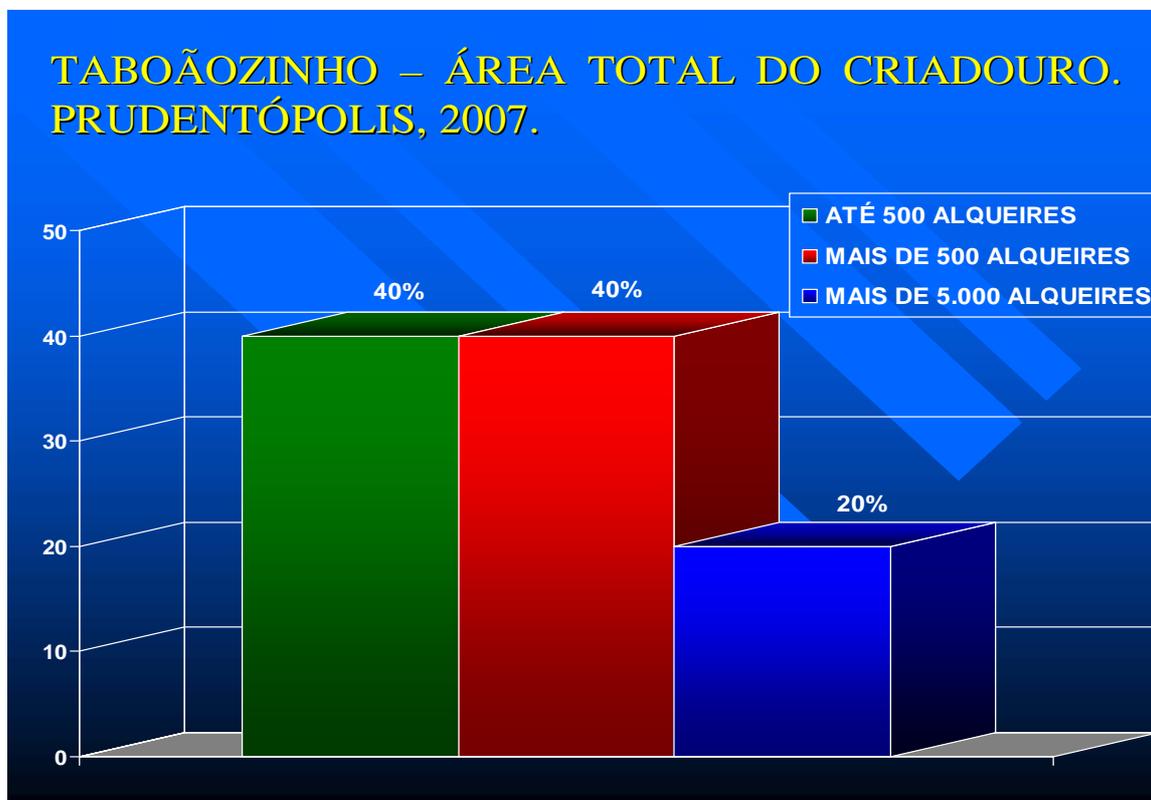


Gráfico 6. Área total do criadouro. Prudentópolis, 2007. Fonte: Elaborado pela autora, 2007.

Com esses dados, os entrevistados revelam uma discordância em relação ao tamanho da área do criadouro. 40% acreditam que a área é de até 500 alqueires. Outros 40% informam que o criadouro apresenta mais de 500 alqueires e outros 20% dizem que a área ultrapassa os 5000 alqueires. Na verdade a área do criadouro corresponde a 363 hectares, que correspondem a 150 alqueires. Um alqueire equivale a $24.200 \text{ m}^2 = 2,42$ hectares.

No que se refere à manutenção das cercas, denominadas pelos faxinalenses de “cerca do vedo”, como forma de conservação do criadouro, a grande maioria, (60%) respondeu que não é feita uma conservação delas em virtude da falta de verbas e políticas de incentivo, além da falta de organização e planejamento entre os próprios

faxinalenses. São cercas, conforme depoimento de um dos moradores, Lídio Kabrnicz (57 anos), que protegem todo o faxinal, já que no restante da área pratica-se o plantio ou cultivo de vários produtos agrícolas.

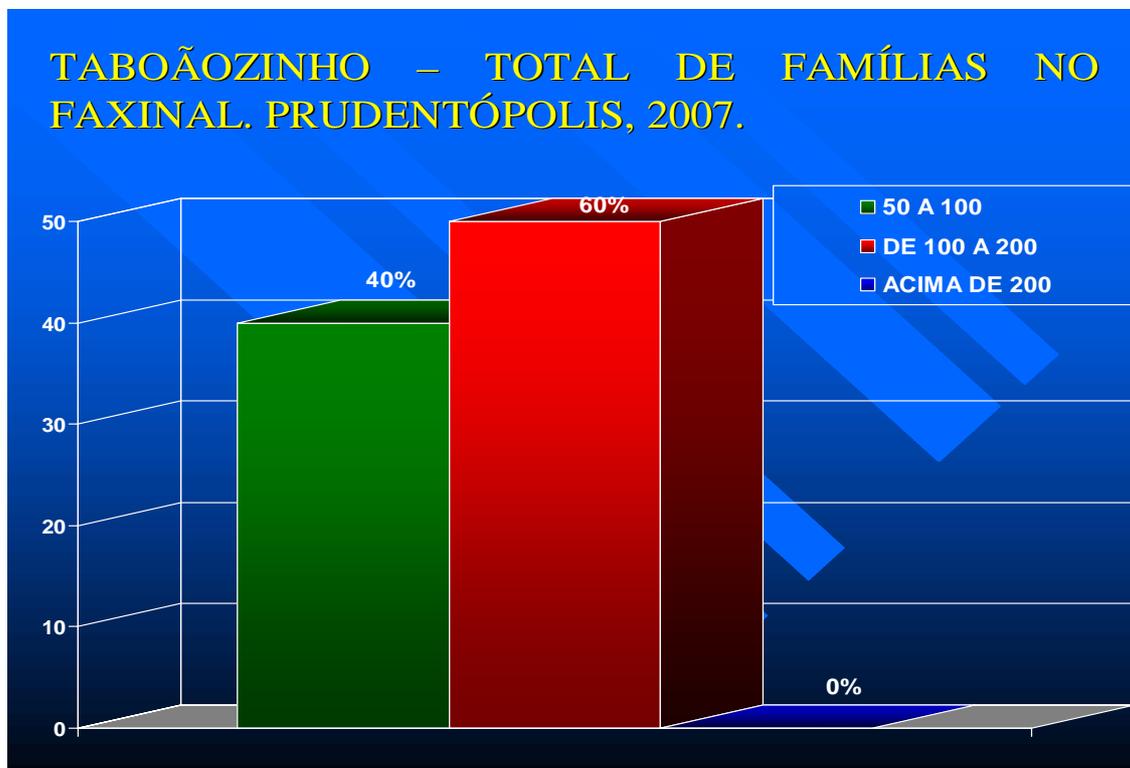


Gráfico 7. Total de famílias no faxinal. Prudentópolis, 2007. Fonte: Elaborado pela autora, 2007.

Os moradores também divergem quanto ao número de famílias que vivem nos faxinais. 60% acreditam que o total fica entre 100 a 200 famílias. 40% de 50 a 100 famílias. Na verdade o número correto é de 86 famílias cadastradas, de acordo com levantamento preliminar sobre o Sistema Faxinal no Estado do Paraná, feito pelo Instituto Ambiental do Paraná-IAP, em 2005.

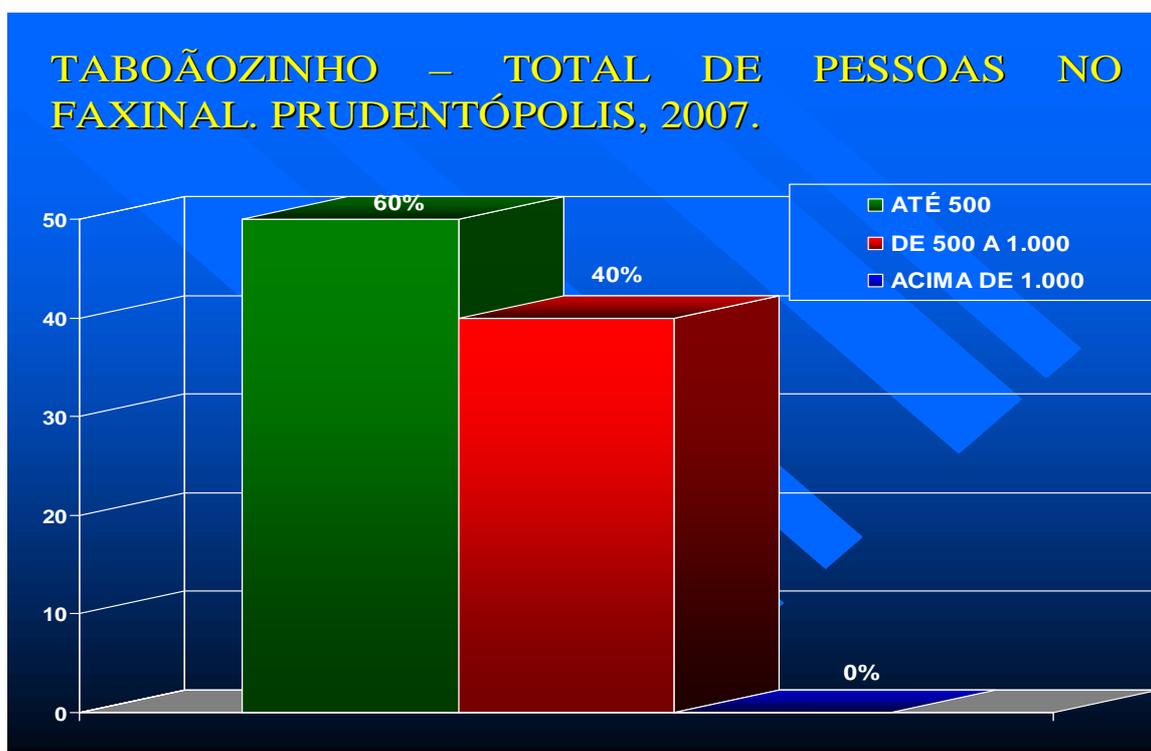


Gráfico 8. Total de pessoas no faxinal. Prudentópolis, 2007. Fonte: Elaborado pela autora, 2007.

Assim como no gráfico anterior, os moradores divergem quanto ao número de pessoas que moram nos faxinais. 60% acham que o número não ultrapassa os 500 moradores. 40% acreditam que o índice está entre 500 e 1000.

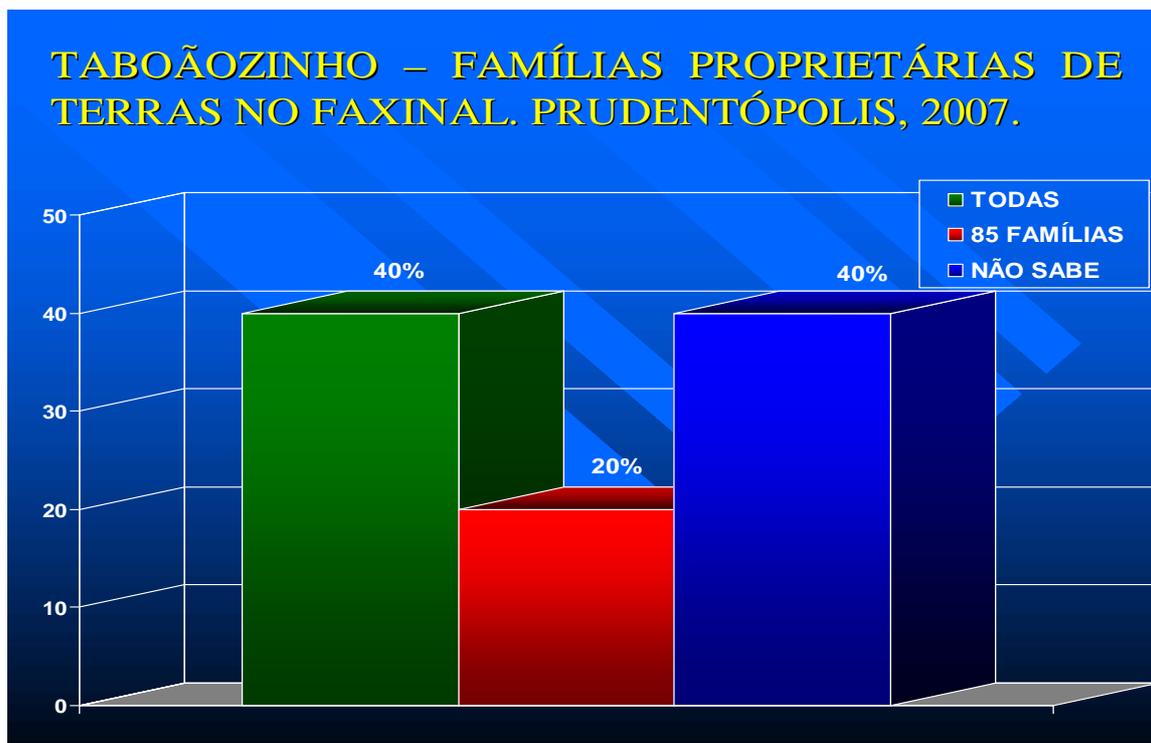


Gráfico 9. Famílias proprietárias de terras no faxinal. Prudentópolis, 2007. Fonte: Elaborado pela autora, 2007.

40% dos entrevistados que responderam ao questionário acreditam que todas as famílias são proprietárias das terras. Da mesma forma, 40% não souberam responder sobre a situação do uso da terra. 20% acreditam que 85 famílias são proprietárias das terras.

TABOÃOZINHO – ORIGEM ÉTNICA DA MAIORIA DAS FAMÍLIAS NO FAXINAL. PRUDENTÓPOLIS, 2007.

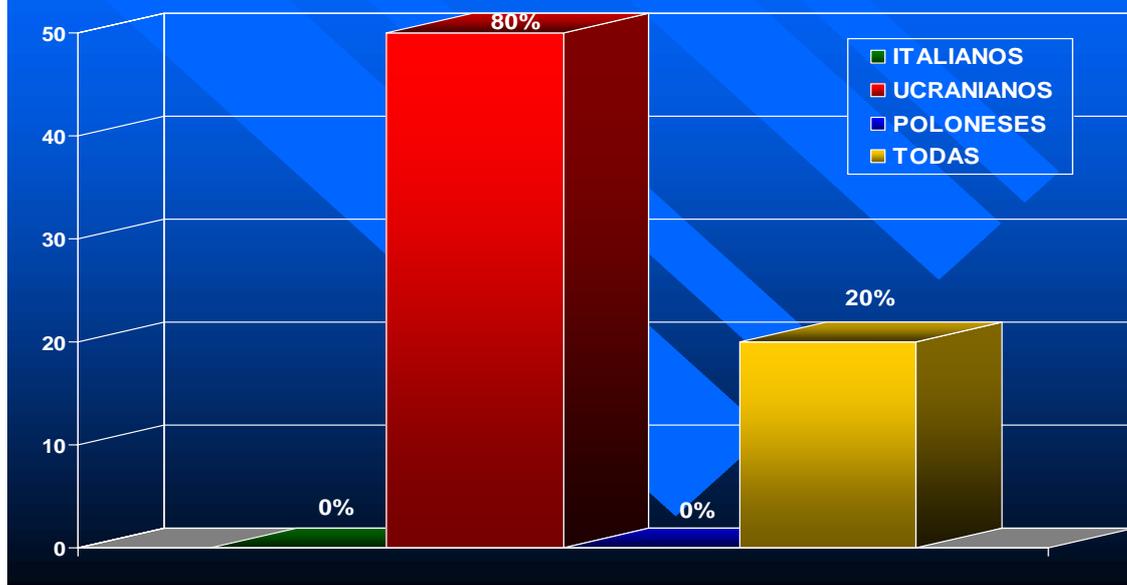


Gráfico 10. Origem étnica da maioria das famílias no faxinal. Prudentópolis, 2007. Fonte: Elaborado pela autora, 2007.

Os questionários aplicados aos faxinalenses mostraram que 80% dos moradores são descendentes de ucranianos e apresentam uma forte característica de sua região de origem que ainda é passada de pai para filho e está presente também nos ritos religiosos, nas festas de casamento e nas manifestações culturais, como artesanato e danças.

TABOÃOZINHO – RETIRADA DA ERVA-MATE ANUALMENTE NO FAXINAL, PRUDENTÓPOLIS, 2007.

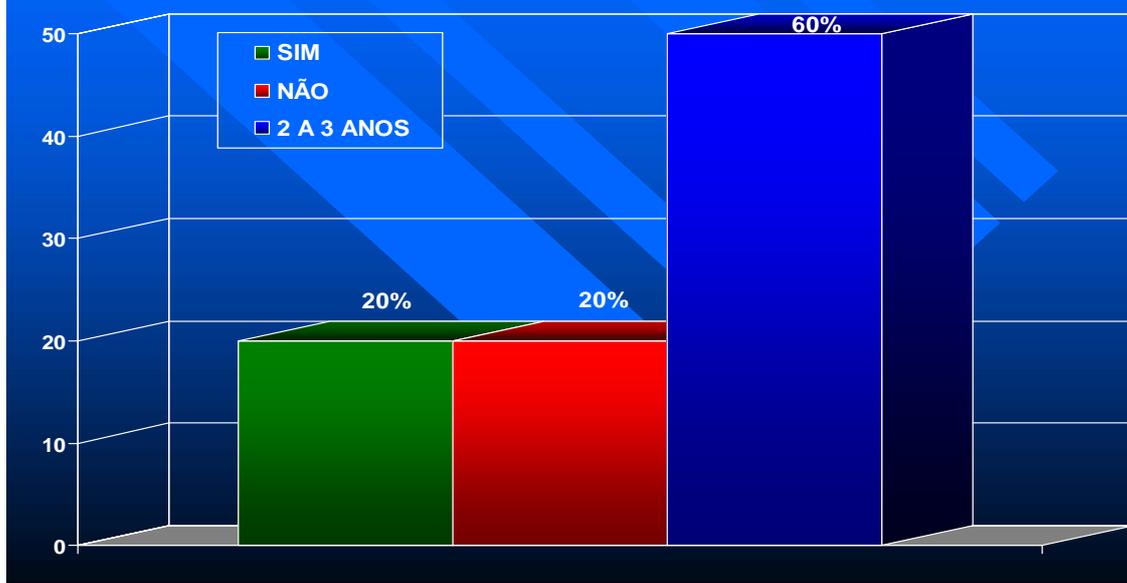


Gráfico 11. Retirada da erva mate anualmente no faxinal. Prudentópolis, 2007. Fonte: Elaborado pela autora, 2007.

O gráfico revela que 60% dos entrevistados acreditam que a retirada da erva-mate acontece de 2 a 3 anos pois o processo de plantio e colheita leva mais de um ano para ocorrer. 20% pensam que a retirada acontece todo ano e outros 20% pensam que ele realmente não acontece todo o ano. De acordo com Nerone (2000, p.145), o período oficial para a coleta da erva-mate, estabelecido pelo Instituto Nacional do mate, era de 1º de julho até 15 de setembro. Fora desse prazo, o corte era proibido, com exceção dos ervais que nunca tinham sido podados. Esses deveriam ser cortados de maio a junho. Os ervais eram separados em partes e a poda ocorria em sistema de rodízio, geralmente de 2 a 4 anos.

Quando questionados sobre a quantidade de erva-mate retirada dos faxinais 40% dos moradores acreditam que são retiradas até 100 arrobas e o restante, na proporção de 20% respectivamente dizem que é de 200 a 400, de 400 a 500 e outros 20% não souberam responder.

TABOÃOZINHO – EXCEDENTE DE MATA NATIVA NO FAXINAL ALÉM DOS 20% DA RESERVA LEGAL. PRUDENTÓPOLIS, 2007.

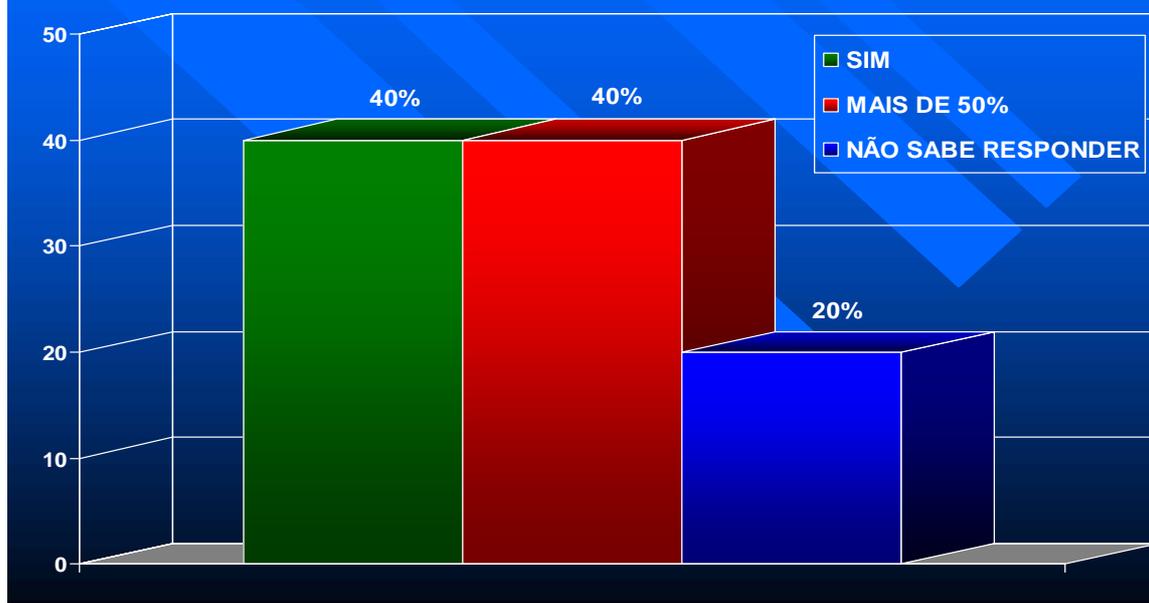


Gráfico 12. Excedente de mata nativa no faxinal além dos 20% da reserva legal. Prudentópolis, 2007. Fonte: Elaborado pela autora, 2007.

O IAP determina que o proprietário tenha 20% de sua área de reserva legal. 40% dizem que sim, que apresentam esse índice e 40% dizem ter mais de 50% de área legal. Outros 20% não souberam responder. Na questão referente à regularização das suas propriedades questionou-se aos faxinalenses sobre a averbação, 60% dos participantes da pesquisa dizem que sua propriedade é averbada⁵⁰ e outros 40% dizem que não apresentam averbação. Muitos dizem que não há necessidade de averbação e não tem interesse em tal procedimento.

⁵⁰ Averbação, no plano do Registro Público, é utilizado com frequência por profissionais que trabalham como registradores e notários..A fim de que se entenda o significado de averbação, faz-se necessário diferenciá-lo de registro, que é o principal ato ocorrido no cartório, pois neste, serão registrados nascimentos, casamentos, óbitos, emancipações, interdições, ausência, morte presumida, opção de nacionalidade (art. 9, Lei nº 10.406. Código Civil). Nota-se que tais atos acontecerão no Registro Civil de Pessoas Naturais. Averbação é um ato secundário o qual modifica o teor do Registro, sendo feito por determinação judicial.

3.3.2 FAXINAL BARRA BONITA

Sua distância da sede do município é de 18,0 a 25,0 km. Em reunião realizada em 2004, pesquisadores do IAP levantaram alguns dados acerca das comunidades faxinalenses. Entre outras informações, soube-se que em 1977 uma das comunidades (Barra Bonita) reuniu 117 famílias que assinaram uma escritura de Instituição de Criadouro Comunitário (Tabelião Luiz Roque Grande, livro 54, folhas 074 a 079, datada de 11/11/1977), consubstanciando os seguintes princípios:

- 1) Separar os animais das zonas de lavouras,
- 2) Evitar a extinção da flora (mormente do pinheiro, erva mate e madeiras de lei) e também da fauna;
- 3) Auxiliar na economia local, inclusive dos menos favorecidos, e simplesmente com a tão indispensável produção animal.

Nos últimos cinco anos apenas um proprietário residente na cidade adquiriu áreas de mais de 25 (vinte e cinco) famílias, onde implantou a cultura da soja, o que demonstra a acentuada aceleração na concentração fundiária e conseqüente desmatamento da floresta com araucária. A manutenção da cultura dos faxinalenses é uma preocupação do município de Prudentópolis, bem como dos pesquisadores, que se interessam em desenvolver atividades que motivem os moradores dessas áreas de faxinais a permanecerem em seus locais de origem.

Dessa maneira, esta pesquisa indicará alternativas de desenvolvimento com atividades que contribuam para com a manutenção da agricultura e da preservação cultural dos faxinais, tendo como possibilidade o Turismo Rural.



Fotografia 8 - Igreja Ucraniana no Faxinal de Barra Bonita. Fonte: Acervo da Autora, 2007.

A foto acima demonstra elementos da cultura ucraniana presentes no prédio da Igreja. Construída há cerca de cem anos, passou nos anos de 1970 por uma reforma. Nela ainda são celebradas missas com ritos ucranianos, principalmente em dias de festas e casamentos. SCHIRLO (2007), bióloga e assessora do Instituto Guardiões da Natureza (ING,) em questionário respondido para análise da pesquisa, menciona:

O faxinal mantém até os dias de hoje a cultura ucraniana, principalmente a gastronomia e a religiosidade. A maioria das famílias que residem no Faxinal é descendente de ucranianos, visto que uma das igrejas da comunidade é no estilo bizantino e pertencente à comunidade ucraniana do faxinal. As missas são rezadas em ucraniano como a tradição manda. O padre reza de costas para os fiéis e a questão de gênero é bem forte, pois os homens ocupam o espaço na igreja do lado esquerdo e as mulheres do lado direito. A igreja existente na comunidade foi construída na década de 70, pois até então a que existia era de madeira. Uma das casas mais antigas da comunidade foi construída na década de 60, porém juntamente com a casa há uma construção onde funcionava um armazém, sendo este da década de 30. Esta propriedade pertencia à família Ternoski, onde até os dias de hoje reside a filha caçula com a sua família.

A casa mencionada na fala de SCHIRLO (2007), refere-se à imagem abaixo, através da qual pode - se observar as características arquitetônicas da construção.



Fotografia 9 - À direita, residência típica no Faxinal Barra Bonita. Construção da década de 60. Ao lado, antigo armazém. Fonte: Acervo da Autora, 2007.



Fotografia 10 - Faxinal Barra Bonita – Exemplos de modo de vida e criação característicos da região. Fonte: Acervo da Autora, 2007.



Fotografia 11 - Salto São João, no Faxinal de Barra Bonita. Fonte: Acervo da Autora, 2007.



Fotografia 12 - Ponte - chamada de mata-burro, que evita a passagem dos animais, prendendo suas patas nas frestas da construção. Fonte: Acervo da Autora, 2007.



Fotografia 13 - Recanto Cassiano, em Barra Bonita, cortado pelo rio São João. Fonte: Acervo da Autora, 2007.



Fotografia 14 - Representação religiosa. Cruzeiro na entrada do Faxinal de Barra Bonita. Fonte: Acervo da Autora, 2007.

As imagens permitem observar elementos da cultura religiosa, bem como a preservação do meio ambiente, aliados aos recantos naturais propícios ao turismo existentes no Faxinal de Barra Bonita. As imagens revelam também a presença de

espaços que poderão ser aproveitados para a prática de um Turismo voltado ao aproveitamento do campo.

Os questionários aplicados junto aos moradores de Barra Bonita – Prudentópolis – PR, permitiram levantar uma série de dados sobre essa comunidade. Quanto à faixa etária em que se encontram os moradores, foram registrados índices bastante semelhantes ao Faxinal de Taboãozinho. A grande maioria, 50% dos moradores, está entre os 31 e 40 anos; 16,67% correspondem respectivamente às faixas etárias de 41 a 50 anos, de 51 a 60 anos e acima de 60 anos.

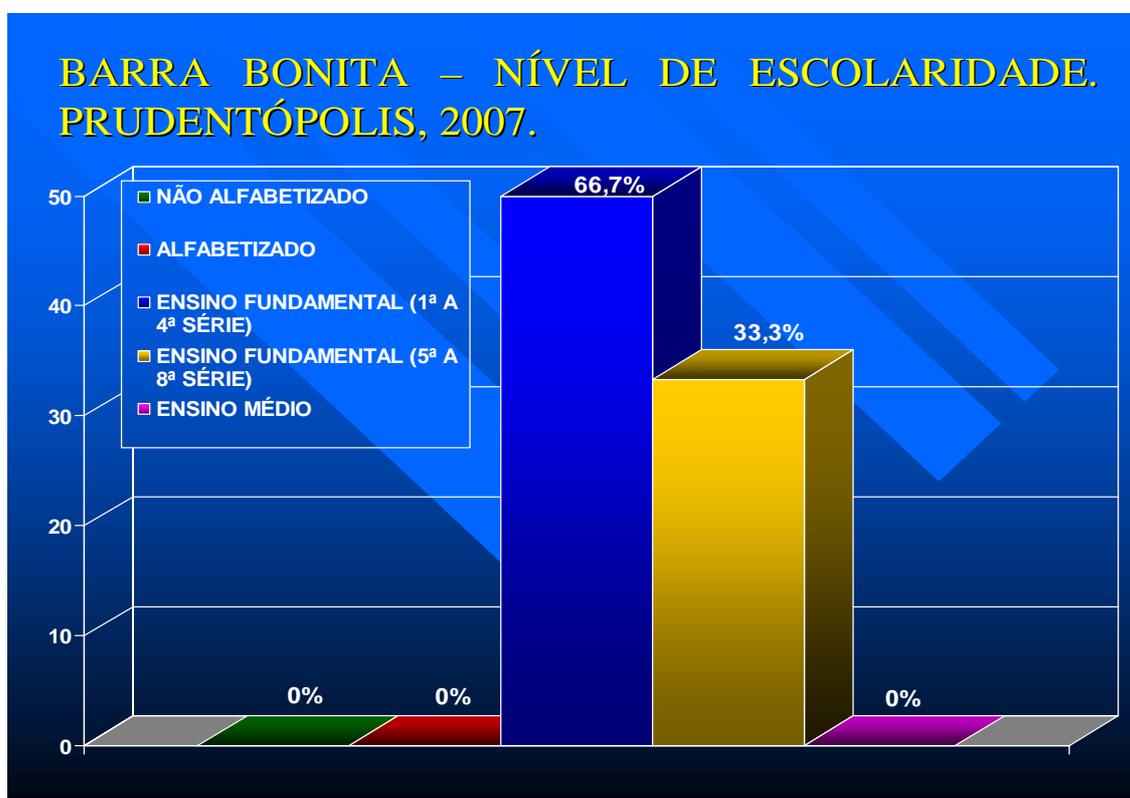


Gráfico 13. Escolaridade. Prudentópolis, 2007. Fonte: Elaborado pela autora, 2007.

Dentre os habitantes de Barra Bonita, constatou-se que 66,7% possuem o ensino fundamental de 1ª a 4ª séries e 33,3% de 5ª a 8ª séries. Não há registro de analfabetos. Conforme depoimento de Milete Salak, (66 anos), descendente de ucranianos que estudou até a 4ª série do ensino fundamental, “Os pais encaminhavam os filhos para a escola apenas para aprender a ler e a escrever os nomes. O restante do ensino não precisava”.

Quanto ao número de adultos nas famílias, verificou-se que o percentual de famílias com mais de 5 pessoas adultas é 16,7% maior do que no faxinal de Taboãozinho. Entretanto, o índice de famílias compostas por apenas 1 ou 2 membros foi de 83,3%. Não foi constatada a presença de famílias com três ou mais pessoas.

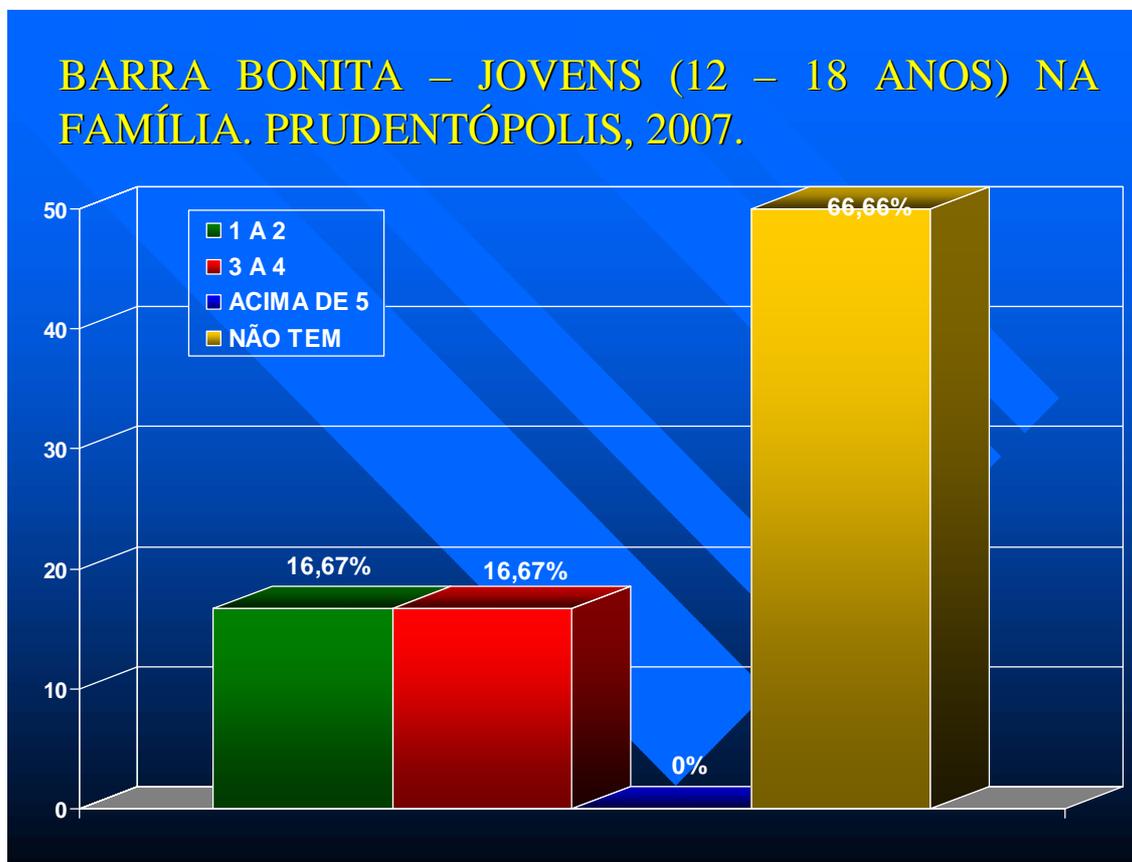


Gráfico 14. Jovens (12 – 18 anos) na família. Prudentópolis, 2007. Fonte: Elaborado pela autora, 2007.

No que se refere à existência de jovens, o gráfico número 13 demonstra que 66,66% das famílias não possuem jovens entre 12 e 18 anos. Por outro lado, 16,67% das famílias possuem um ou dois jovens o mesmo percentual para os que possuem três a quatro jovens. A questão financeira também contribuiu para o reduzido percentual de famílias com jovens e também para a saída destes para os centros urbanos para estudar e/ou trabalhar.

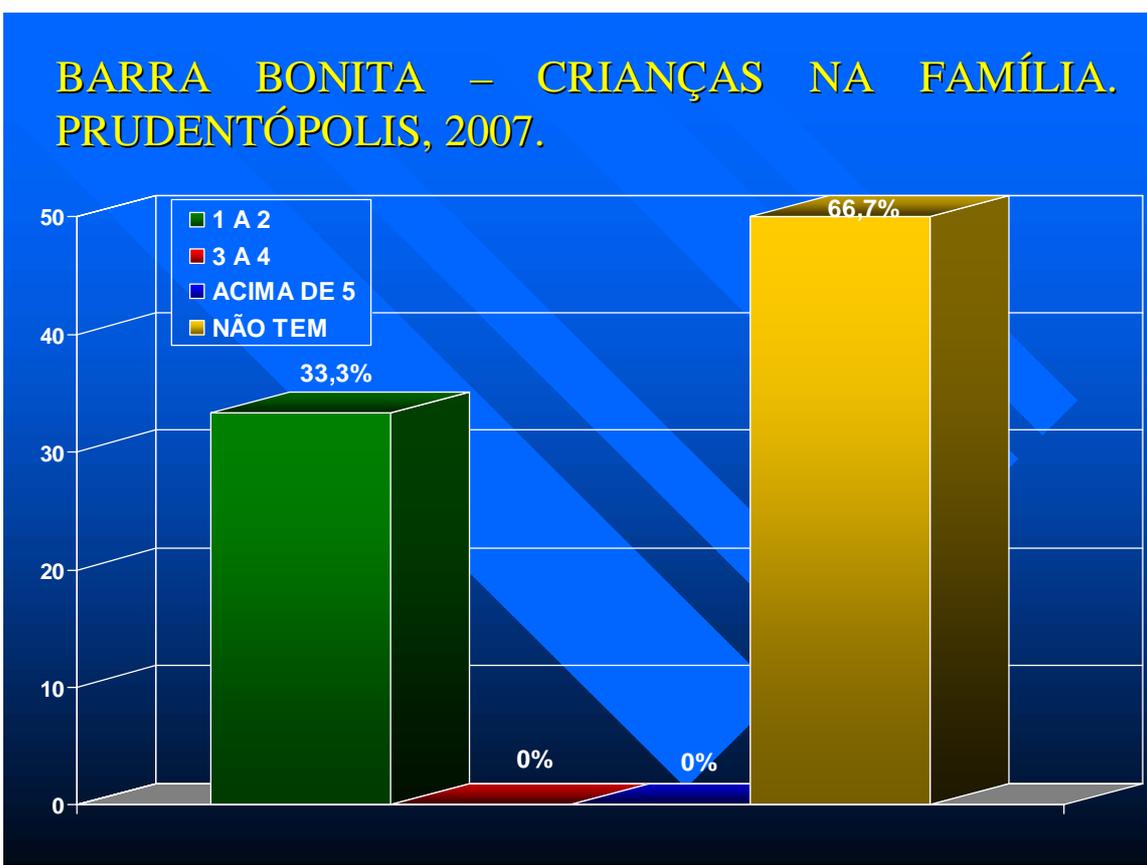


Gráfico 15. Crianças na família. Prudentópolis, 2007. Fonte: Elaborado pela autora, 2007.

66,7% das famílias não possuem crianças em suas residências. 33,3% possuem entre uma e duas crianças. Este índice refere-se mais à questão financeira do que a faixa etária dos adultos, visto que neste faxinal o índice de pessoas mais velhas é menor se comparado ao faxinal de Taboãozinho, levando-se em consideração as famílias que foram consultadas no questionário.

Constatou-se também que 50% das famílias são compostas por 3 a 4 pessoas. Outros 33,33% remetem a famílias com número de adultos acima de 5 integrantes. Já 16,67% delas têm apenas uma ou duas pessoas.

Quanto à origem, 100% dos membros deste faxinal descendem de ucranianos, diferentemente de Taboãozinho onde há a presença de descendentes de italianos.

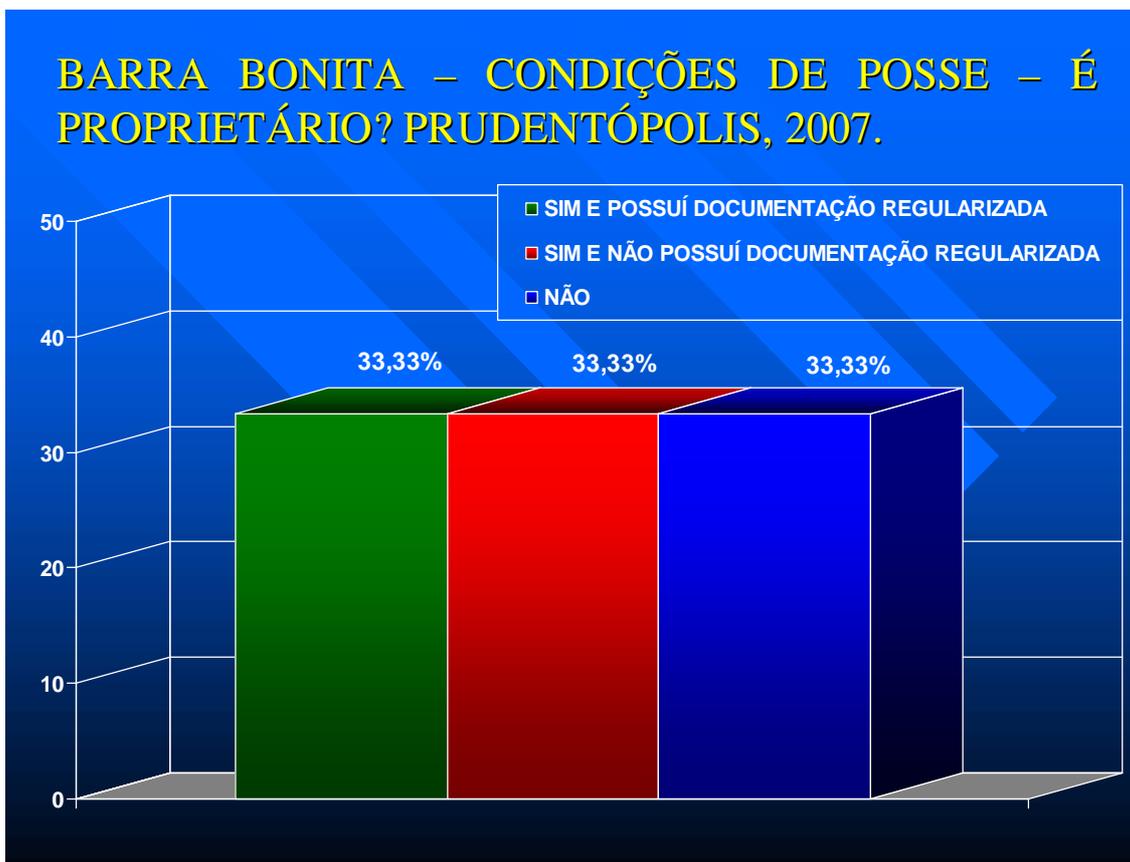


Gráfico 16. Condições de posse – é proprietário? Prudentópolis, 2007. Fonte: Elaborado pela autora, 2007.

O levantamento acerca das condições relativas à posse da terra revelou que 33,33% dos faxinalenses de Barra Bonita têm a posse regulamentada. O mesmo percentual corresponde aos que têm a propriedade, mas não está regulamentada e também dos que não são proprietários no que compete à regulamentação das condições de posse e propriedade, demonstrando novamente o uso coletivo de terras no Sistema Faxinal. Foram colhidos depoimentos tais como: “A documentação está em andamento, o pai está passando tudo para os filhos”. (Marcos Poczapski, 35 anos, descendente de ucraniano); “A propriedade é do pai e eu moro na mesma área”. (Antônio Rudyma, 36 anos, descendente de ucranianos); “A escritura é de compromisso, pois o lote é pequeno e não sai o registro”. (Irineu Petriw, 41, descendente de ucraniano).

BARRA BONITA – PRINCIPAL FONTE DE RENDA QUE SUSTENTA A FAMÍLIA NO FAXINAL. PRUDENTÓPOLIS, 2007.

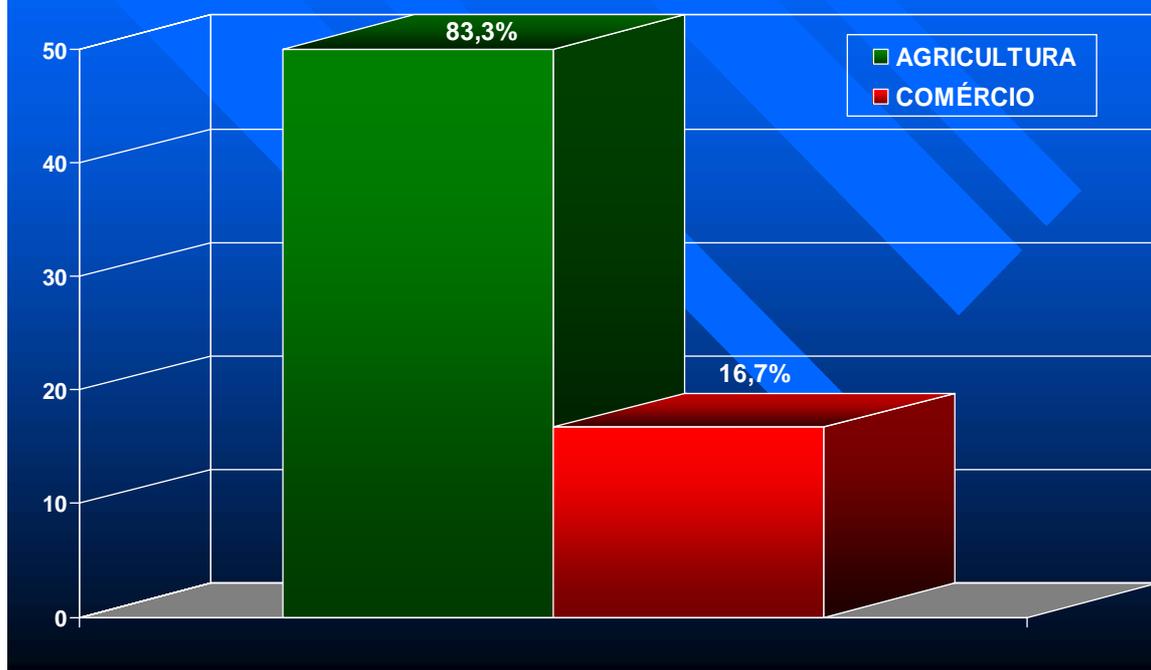


Gráfico 17. Principal fonte de renda que sustenta a família no faxinal. Prudentópolis, 2007.
Fonte: Elaborado pela autora, 2007.

Comprova-se neste gráfico a importância da agricultura como fonte de renda para 83,3% dos entrevistados. O comércio, 16,7%, é realizado através de um armazém e um açougue rústico que atendem às necessidades básicas das famílias. As mercadorias comercializadas são de uso diário.

Perguntados em que aplicariam se a família tivesse uma sobra de recursos ou renda extra ou apoio financeiro externo, 83,3% responderam que investiriam na propriedade através de mecanização e infraestrutura, diferentemente de Taboãozinho, em que há um equilíbrio, (40%, na construção de casas e na compra de terras). Outros 16,7% declararam que preferiam comprar terras. Já o investimento não parece ser preocupação primordial par os moradores deste Faxinal.

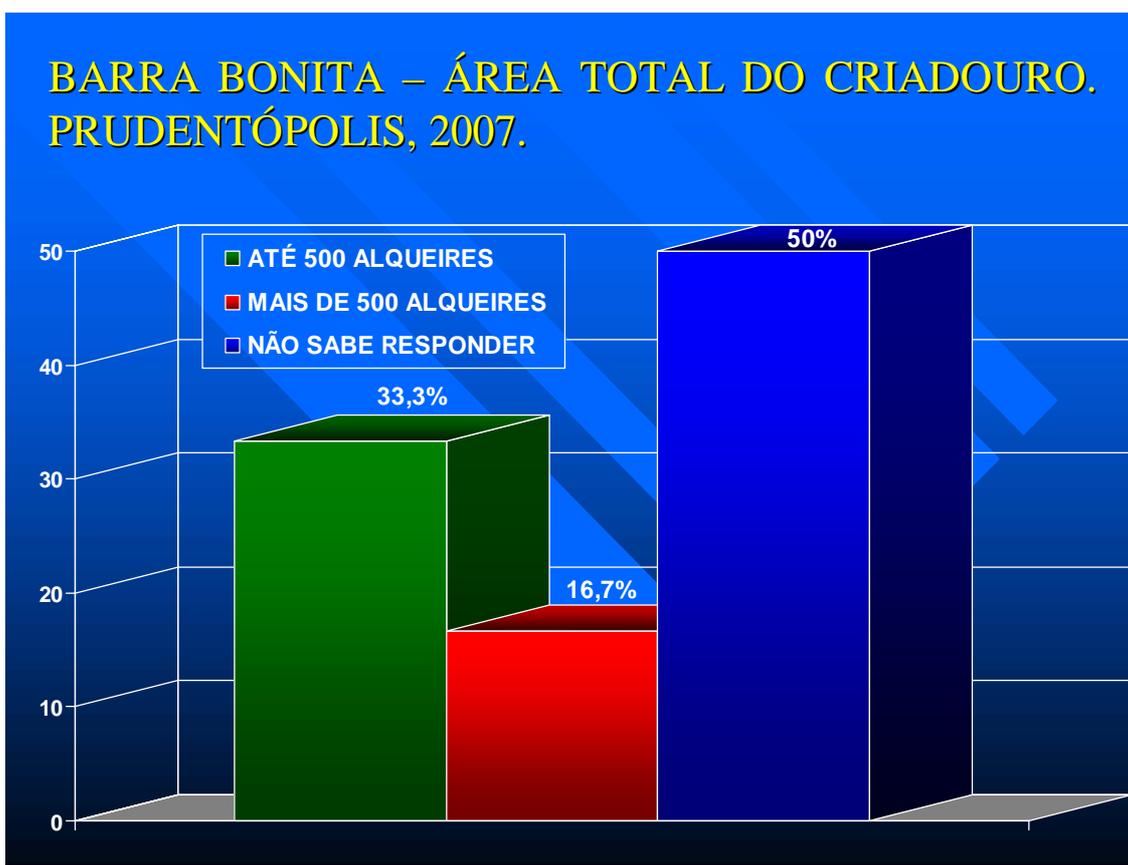


Gráfico 18. Área total do criadouro. Prudentópolis, 2007. Fonte: Elaborado pela autora, 2007.

Sobre a questão representada no gráfico acima, a maioria não soube responder, correspondendo a 50%. Outros 33,3% dizem que a área total de criadouro corresponde até 500 alqueires e 16,7% que o criadouro tem mais de 500 alqueires. De acordo com o Instituto Ambiental do Paraná - IAP - dentro do levantamento preliminar realizado em 2005 sobre o Sistema Faxinal, a área do criadouro comunitário é de 1144 hectares ou 472,72 alqueires. Em comparação com o Faxinal de Taboãozinho, a região que compreende o criadouro comunitário em Barra Bonita é bem maior. Um alqueire no Paraná equivale a $24.200 \text{ m}^2 = 2,42$ hectares.

Nas respostas obtidas através dos questionários respondidos pelos faxinalenses houve um equilíbrio de opiniões sobre o processo de conservação do criadouro. 50% acreditam que não há preservação do criadouro e outros 50% acreditam que é feita a conservação. “Não sei o comprimento da cerca, mas quem cria faz a manutenção”. (Delfino Schivelo, 56 anos, descendente de ucraniano). “Não existe uma medida certa,

tem trecho que não há manutenção, está quase caindo”. (Irineu Petriw, 41 anos, descendente de ucraniano).

Com relação à regularização de suas propriedades 50% dos faxinalenses dizem que há o registro em cartório das terras, e outros 50% dizem que tal situação não existe. “A minoria está no nome ainda dos avós”. (Marcos Poczapski, 35 anos, descendente de ucraniano).

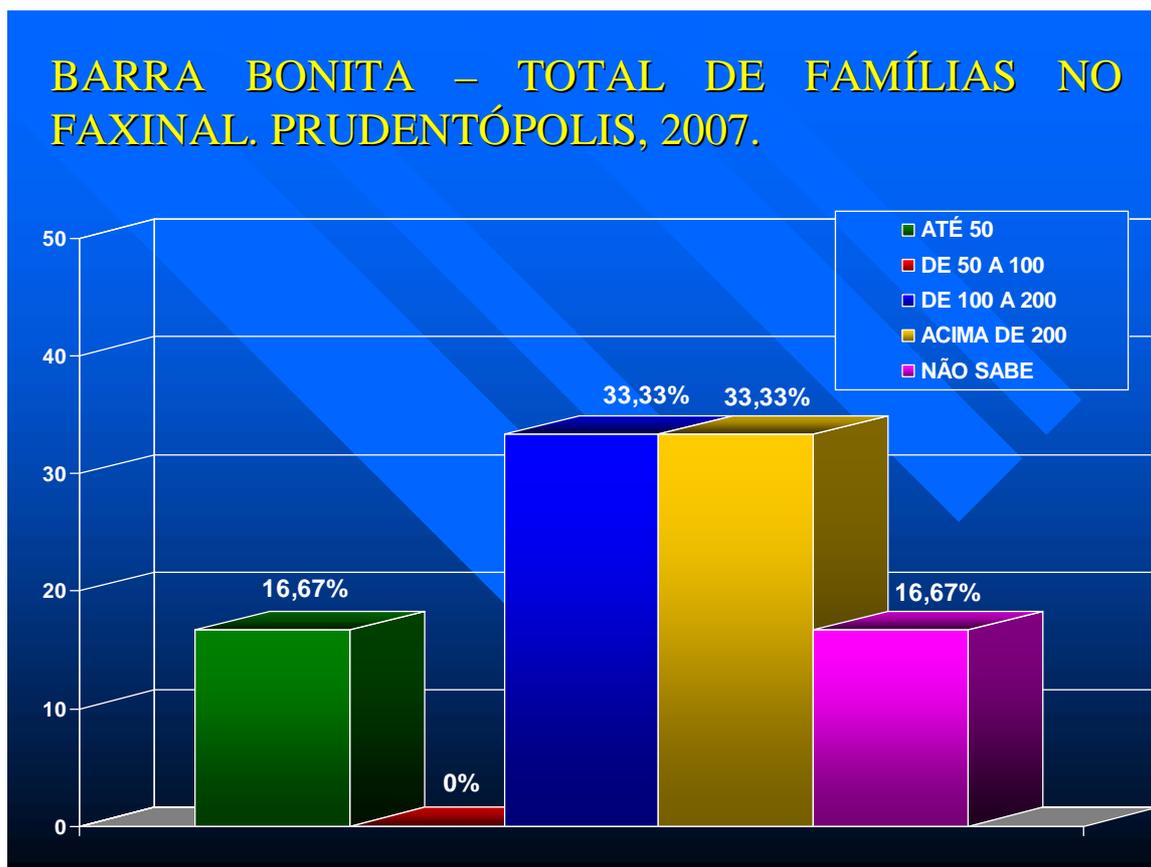


Gráfico 19. Total de famílias no faxinal. Prudentópolis, 2007. Fonte: Elaborado pela autora, 2007.

Cerca de 33,33% acreditam que o total de famílias fica entre 100 e 200 pessoas e também acima de 200 pessoas. 16,67% não souberam dizer o total de famílias no faxinal. Os outros 16,67%, que existam até 50 famílias. De acordo com o Instituto Ambiental do Paraná –IAP – pelo levantamento preliminar de 2005 sobre o Sistema Faxinal do Estado do Paraná, no Faxinal de Barra Bonita existem um número de 180 a 200 famílias residentes. O gráfico comprova as estatísticas realizadas em 2005.

BARRA BONITA – TOTAL DE PESSOAS NO FAXINAL, PRUDENTÓPOLIS, 2007.

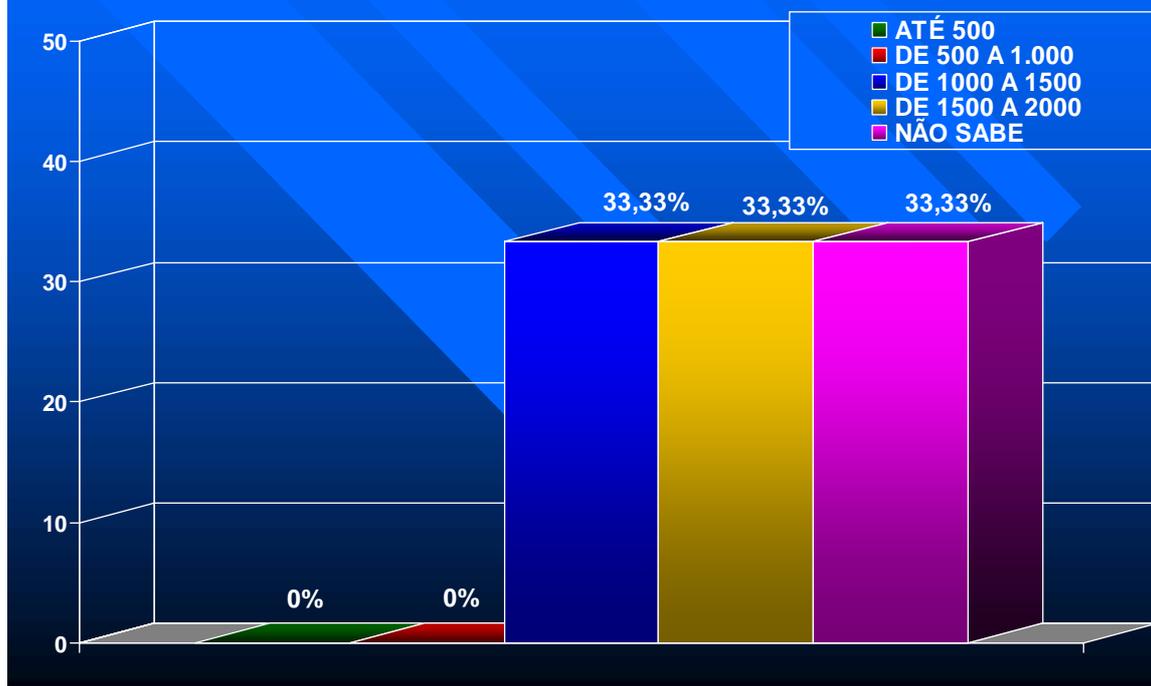


Gráfico 20. Total de pessoas no faxinal. Prudentópolis, 2007. Fonte: Elaborado pela autora, 2007.

33,33% são os índices atingidos entre o total de entrevistados que acreditam que existam de 1000 a 1500 pessoas, assim como de 1500 a 2000 pessoas e outros 33,33% não souberam a quantia total de pessoas.

BARRA BONITA – FAMÍLIAS PROPRIETÁRIAS DE TERRAS NO FAXINAL, PRUDENTÓPOLIS, 2007.

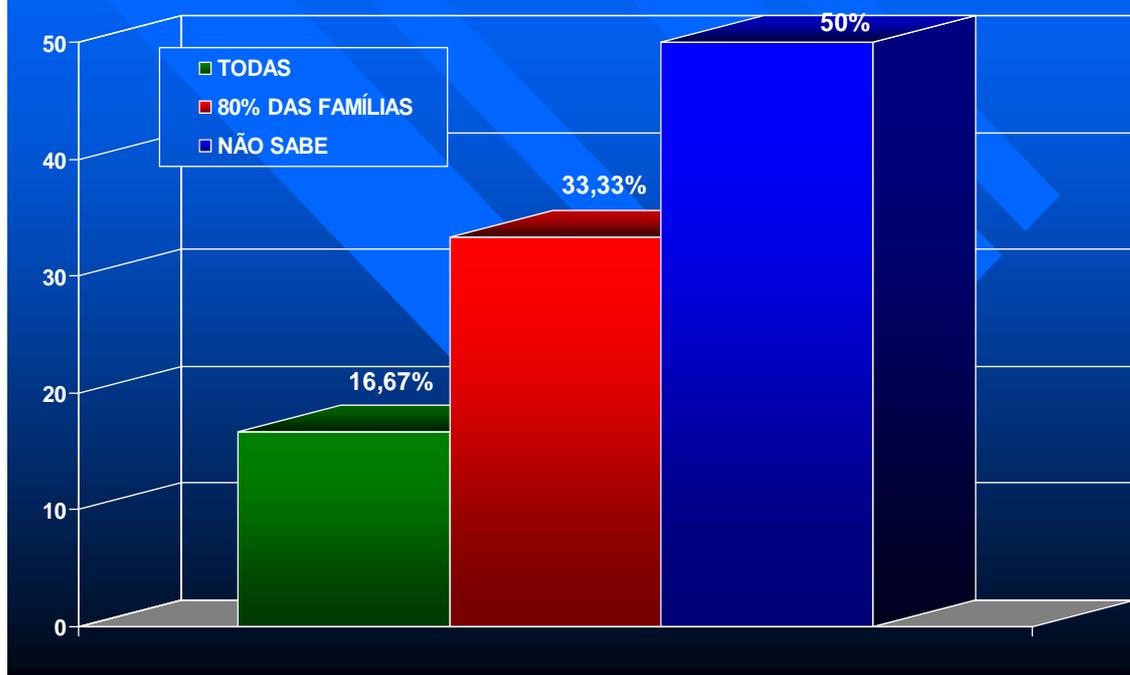


Gráfico 21. Famílias proprietárias de terras no faxinal. Prudentópolis, 2007. Fonte: Elaborado pelo autor, 2007.

Neste item, 50% dos entrevistados acreditam não saber sobre a quantidade das famílias proprietárias de terras. 33,33% pensam que 80% das famílias são proprietárias e 16,67% acreditam que todas as famílias são proprietárias de terras.

BARRA BONITA – RETIRADA DA ERVA MATE ANUALMENTE NO FAXINAL, PRUDENTÓPOLIS, 2007.

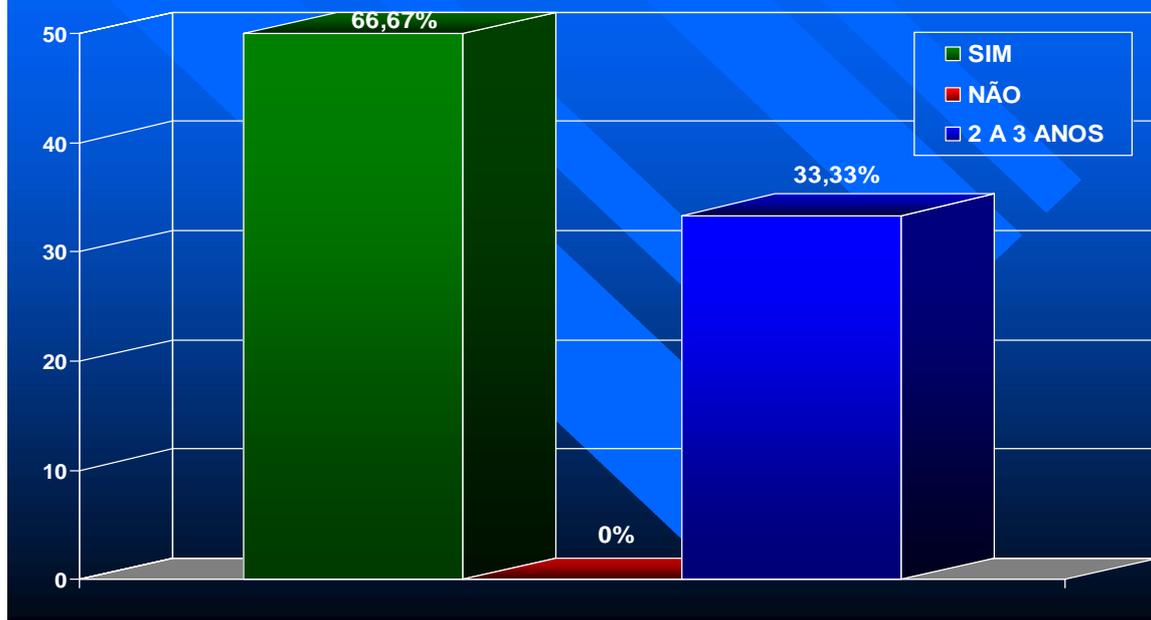


Gráfico 22. Retirada da erva mate anualmente no faxinal. Prudentópolis, 2007. Fonte: Elaborado pela autora, 2007.

66,67% dos entrevistados acreditam que a retirada de erva-mate acontece anualmente, diferentemente dos entrevistados do Faxinal de Taboãozinho em que a maioria optou pelo item de 2 a 3 anos. Já este mesmo tópico, no Faxinal de Barra Bonita, corresponde a 33,33%. O rodízio da erva-mate em Barra Bonita é maior do que o de Taboãozinho uma vez que enquanto ocorre a retirada em um ponto, um outro já se encontra preparado para o ano seguinte.

Quando se perguntou aos faxinalenses sobre a quantidade de erva-mate retirada dos faxinais 50% dos moradores dizem não saber da quantidade correta de arrobas. Outros 33,33% acreditam que a quantidade é de até 100 arrobas. 16,67% dizem que a quantidade está entre 400 a 500 arrobas. “600 arrobas de 2 em 2 anos na minha propriedade. Se tivesse incentivos, poderia viver do plantio”. (Marcos Poczapski, 35 anos, descendente de ucraniano). Este faxinalense foi o único a responder que faz a retirada da erva-mate de 2 a 3 anos em contraposição aos demais faxinalenses. “Não

tenho mais o cultivo na minha propriedade”. (Milete Salak, 66 anos, descendente de ucraniano).

Os faxinalenses, quando questionados sobre a conservação de suas propriedades, responderam da seguinte forma: 50% dizem que a propriedade possui uma área de conservação legal de 33,33% dizem que não tem propriedade que apresenta a área de 20% de preservação e 16,67% dizem não saber se a propriedade possui área de preservação. “Está sendo encaminhada, mas vai ter. Já foi encaminhado para o IAP”. (Basílio Lins, 39 anos, descendente de ucranianos). “Tem na beira de banhado, excede os 90%”. (Marcos Poczapski, 35 anos, descendente de ucraniano).

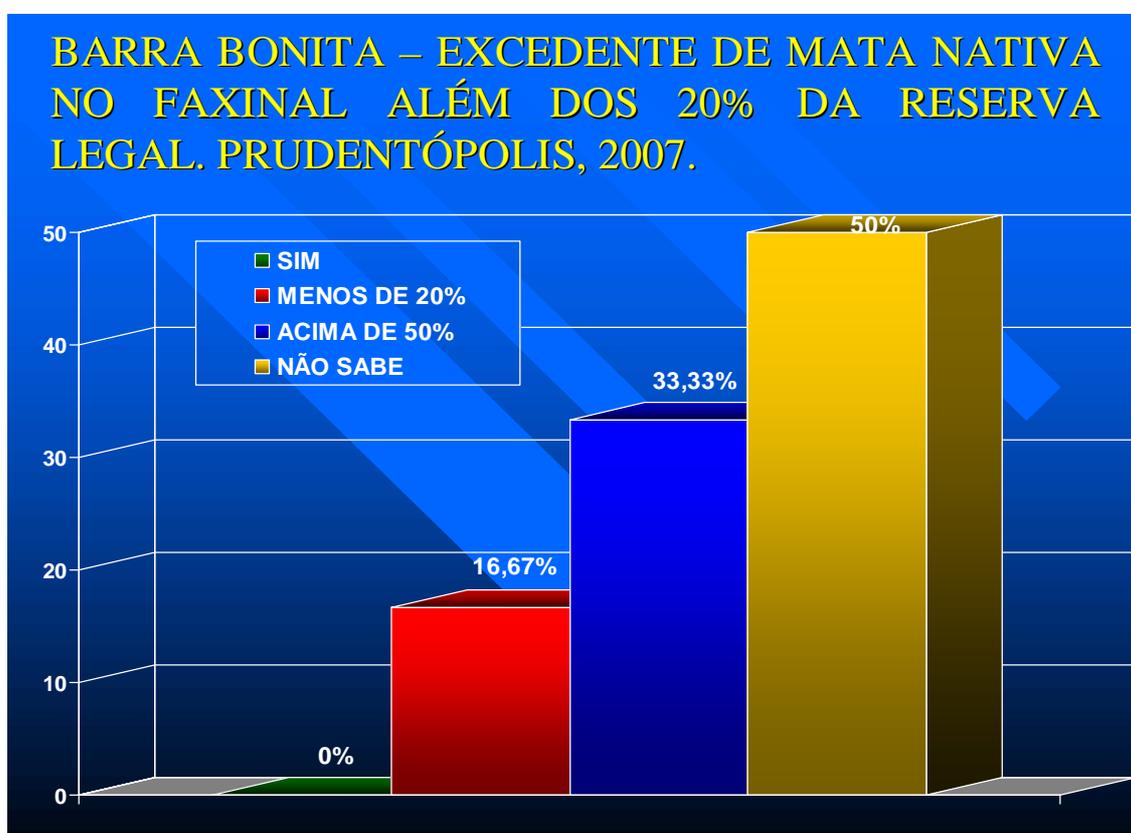


Gráfico 23. Excedente de mata nativa no faxinal além dos 20% da reserva legal. Prudentópolis, 2007. Fonte: Elaborado pela autora, 2007.

Perguntou-se aos faxinalenses sobre a condição das propriedades no que diz respeito à averbação; 66,67% dizem que a propriedade não é averbada e 33,33% não sabem se a propriedade é averbada. “Ainda não foi feito o processo”. (Basílio Lins, 39 anos, descendente de ucraniano). “Não está averbado e não há necessidade de averbar”.

(Delfino Schivelo, 56 anos, descendente de ucraniano). “Não, e não tenho interesse”.

(Marcos Poczapski, 35 anos, descendente de ucraniano).

Apresenta-se a seguir a análise das perguntas abertas feitas aos faxinalenses nas localidades de Barra Bonita e Taboãozinho, As respostas coletados nos dois faxinais foram dadas pelos moradores da mesma forma, ou seja, chegando-se sempre a um consenso quanto às opiniões emitidas.

Na pergunta de número 11, em que se questiona sobre as principais culturas anuais plantadas no Faxinal e sistemas de plantio (se tração animal, mecânica ou roça de toco), os faxinalenses foram unânimes em responder que utilizam tração animal, enxada (trabalho braçal), e, em algumas ocasiões, tração mecânica. Feijão, milho, fumo, soja e a erva – mate são as culturas mais realizadas.

Verificou-se que os faxinalenses utilizam agrotóxico para evitar a perda de plantação, pois, de acordo com os moradores, sem o uso de produtos químicos a plantação não renderia o esperado e o prejuízo seria enorme. Entretanto, eles têm consciência dos riscos que correm em virtude dos métodos de manutenção aplicados no cultivo da lavoura e procuram cuidar do plantio com adubação orgânica e constante limpeza das áreas.

As respostas para a pergunta 14, sobre as criações existentes nos faxinais demonstram que os animais criados são ovinos, caprinos, bovinos, eqüinos, suínos, aves. Já as respostas para a pergunta 15, revela que a criação dos animais é toda realizada no criadouro comunitário. Na pergunta 16, sobre a preservação ou conservação ambiental de matas ciliares, reserva legal, qualidade da água etc, os faxinalenses responderam que a preservação e conservação ambiental são importantíssimas já que retiram seu sustento do ambiente natural. Todos os entrevistados destacaram o papel da mata ciliar e da qualidade da água. Segundo os

moradores de Barra Bonita e Taboãozinho, a qualidade da água é boa e as matas nativas estão relativamente preservadas.

Comentaram a importância do reconhecimento e legalidade das propriedades nos faxinais, sem exceder as áreas de reserva legal. Perguntados sobre a diversidade de plantas e como os faxinais podem ser definidos como mata – nativa, capoeirão, capoeira, tigüera, lavoura ou pasto, os faxinalenses responderam que ainda existe nos faxinais uma diversidade de espécies, embora a quantidade esteja reduzida devido à extração irregular de algumas espécies. Quanto à alimentação básica, os faxinalenses acham que as famílias têm alimentação suficiente e de qualidade. Todos concordam que a situação está difícil porque os meios para cuidar da lavoura, dos animais e da família, são escassos, embora consigam retirar da terra o seu sustento o que caracteriza uma agricultura quase essencialmente de subsistência.

Ao serem interrogados sobre os mutirões (puxirões), festas ou outras atividades comunitárias comuns entre as famílias do Faxinal e sua periodicidade, os faxinalenses responderem que ainda persistem as festas de igreja e também dos casamentos. Já as ações realizadas em conjunto, como é o caso da construção das cercas, assim como do reparo dos mata burros (ponte para impedir a passagem dos animais) também conhecidos como mutirões, não existem mais. Os faxinalenses atribuem o desaparecimento dessas ações comunitárias à falta de jovens para realizar o trabalho. A religião predominante entre os faxinalenses é a católica, com o ritual ucraniano.

Na pergunta de número 23: Possui ou participa de associação ou outra (s) organização comunitária? Qual? Quantas famílias participam? Todos os faxinalenses ao responderem sobre a existência de associações ou organizações comunitárias, afirmaram participam da associação de agricultores, porém não com tanta frequência como deveriam. Apenas um morador mencionou a participação da EMATER nas questões agrícolas e outros dois citaram a ONG chamada ING (Instituto dos Guardiões da

Natureza). Ao citarem os projetos que estão sendo desenvolvidos e os que já estão implantados lembraram o biodigestor implantado na residência de um dos faxinalenses, através de um projeto do Banco HSBC, juntamente com a ING, em Taboãozinho.

Apontaram também a implantação do encanamento de água que, depois de muitas reivindicações, a prefeitura está realizando na região com o auxílio da associação dos moradores de Taboãozinho, além dos cursos sobre a recepção de turistas, preparo de compotas para a comercialização, cultivos diversificados como o de maracujá e o de morango, que está sendo colocado em prática em Barra Bonita pela ONG com o apoio de alguns faxinalenses. Os faxinalenses reconhecem os resultados alcançados, embora sejam ainda tímidos diante dos problemas que estão enfrentando.

Na questão 28: Analisando historicamente, percebe-se que parte do total de faxinais vem se desagregando a cada ano que passa. Esta é a situação deste Faxinal? Quais em sua opinião são as razões para isso estar acontecendo?

Quanto ao problema da desagregação dos faxinais, a maioria concorda que há, sim, uma lacuna na preservação das terras, identificando como os principais causadores dessa situação a falta de incentivos governamentais, a retirada ilegal das árvores e a ida dos jovens para as cidades, sobrecarregando os mais velhos com os serviços braçais e comprometendo todo o sistema local. Interrogados sobre os principais problemas atuais existentes no Faxinal, os entrevistados responderam que são as brigas entre os vizinhos decorrentes da conservação das cercas, dos animais invadindo as lavouras, do desmatamento provocado por alguns moradores e pela falta de união frente ao problema sócio - econômico existente. A falta de dinheiro é uma constante na comunidade, principalmente para regularizar as terras. Acreditam que o dinheiro seria a solução imediata para sanar as dificuldades enfrentadas pela comunidade. Ao serem questionados sobre os problemas jurídicos ou dificuldades enfrentadas com o criadouro comunitário/ terras de uso coletivo por ocasião da morte de alguém, ou quando se deseja

passar a terra para o nome de algum filho ou vender um pedaço de terra para terceiros, os faxinalenses responderam que é muito complicado tanto para vender quanto para passar para o nome dos filhos. Quando a terra nunca foi regularizada o processo se torna ainda mais complicado. Os faxinalenses revelam a existência de desavenças entre os vizinhos relativas ao criadouro comunitário, razão pelas quais alguns desejam o fim dos faxinais.

Na questão 31: Você conhece alguma legislação referente aos Faxinais? Em caso afirmativo considera que essa legislação é suficiente hoje para garantir a permanência dos Faxinais? Ela esta sendo cumprida? Com relação a essa questão os faxinalenses também disseram desconhecer a legislação referente aos faxinais, razão pela qual não puderam afirmar se ela é suficiente para assegurar a permanência deles.

Se não recebe, sabe por que não está recebendo? Com relação a essa pergunta os moradores, embora afirmassem conhecer o planejamento de ICMS Ecológico, não souberam informar o volume dos recursos. O dinheiro é aplicado na compra de arame farpado para fazer a manutenção das cercas e na aquisição de vacina para o gado.

Pelas repostas constatou-se que uma minoria de famílias participa de reuniões com a Prefeitura e entidades afins sobre as diretrizes e planos de ações e metas relativos aos faxinais. Mas todos concordam que os faxinais precisam de apoio governamental para a sua sobrevivência e que a união da comunidade é de suma importância.

Os moradores desconhecem se alguma propriedade próxima à cidade de Prudentópolis ou mesmo dos dois Faxinais objetos da investigação trabalha com Turismo Rural. Concordam que essa modalidade de Turismo pode colaborar no sustento da família e assegurar a continuidade do Sistema Faxinal, mas, para que tal fato se concretize, os pesquisados enfatizam a necessidade de união entre eles, além de planejamento e ajuda dos representantes políticos da região.

Com relação ao questionário dirigido aos Órgãos Públicos de Prudentópolis, somente a Secretaria de Agricultura e a Secretaria de Meio Ambiente se disponibilizaram em responder o questionário. A Secretaria de Turismo optou por não responder alegando não ter o conhecimento suficiente sobre os faxinais e também por não querer divergências políticas com o atual prefeito, que não simpatiza com os faxinais. Já os funcionários do INCRA não se achavam capacitados para responder ao questionário alegando que tratavam de assuntos burocráticos, razão pela qual desconhecem as questões acerca do Sistema Faxinal. O IAP estava em férias coletivas e os questionários, deixados anteriormente, não foram enviados para o endereço da pesquisadora e, quando procurados, não foram encontrados para devolução.

A Engenheira Agrônoma Márcia Rios e o Técnico Agrícola, Rubens Turra, responderam as questões dirigidas à secretaria da Agricultura. Conforme se observa em apêndice, podemos observar nas respostas dos questionários, o grau de conhecimento dos órgãos públicos em relação ao Sistema Faxinal.

2- Você conhece o Sistema Faxinal? Se sim, desde quando? Se não, já ouviu falar? Tem idéia do que seja?

Sim, desde 1995.

3- Sabe quantos faxinais existem no seu município, entre os que têm e os que não tem mais o criadouro comunitário? Qual a localização deles?

Dezesseis faxinais, oito cadastrados como criadouro.

4- Sua organização (setor) já desenvolveu algum trabalho, projeto, assessoria ou experiência prática com algum faxinal e ou com as famílias residentes? Qual, onde e quando (ou desde quando)? Envolvendo que ações principais?

Sim, redes de água, inseminações, palestras e reuniões.

5- Em relação a esse trabalho, qual público foi ou está sendo envolvido e em que quantidade (nº de famílias, etc)? Que metodologias foram ou são utilizadas?

Todos os moradores dos faxinais.

6- Que resultados já foram ou estão sendo alcançados com esse trabalho?

Inclusão social, qualidade de vida.

7- Analisando historicamente, parte do total de faxinais vem se desagregando a cada ano que passa. Para você, quais as razões para isso estar acontecendo?

Falta de organização, falta de apoio das entidades governamentais e legislações mais adequadas aos faxinais.

8- Como você analisa a situação atual dos faxinais em relação aos "aspectos econômicos"? Tem algum comentário a fazer sobre isso (considerar limites/potencialidades, vantagens e/ou desvantagens)?

Hoje, poucas são as atividades agrícolas exploradas dentro dos faxinais que geram alguma fonte de renda, limitando assim o poder econômico dos faxinalenses.

9- Como você analisa a situação atual dos faxinais em relação aos "aspectos ambientais"? Tem algum comentário a fazer sobre isso (considerar limites/potencialidades, vantagens e/ou desvantagens)?

Falta de um controle mais eficiente, controle das zoonoses, ao mesmo tempo geram um potencial para a exploração do turismo rural.

10- Como você analisa a situação atual dos faxinais em relação aos "aspectos socioculturais"? Como você vê a situação geral da comunidade residente? Tem algum comentário a fazer sobre isso (considerar limites/potencialidades, vantagens e/ou desvantagens)?

Não respondeu.

11- Você considera o faxinal como um sistema ou área importante para a preservação ambiental? E quanto à preservação cultural e à manutenção das relações sociais?

Sim, se administrado adequadamente.

12- Qual sua visão atual sobre o “Sistema Faxinal”? Deve ou não continuar existindo? Deve continuar da forma como está ou mudar em algo? O que é necessário, prioritariamente, na sua visão ou da sua organização, para se garantir a permanência e sustentabilidade do sistema faxinal?

Hoje nós vemos muitos moradores dos faxinais com áreas em faxinais passando por dificuldades econômicas devido à falta de política e zoneamento que leve a um estudo de modo a encontrar uma forma de obter um sistema sustentável.

13- Você conhece a legislação existente, onde se enquadram os faxinais? Tem conhecimento do Decreto Estadual 3.446/97? E sobre o ICMS ecológico? Essa legislação é suficiente hoje para garantir a permanência desse sistema? Considera que a legislação está sendo cumprida por sua organização e pelas demais partes envolvidas? Tem sugestões?

O ICMS já é uma forma de ajuda aos faxinalenses, mas não é o suficiente para a manutenção do sistema e nem sustentável.

14- Algum faxinal de seu município recebe recursos do ICMS ecológico? Se recebe, sabe onde e como estão sendo aplicados os recursos recebidos? A comunidade beneficiária está sendo envolvida nessa questão ou sabe por que não está recebendo?

Sim, estão sendo usados na manutenção dos mesmos. Isso decidido pelos próprios moradores de cada faxinal.

15- Considera que o planejamento do turismo rural nessas propriedades poderia contribuir para a não desagregação dos faxinais?

Sim, desde que orientados e trabalhados adequadamente.

16- Outras sugestões/críticas/comentários/propostas que desejar fazer sobre os faxinais:

Nossa sugestão é que se realize um estudo mais aprofundado dos potenciais de cada faxinal para que fosse ou pudesse ser explorado de forma sustentável sem prejudicar o meio.

Percebe-se que os representantes da Secretaria de Agricultura que responderam ao questionário têm o conhecimento sobre os faxinais e as ações que estão sendo colocadas em prática. Constata-se ainda que eles defendem a continuidade do Sistema Faxinal, sabem da sua importância para a preservação do meio ambiente natural e vêem o Turismo Rural como uma das alternativas para a continuidade desse sistema. Entretanto, não souberam explicar onde está sendo aplicado o ICMS ecológico, como funciona essa lei, além de não saberem o número de faxinais existentes com criadouro e sem criadouro. A maior preocupação é em relação à implantação de políticas públicas que gerem ações efetivas para a comunidade faxinalense e a união entre os órgãos municipais e estaduais.

A Secretária do Meio Ambiente, representada pela bióloga Luciana Garcia, respondeu da seguinte forma:

2- Você conhece o Sistema Faxinal? Se sim, desde quando? Se não, já ouviu falar? Tem idéia do que seja?

Sim, desde 2003.

3- Sabe quantos faxinais existem no seu município, entre os que têm e os que não têm mais o criadouro comunitário? Qual a localização deles?

Com o criadouro comunitário oito, sem o criadouro, de 12 ou 14.

4- Sua organização (setor) já desenvolveu algum trabalho, projeto, assessoria ou experiência prática com algum faxinal e/ou com as famílias residentes? Qual, onde e quando (ou desde quando)? Envolvendo que ações principais?

Sim, desde que trabalho no Secretaria (2005). Acompanho projetos na área socioeconômica e ambiental.

5- Em relação a esse trabalho, qual público foi ou está sendo envolvido e em que quantidade (nº de famílias, etc)? Que metodologias foram ou são utilizadas?

O público são as famílias residentes nas comunidades, sobretudo com as associações existentes. Agora estamos procurando quantificar as famílias com exatidão.

6- Que resultados já foram ou estão sendo alcançados com esse trabalho?

Os resultados são diversos, desde a organização social, resgate das características do sistema e melhoria na qualidade de vida.

7- Analisando historicamente, parte do total de faxinais vem se desagregando a cada ano que passa. Para você, quais as razões para isso estar acontecendo?

A questão econômica, pressão das monoculturas falta de programas estaduais e federais voltados para as comunidades de faxinais.

8- Como você analisa a situação atual dos faxinais em relação aos "aspectos econômicos"? Tem algum comentário a fazer sobre isso (considerar limites/potencialidades, vantagens e/ou desvantagens)?

A questão econômica nos faxinais é bastante discutida. Existem limites que são salientados por muitas pessoas, mas existem potencialidades como, por exemplo, a diversificação da policultura, introdução de novas alternativas, como apicultura, ervas medicinais, e outros. Tudo isso, baseado em estudos de viabilidade, fundamentados na vocação de cada comunidade.

9- Como você analisa a situação atual dos faxinais em relação aos "aspectos ambientais"? Tem algum comentário a fazer sobre isso (considerar limites/potencialidades, vantagens e/ou desvantagens)?

Existe uma vantagem do sistema no que se refere à preservação e conservação ambiental. O fato que tem chamado a atenção é a influencia dos animais na regeneração natural das espécies florestais, principalmente em áreas de mata ciliar. Em alguns casos os animais comprometem a regeneração natural.

10- Como você analisa a situação atual dos faxinais em relação aos "aspectos socioculturais"? Como você vê a situação geral da comunidade residente? Tem algum

comentário a fazer sobre isso (considerar limites/potencialidades, vantagens e/ou desvantagens)?

Faxinal, enquanto sistema cultural, tem perdido um pouco da sua essência. Tem-se procurado resgatar esse sistema, algumas comunidades ainda desenvolvem trabalhos em conjunto puxirão.

11- Você considera o faxinal como um sistema ou área importante para a preservação ambiental? E quanto à preservação cultural e à manutenção das relações sociais?

Na verdade, o faxinal é uma interação, afinal é um sistema cultural importante para a preservação ambiental. É necessário um resgate cultural nas comunidades de faxinal.

12- Qual sua visão atual sobre o “Sistema Faxinal”? Deve ou não continuar existindo? Deve continuar da forma como está ou mudar em algo? O que é necessário, prioritariamente, na sua visão ou da sua organização, para se garantir a permanência e sustentabilidade do sistema faxinal?

O sistema deve continuar existindo, mas precisa ser melhorado. O primeiro passo é a organização das comunidades (algumas já possuem conselhos registrados em cartório). A garantia da sua permanência só será apurada se tivermos novas políticas públicas de apoio na esfera estadual e federal.

13- Você conhece a legislação existente, onde se enquadram os faxinais? Tem conhecimento do Decreto Estadual 3.446/97? E sobre o ICMS ecológico? Essa legislação é suficiente hoje para garantir a permanência desse sistema? Considera que a legislação está sendo cumprida por sua organização e pelas demais partes envolvidas? Tem sugestões?

Sim. O decreto tem um certo aspecto que ficou esquecido. Os próprios técnicos do IAP têm dúvidas sobre as ações passíveis de serem desenvolvidas dentro dos faxinais. O decreto é um pouco vago, seria interessante uma releitura, e explicação

sobre ICMS ecológico. Nós procuramos cumprir a legislação estadual e municipal acerca dos faxinais.

14- Algum faxinal de seu município recebe recursos do ICMS ecológico? Se receber, sabe onde e como estão sendo aplicados os recursos recebidos? A comunidade beneficiária está sendo envolvida nessa questão ou sabe por que não está recebendo?

Sim, oito faxinais recebem. As comunidades elaboram planos de aplicação supervisionados pelo IAP, colocados em prática pela secretaria e a comunidade.

15- Considera que o planejamento do turismo rural nessas propriedades poderia contribuir para a não desagregação dos faxinais?

Sim, como uma nova alternativa de renda complementar, resgatando a cultura e melhorando a qualidade de vida. Para que o turismo rural nos faxinais seja uma realidade, pressupõe-se uma capacitação e um trabalho intenso como a comunidade.

16- Outras sugestões/críticas/comentários/propostas que desejar fazer sobre os faxinais:

Não respondeu.

A análise da bióloga Luciana Garcia revela o seu conhecimento sobre os faxinais e o Sistema Faxinal. Não é clara a respeito do número de faxinais e seus criadouros. Por outro lado, tem conhecimento sobre os projetos desenvolvidos pela Secretaria de Meio Ambiente nos faxinais e os seus resultados. Uma das suas preocupações é em relação ao fato de as leis criadas para a continuidade dos faxinais serem muito vagas, não esclarecendo muito bem seus objetivos, como por exemplo, o ICMS ecológico. Acredita que o Turismo Rural, assim como uma diversificação na policultura e novas alternativas como a apicultura e a retirada de ervas medicinais poderão ser uma solução concorrente para a não desagregação desses faxinais. Outra preocupação da bióloga é em relação aos animais à solta, dizendo que esses prejudicam a regeneração das matas. Entretanto, não deseja o fim desse sistema e, sim, sua melhoria e adequação com relação ao uso dos criadouros.

A Organização Não Governamental ING, representada pela advogada Vânia Mara Moreira dos Santos, respondeu ao questionário da seguinte forma:

2- Você conhece o Sistema Faxinal? Se sim, desde quando? Se não, já ouviu falar? Tem idéia do que seja?

Sim, desde que vim residir em Prudentópolis (1988).

3- Sabe quantos faxinais existem no seu município, entre os que têm e os que não têm mais o criadouro comunitário? Qual a localização deles?

Barra Bonita, Paraná Anta Gorda, Taboãozinho, Marcondes, Ivaí Anta Gorda, Tijuco Preto...

4- Sua organização (setor) já desenvolveu algum trabalho, projeto, assessoria ou experiência prática com algum faxinal e ou com as famílias residentes? Qual, onde e quando (ou desde quando)? Envolvendo que ações principais?

Já. Formação para cidadania, organização comunitária, diagnósticos sócio-ambiental e econômico, instalação de biodigestores. Desde 1998.

5- Em relação a esse trabalho, qual público foi ou está sendo envolvido e em que quantidade (nº de famílias, etc)? Que metodologias foram ou são utilizadas?

Os faxinais de Prudentópolis foram envolvidos em nossos trabalhos. Em alguns momentos todos os faxinais, em outros, pontualmente. Diagnóstico da realidade (mapa, questionário, palestra).

6- Que resultados já foram ou estão sendo alcançados com esse trabalho?

Organização de associações dos faxinais, diagnóstico socioeconômico ambiental de 98, de todos os faxinais, e de Paraná Anta Gorda em 2006. Instalação de luz elétrica linha Brasília e instalação de biodigestor no Taboãozinho.

7- Analisando historicamente, parte do total de faxinais vem se desagregando a cada ano que passa. Para você, quais as razões para isso estar acontecendo?

Pressão econômica, falta de regulamentação e de políticas públicas para essas comunidades. Falta de preparo dos faxinalenses para o exercício da cidadania.

8- Como você analisa a situação atual dos faxinais em relação aos "aspectos econômicos"? Tem algum comentário a fazer sobre isso (considerar limites/potencialidades, vantagens e/ou desvantagens)?

A pressão econômica e a falta de políticas públicas consistentes fazem com que os faxinalenses sejam pressionados a mudar sua forma de uso da terra. No entanto, o fato de os remanescentes de florestas com araucária estarem nos faxinais pode ser uma grande oportunidade para os faxinalenses para projetos de carbono, por exemplo, ou Turismo Rural.

9- Como você analisa a situação atual dos faxinais em relação aos "aspectos ambientais"? Tem algum comentário a fazer sobre isto (considerar limites/potencialidades, vantagens e/ou desvantagens)?

Há muitas providências a ser tomadas nesse campo em razão de que as áreas de preservação permanentes sofrem impactos constantes com o pastoreio dos animais. No entanto, para a perda ter significatividade de floresta, o faxinal ainda conserva espécies importantes que podem significar muito a recuperação da floresta com araucária.

10- Como você analisa a situação atual dos faxinais em relação aos "aspectos socioculturais"? Como você vê a situação geral da comunidade residente? Tem algum comentário a fazer sobre isso (considerar limites/potencialidades, vantagens e/ou desvantagens)?

As comunidades estão se aculturando e perdendo seus hábitos, suas festas e tradições e essas riquezas culturais poderiam ser um fator importante na exploração do turismo rural e ecoturismo.

11- Você considera o faxinal como um sistema ou área importante para a preservação ambiental? E quanto à preservação cultural e à manutenção das relações sociais?

Sim, o Sistema Faxinal tem grande importância ambiental pelos motivos que já falei. A preservação cultural é fundamental para podermos compreender como esses povos viveram por mais de 100 anos partilhando a terra e sendo solidários uns com os outros.

12- Qual sua visão atual sobre o “Sistema Faxinal”? Deve ou não continuar existindo? Deve continuar da forma como está ou mudar em algo? O que é necessário, prioritariamente, na sua visão ou da sua organização, para se garantir a permanência e sustentabilidade do sistema faxinal?

O Sistema Faxinal precisa encontrar respostas econômicas e necessita de uma ação urgente e rigorosa do poder público para construir políticas públicas para essas comunidades em todas as áreas. O fundamental é ter regras claras para diminuir a pressão sobre os faxinalenses.

13- Você conhece a legislação existente onde se enquadram os faxinais? Tem conhecimento do Decreto Estadual 3.446/97? E sobre o ICMS ecológico? Esta legislação é suficiente hoje para garantir a permanência desse sistema? Considera que a legislação está sendo cumprida por sua organização e pelas demais partes envolvidas? Tem sugestões?

A legislação precisa de regulamentação de forma rápida, clara e urgente. Na forma como está, a legislação acelera o conflitos e a desagregação dos faxinais. A lei não tem suficiente clareza para que os faxinalenses tenham acesso ao ICMS ecológico.

14- Algum faxinal de seu município recebe recursos do ICMS ecológico? Se recebe, sabe onde e como estão sendo aplicados os recursos recebidos? A comunidade beneficiária está sendo envolvida nessa questão ou sabe por que não está recebendo?

Alguns faxinais recebem recursos e outros não. Ocorre muita pressão política e pouco estímulo a organização dessas comunidades.

15- Considera que o planejamento do turismo rural nessas propriedades poderia contribuir para a não desagregação dos faxinais?

Pode, desde que os faxinalenses compreendam que o que atrairá o turista é o seu modo de viver simples e verdadeiro.

16- Outras sugestões/críticas/comentários/propostas que desejar fazer sobre os faxinais: Importante investir em capacitação dos faxinalenses, pensar em formas de melhorar sua comunicação e acesso à internet e outras utilidades da vida urbana para fixar o jovem no campo.

A advogada da ONG demonstra conhecer o Sistema Faxinal e toda a sua complexidade. Atualmente trabalha diretamente com dois faxinais em Prudentópolis, os de Taboãozinho e Barra Bonita, nos quais desenvolve projetos ligados a biodigestor, energia elétrica, diagnóstico sócio-ambiental e a preparação de cursos de capacitação para o recebimento dos turistas, assim como projetos ligados a alimentos orgânicos, através do adubo do esterco de suínos, o plantio de maracujá e morangos. É uma das incentivadoras para a continuidade do sistema. Reconhece toda a importância dos faxinais no que concerne à preservação ambiental e à preservação da cultura ucraniana. Conhece todos os problemas pelos quais os faxinais vêm atravessando. Concorda que deve haver leis mais rígidas para assegurar a continuidade desse sistema, pois as leis existentes hoje, de acordo com a advogada, são leis que enfraquecem o sistema e aceleram sua desagregação.

Tem o conhecimento do ICMS ecológico, mas sabe que o valor real que deveria ser distribuído aos faxinalenses não chega até suas mãos. Concorda que o Turismo Rural, assim como o Ecoturismo, podem vir a contribuir para a permanência desses faxinais estudados neste trabalho, mas para isso o próprio faxinalense tem que compreender que os turistas são atraídos pelo seu modo simples e verdadeiro de viver. Segundo a advogada, é preciso investir em capacitação dos faxinalenses, pensar em

novas formas de melhorar a sua comunicação e acesso à internet e outras modernidades que possam trazer de volta e fixar os jovens nessas áreas, caso eles desejem voltar.

Diante destas questões acerca do Sistema Faxinal aplicadas aos representantes das instituições que responderam ao questionário, é importante destacar o desenvolvimento de projetos que já estão sendo aplicados em Taboãozinho e Barra Bonita. No faxinal de Taboãozinho já funciona um biodigestor através do esterco do porco, gerando energia para uma residência. O biodigestor é um equipamento capaz de gerar energia por meio de gás resultante das fezes de suínos, gerando a composição do biogás, composto de metano (60 a 80%), gás carbônico, água e adubo orgânico respectivamente, para serem usados na fertilização de culturas, bem como ser comercializado, gerando renda para a comunidade. (Mais informações sobre o biodigestor podem ser adquiridas no anexo A deste trabalho).

Outro projeto desenvolvido no faxinal de Taboãozinho é em relação à captação da água dos rios próximos ao faxinal para um reservatório de onde podem aproveitar para consumir a água nos períodos de seca na região. Está sendo realizado um encanamento que levará água para todas as residências dos faxinais por meio de mutirão e sem custeio da administração municipal.

Outro projeto desenvolvido pela ONG (ING) envolve o PDA (Projetos Demonstrativos). O governo federal brasileiro mantém parcerias com a GTZ, KFW e o governo alemão, no âmbito do Ministério de Meio Ambiente, o PDA. Em 2007, o MMA (Ministério do Meio Ambiente) selecionou projetos para o componente PDA mata atlântica e escolheu em todo o território brasileiro nove projetos. Único em Ecoturismo entre os escolhidos pelo MMA, está o projeto Ecoturismo como ferramenta para o desenvolvimento sustentável dos faxinais de Taboãozinho e Barra Bonita, de Prudentópolis, no Paraná. O projeto pretende trabalhar inicialmente com dez famílias em Taboãozinho e Barra Bonita. Além de um curso de agente biodinâmico de

desenvolvimento com ênfase em Turismo Rural e Ecoturismo, proporciona assistência para organização associativa e comercialização, assistência de técnicos agrícolas e um turismólogo. Outro fator importante do projeto é o desenvolvimento de uma marca para os produtos ecológicos dos faxinais, assim como a organização de roteiros e pacotes. (Mais detalhes sobre esses projetos encontram-se no anexo - A - deste trabalho).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A essência do faxinal não pode ser revelada num olhar superficial e apressado, já que se faz necessário constatar a peculiaridade de seus moradores, com suas tradições e costumes e também perceber a paisagem, composta pelas terras de plantar e de criar, para se compreender o Sistema Faxinal em sua profundidade. Para isso, é preciso considerar que esse sistema não se constitui apenas em um dado geográfico, mas resulta de um processo histórico composto de elementos naturais e humanos que estão a exigir, na atualidade, a preservação e o reconhecimento de uma comunidade, assim como decisões de poder, o reconhecimento dos direitos e a aplicação de técnicas fundamentais para a preservação dos espaços que constituem este sistema.

Para analisar as singularidades da região dos faxinais, os pontos de identificação e de contraste entre o meio e seus moradores foi necessário conhecer a gênese e o desenvolvimento do processo de constituição do sistema.

Acompanhando o cotidiano dos faxinalenses foi possível resgatar aspectos de sua história e memória, refletidas nas experiências, marcadas por ações que ainda mantêm um modo de vida peculiar, cujas origens contrastam com as características da sociedade contemporânea. O estudo da região do Faxinal de Barra Bonita e Taboãozinho remete a um passado nostálgico, dotado de tranqüilidade, em que as famílias se reúnem ao cair da tarde para tomar um chimarrão, as portas e janelas da casa quase sempre abertas. A comida típica com seus aromas convidativos, a carroça puxada pelos cavalos ou bois, a estrada de chão e a paisagem natural revelam a essência, a simplicidade e a generosidade de um povo gentil, amável, quase que desconhecedor da vida na cidade, mas que, ao mesmo tempo, mostra-se atento, desconfiado e perspicaz quanto às questões econômicas e sociais que estão afetando a sua rotina de vida.

O estudo da ocupação destas terras, no Paraná, levou a um recorte historiográfico que favoreceu o entendimento do processo de constituição da

propriedade da terra, da ocupação do solo e as modalidades de seu uso, e possibilitou um diálogo significativo com as fontes selecionadas para análise do objeto de pesquisa. Existem muitos estudos acerca do período colonial e da estruturação econômica do Paraná que privilegiou os proprietários de maiores posses, promovendo a concentração da terra, em detrimento da exclusão de outras categorias sociais. Há numerosas discussões sobre o surgimento dos latifúndios que deram origem às grandes propriedades.

Contudo, outras formas de organização social, como a dos Faxinais, carecem de produção historiográfica aprofundada, que trate de suas implicações históricas, culturais, sociais, econômicas, ambientais e políticas. Essa ausência, por sua vez, gera dificuldades como a falta de planejamento adequado para a preservação, manejo e cultivo dos faxinais, bem como a falta de apoio financeiro e de atendimento às necessidades de melhoria do abastecimento de água, geração de emprego, técnicas de cultivo e manejo de um sistema típico da região.

Portanto, torna-se imperativo conhecer e analisar uma das formas de uso comum da terra no Brasil, ou seja, a coexistência da propriedade particular e de seu uso coletivo, representado pelas terras de plantar e terras de criar, que compõem o Sistema Faxinal, ainda vigente na região Centro - Sul do Paraná. Essa percepção exige o conhecimento de uma forma de organização complexa, nascida historicamente da especificidade na forma de ocupação da terra e de organização sócio – espacial que ainda preserva suas características originais.

O presente trabalho procurou caracterizar a forma de posse e o uso da terra nesse sistema, através da análise e recuperação do contexto que gerou condicionantes de seu funcionamento, fundamentado basicamente na coleta da erva-mate, na produção agrícola e na criação de animais.

Com relação aos mecanismos responsáveis pela degradação do sistema Faxinal, analisou-se a importância da cultura, da jurisprudência, bem como o papel do Estado em relação a essa questão. Buscou-se averiguar em que medida os componentes do Sistema Faxinal foram alterados pelas formas distorcidas de concentração e exploração da terra, visto que apresentam sinais de ruptura estrutural diante do sistema social, jurídico e econômico vigente.

Constatou-se o impacto das ações e da cultura de agentes sociais estranhos sobre o Sistema Faxinal que acabaram provocando a desarticulação desse modo de organização fundamentalmente coletiva. Essa desarticulação é provocada principalmente pela falta de incentivos financeiros para o cultivo da terra, bem como pela própria ação da natureza que, dependendo da estação, provoca a seca, a geada e outros fenômenos, prejudicando assim a colheita dos faxinalenses e comprometendo a renda familiar.

Essa realidade atinge, em especial, aos jovens, que, diante do descaso e da falta de incentivos do governo, acabam saindo da região em busca de novas perspectivas de vida nos centros urbanos, abandonando suas terras e muitas vezes deixando aos seus familiares mais velhos as tarefas de cuidar da roça (as terras de plantar), e dos animais (criadouros). Essa atitude afeta diretamente a continuidade desse sistema entre os descendentes faxinalenses. Os grandes latifundiários se aproveitam dessa situação e pressionam os moradores para vender suas terras, agravando ainda mais o processo de desagregação do Sistema Faxinal, e comprometendo o equilíbrio sócio – espacial, vital para a sobrevivência da comunidade.

O turismo não representa uma perspectiva de solução definitiva para esses problemas, nem cabe afirmar que essa seria a única alternativa para minimizar as dificuldades encontradas pela população faxinalense. Mas, o turismo rural poderia vir a se tornar uma ferramenta importante para a aplicação da renda, assegurando a

continuidade de áreas como as do Sistema Faxinal, com características singulares em termos de plantação e de criação comunitária.

O crescimento do turismo rural deve-se especialmente aos que querem conhecer a vida do homem no campo ou que buscam suas raízes. Tem ficado evidente que o correto manejo dos serviços prestados tem significado uma importante fonte de renda para a região que investe no turismo rural como alternativa de vida.

Deve-se salientar que, apesar de constituir uma atividade nova no Brasil, já existem várias localidades e fazendas voltadas para o turismo rural em vários estados. A própria evolução histórica do nosso país, marcada pela ocorrência de vários ciclos econômicos que vão desde a época da cana - de - açúcar até o ciclo do café, deixou um grande legado cultural representado pela arquitetura colonial, sem falar na enorme diversidade decorrente das várias etnias se que mesclaram na composição da população brasileira, enriquecendo o seu folclore, artesanato, culinária e uma variedade de manifestações culturais.

Não se pode deixar de falar da hospitalidade característica do povo brasileiro Na área rural ela parece maior. A cordialidade está presente entre a população, que conserva, na maioria das vezes, seus costumes e tradições, o que, sem dúvida, poderia contribuir para o desenvolvimento do turismo rural no Brasil.

Nessa perspectiva, o turismo rural poderia significar vantagens, mas sua implantação e seu desenvolvimento necessitam da articulação de políticas públicas para que essa atividade possa se estender às várias regiões do território brasileiro, incentivando a criação de empregos com um baixo volume de investimentos.

O desenvolvimento do turismo rural, seguindo os princípios da sustentabilidade social, cultural e econômica, poderia minimizar a desagregação do Sistema Faxinal, de modo a preservar um sistema socioeconômico com uma rica tradição cultural e um sistema de vida que, desestruturado, acaba contribuindo para o aumento do êxodo rural,

do inchaço urbano e ampliação das favelas localizadas nas áreas urbanas. O levantamento realizado através dos questionários permitiu realizar comparações entre os faxinais de Taboãozinho e Barra Bonita acerca do conteúdo das questões aplicadas. Com relação à faixa etária dos moradores, a maioria deles se encontra na faixa etária que vai dos 41 a 50 anos de idade, o que se por um lado revela um baixo índice de idoso, por outro manifesta também a reduzida presença de jovens e crianças.

O baixo índice de crianças e jovens pode ser atribuído ao contingente de jovens que saem para estudar nos centros urbanos, com a expectativa de melhores oportunidades de trabalho e por não acreditarem que a vida no faxinal represente uma boa perspectiva para futuro. Os poucos jovens que permanecem nos faxinais, geralmente os filhos caçulas, optaram por ficar para auxiliar os mais velhos nas atividades agrícolas. Assim sendo, percebe-se que a continuidade e manutenção dos faxinais fica comprometida em função da falta de interesse dos mais jovens pela conservação desse sistema..

Outro fator agravante é que, em virtude das dificuldades financeiras e da falta de políticas de incentivos, as famílias tendem a diminuir gradativamente, como pode ser percebido nos gráficos que atestam o baixo número de filhos entre as famílias faxinalenses. As famílias apresentam um reduzido número de filhos por não verem perspectivas de futuro nos faxinais, devido à sua desagregação.

Com relação ao grau de escolaridade, embora não haja analfabetos, a maioria dos faxinalenses de Taboãozinho e Barra Bonita concluíram apenas o ensino fundamental. O baixo grau de escolaridade justifica-se pela distância entre os faxinais e os centros urbanos, onde ficam as escolas e, também cultura local, que não vê a instrução como essencial para o trabalho no campo.

As famílias, em sua maioria, são constituídas por mais de dois adultos, com um ou dois filhos e também por irmãos, pais e avós dos moradores. Em Barra Bonita, o

número de famílias com mais de cinco pessoas adultas é maior do que no Faxinal de Taboãozinho. Verifica-se que nos faxinais a maioria dos entrevistados é de origem ucraniana, correspondendo a 80% do total da população. Os 20% restantes são de italianos. A predominância da origem européia nos faxinais pode ser atribuída ao processo de povoamento e colonização da região do terceiro planalto em consequência das distintas fases históricas que condicionaram a colonização do Paraná. Em Barra Bonita, a presença de descendentes de ucranianos é de 100%.

No tocante à posse da terra nos faxinais, a maioria dos moradores são proprietários e possuem a documentação regularizada. Uma pequena parcela não é proprietária ou não possui a documentação regularizada. A regularização das posses está diretamente relacionada à condição financeira dos faxinalenses e também a divergências na divisão das terras, entre os familiares, o que faz com que a regulamentação da propriedade seja deixada de lado ou em segundo plano. O percentual daqueles que não são proprietários justifica-se pelo fato de estarem usando a terra como agregados, demonstrando o uso coletivo das terras, que é uma das características do Sistema Faxinal.

Caso houvesse sobra nos recursos financeiros dos faxinalenses, em Taboãozinho, a maioria investiria na construção ou reforma da casa e também na compra de mais terras para o plantio e cultivo agrícola. Uma minoria investiria em equipamentos e máquinas agrícolas. Já em Barra Bonita, a maioria prefere investir na propriedade através de mecanização e infra-estrutura, deixando a reforma ou construção de casas e compra de terras em segundo e terceiro planos, respectivamente.

Durante o estudo constatou-se também a falta de informação ou conhecimento dos faxinalenses sobre as questões políticas, econômicas e sociais relativas ao Sistema Faxinal e aos faxinais. Há muita divergência de opinião entre os moradores acerca dessas questões, revelando um despreparo e até mesmo despreocupação dos moradores

em relação à própria comunidade atestada talvez por as famílias serem conhecidas umas outras de longa data e os dados mais concretos como o tamanho ou divisão das terras não interferirem diretamente no seu cotidiano. Muitos não souberam responder sobre o tamanho do criadouro comunitário, outros divergem sobre a conservação das cercas, criadouros, averbação das terras, áreas de conservação legal das terras, sobre a colheita da erva-mate e até mesmo sobre o número de famílias na região. Só não há divergência sobre a falta de verbas e políticas de incentivos para o local. Os faxinalenses acreditam que o Sistema Faxinal não recebe a devida atenção e respectivos cuidados pela administração estadual e municipal.

O trabalho realizado permitiu constatar o interesse dos faxinalenses de Taboãozinho e Barra Bonita no que concerne às possibilidades de implantação do projeto de Turismo Rural em suas propriedades, bem como o auxílio a disponibilidade da ONG-ING em auxiliar nessa tarefa. Dentre as dificuldades encontradas para a conclusão desta pesquisa, destaca-se a aplicação dos questionários junto aos órgãos públicos de Prudentópolis. A Secretaria de Turismo não quis responder ao questionário alegando falta de conhecimento sobre os faxinais e também justificou a sua decisão em não responder por não querer entrar em atrito político com o Prefeito, que é contra a continuidade dos faxinais.

Os funcionários do INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) quando procurados para responder o questionário se mostraram despreparados e optaram em não concluir o questionário. O departamento do IAP (Instituto Ambiental Paranaense), quando procurado, estava em férias coletivas e os questionários deixados anteriormente não foram respondidos e nem enviados para o endereço da pesquisadora.

O cenário dos faxinais poderia ser utilizado como uma alternativa econômica através da implantação do Turismo Rural, conciliando a conservação/ preservação da natureza e os valores culturais com planejamento, gestão e organização efetivas para

dinamizar o desenvolvimento local / regional, diversificando a economia através da criação de empregos e renda para a comunidade rural do lugar e promovendo, nesse sentido, o desenvolvimento sustentável do campo.

Nesse sentido, propriedades que estão estagnadas e marginalizadas com as práticas tradicionais, poderiam, através de atividades turísticas, transformar-se em promissoras fontes de renda para seus proprietários e para a comunidade local. Ambos terão uma forma de agregar valor a produtos e serviços resgatando e promovendo o patrimônio cultural (festas religiosas, mutirões, artesanatos e outras comemorações) e natural (rios, serras, cachoeiras, vegetação entre outros). Para que isso ocorra nos faxinais objeto deste estudo serão, entretanto, necessárias medidas efetivas que subsidiem as atividades referentes ao Turismo Rural, valendo-se das características do meio ambiente e da cultura local. Será necessário, também, um efetivo monitoramento para minimizar os impactos negativos e maximizar os pontos positivos que a implantação dessa modalidade de turismo traria para a comunidade local.

REFÊRÊNCIAS

- ALMEIDA, J. A.; FROEHLICH, J. M.; RIELD, M. (orgs). **Turismo rural e desenvolvimento sustentável**. Campinas, São Paulo: Papirus, 2000.
- ALMEIDA, J. A.; RIELD, M.; VIANA, A. L.B. **Turismo Rural: Tendências e Sustentabilidade**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002, 239p.
- ARAÚJO, J. G. F. DE A. B. C. **Turismo Rural**. Minas Gerais: Editora Aprenda Fácil, 2000.
- BALHANA, A. et. al. **História do Paraná**. Curitiba: Grafipar, 1969.
- BENI, C. M. **Análise estrutural do turismo**. 3. ed. São Paulo: Editora Senac, 2000.
- BENI, M. C. Turismo rural. In: **Glossário Turismo visão e ação**. UNIVALI – SC. Ano 2 – nº 4 – fev/2000 . p.28.
- BIGARELA, J. J. Sinopse da geologia do Estado do Paraná. In: **Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense**. Vol. VII, Curitiba, 1965.
- BIGARELA, J. J. *et al.* **Lapinha**. A natureza da Lapa. Lapa: Lar Lapeano de Saúde, 1997.
- BRAVO, R. Conciliação entre atividade turística e produção. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE TURISMO RURAL**. ANAIS: Piracicaba: Fealq, 2000. p. 9-20.
- BURCO, V. H. **A imigração ucraniana no Brasil**. Curitiba: Gráfica da OSBM, 1963.
- CAMPONHOLA, C.; SILVA, J. C. **Panorama do turismo no espaço rural brasileiro: nova oportunidade para o pequeno agricultor**. Anais do Congresso Brasileiro do Turismo Rural. Turismo no espaço rural brasileiro. Piracicaba. FEALQ, p.9-42. 1999
- CAMPONHOLA, C.; SILVA, J. C. **O Agroturismo como nova fonte de renda para o pequeno agricultor brasileiro**. 2000.
- CAMPOS, Nazareno José de. Terras de uso comum no Brasil: **Um estudo de suas diferentes formas**. 2000.258f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo.
- CARVALHO, H. M. de. **Da Aventura à Esperança: A Experiência Autogestionária no Uso Comum da Terra**. Curitiba, 1984.
- CASTELLI, Geraldo. **Turismo: atividade marcante do século XX**. 2ª ed. Caxias do Sul: EDUSC, 1990. 128 p.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede: a era da informação, economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CAVACO, C. “Turismo Rural e Desenvolvimento Local”, In RODRIGUES A. (Org.). **Turismo e Geografia. Reflexões teóricas e enfoques regionais.** São Paulo. Hucitec.

CHANG M.Y. **Sistema Faxinal:** uma forma de organização camponesa em desagregação no centro sul do PR. Rio de Janeiro: UFRJ, 1985. Dissertação de Mestrado.

CHANG, M.Y. **Faxinal do Paraná.** Informe de pesquisa, n ° 80. Londrina: IAPAR, 1988.

_____ **Sistema Faxinal:** Uma forma de organização camponesa em desagregação no Centro Sul do Paraná. Boletim Técnico, n. 22. Londrina: IAPAR, 1988.

CORREA, Roberto Lobato. **O sudoeste paranaense antes da colonização.** Revista Brasileira de Geografia. Rio de Janeiro, n.1,ano32, p.87-98, jan/mar.1970.

CUNHA, L. A. **Desenvolvimento rural e desenvolvimento territorial:** o caso do Paraná Tradicional. Rio de Janeiro, 2003. 210 p. Tese (Doutorado em Desenvolvimento e Agricultura) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

EMATER – PR – SEAB E SEPLAN. **Cadastro sobre os faxinais do Estado do Paraná.** Obtidos no Fórum dos Faxinais promovido pela Prefeitura Municipal de Prudentópolis em 2005.

EMBRATUR. **Política Nacional de Turismo. Diretrizes e Programas.** 1996 – 1999. Brasília: MICT/ Embratur.

FONSECA, M. L. Patrimônio turismo e desenvolvimento local. **IN: RODRIGUES, A. B. (org.) Turismo rural: práticas e perspectivas.** São Paulo: Contexto, 2001, p. 47.

GALVÃO, M. V. **Geografia do Brasil:** região sul. Volume V. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE. Rio de Janeiro, 1977.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GRAZIANO DA SILVA, J.C. **O novo rural brasileiro.** Campinas. Ed. Unicamp, 1999.

GUBERT FILHO, A. **O Faxinal.** Direito Agrário e Meio Ambiente. Curitiba, 1987, pág. 34.

HIGA, A. R. (Coord.). SIFLOR. **Mapa da cobertura vegetal do Paraná.** Curitiba, 2003. 1 CD-ROM. INPE – Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais. “Atlas_BR”, 2003.

HOLTZ, A. **Prudentópolis:** sua terra e sua gente. Prudentópolis: [s.d], 1972.

IAP. **ICMS Ecológico em perguntas e respostas:** instruções básicas para unidades de conservação. SEMA, IAP. Curitiba, 1998.

_____ **Portaria n ° 263/98/IAP/GP** – Regulamenta o Cadastro Estadual de Unidade de Conservação e Área Especialmente Protegidas (CEUC); Lei Complementar

Estadual nº. 59 de 01 de outubro de 1991 e Lei Complementar Estadual nº 67/93. Diário Oficial do Paraná, Curitiba, 1998.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **População brasileira**. Disponível em www.ibge.gov.br/home/estatística/população/censo2000. Acesso em 24 de julho de 2006.

IGOR A.G. Moreira. **O Espaço Geográfico. Geografia Geral e do Brasil**. 23ª edição. Editora Ática. São Paulo. 1986.

IPARDES, Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. **Aspectos Regionais**. www.ipardes.gov.br. Acesso 22 de junho de 2006.

KRIPPENDORF, JOST; **Sociologia do Turismo**: para uma nova compreensão do lazer e das viagens, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1989.

LAKATOS E.M.; MARCONI, M. A. **Metodologia Científica**. São Paulo. Atlas, 1983.

LUBACHEVSKI, J. **Cultura e planejamento urbano**: reflexões acerca de Prudentópolis – PR. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas. Universidade Estadual de Ponta Grossa – PR. 2005. p. 128.

MAACK, R. **Breves notícias sobre a Geologia dos Estados do Paraná e Santa Catarina**. Arquivos de Biologia e Tecnologia, Curitiba, v. – 7, p. 63-157, 1997.

MAACK. R. **Geografia Física do Estado do Paraná**. Curitiba, 1968.

MAGRO, T. C. Ambiente natural e turismo em meio rural. In: RIEDL, M. et. al. (Orgs.). **Turismo rural**: tendências e sustentabilidade. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000. p. 142-163.

MARTINS, José de Souza. **Capitalismo e tradicionalismo**. São Paulo. Livraria Pioneira Editora, 1975.

MARTINS, R. **História do Paraná**. Curitiba: Editora Guaíra, s.d.

MARTINS, W. **Um Brasil diferente**: ensaios sobre o fenômeno de aculturação no Paraná. São Paulo: Anhambi, 1989.

MATTEI, Lauro. Agricultura familiar e turismo rural: evidências empíricas e perspectivas. Cap.10. In **Turismo no Espaço Rural. Enfoques e perspectivas**/ organizadores Anderson Pereira Portugal...[et. al.] – São Paulo. Roca, 2006.

MERTEM, G. H. **Manejo de solo de baixa aptidão agrícola no Centro-Sul do Paraná**. Londrina – IAPAR, 1994.

MINAYO, M. C. S. (org.) **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

MOESCH. M.A. **A produção do saber turístico**. São Paulo. Contexto, 2000.

MOURA, A. M. F. Turismo, meio ambiente e espaço rural. In: FUNARI, P. P. ; PINSKY, J. (Orgs.). **Turismo e patrimônio cultural**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 69-78.

NADALIN, S. O. **Paraná: ocupação do território, população e migração**. Coleção História do Paraná. Curitiba: SEED, 2001.

NERONE, M. M. C. **Terras de plantar, terras de criar: Sistema Faxinal - Rebouças 1950- 1987**. Assis, Tese (Doutorado em História) Universidade Estadual Paulista UNESP, Campus de Assis. São Paulo, 2000.

OXINALDE, M.R. **Ecoturismo – Nuevas formas de turismo en el espacio rural**. Barcelona. Bosch, 2000.

PADIS, Pedro Cabil. **Formação de uma economia periférica: o caso do Paraná**. São Paulo: Hucitec, 1991.

PARANÁ. **Decreto Estadual n.º 3466 de 14 de agosto de 1997**. Dispõe as ARESUR – Áreas Especiais de Uso Regulamentado – que abrange porções territoriais do Estado, caracterizada pela existência do modo de produção denominado Sistema de Faxinal. Diário Oficial do Paraná, Curitiba.

_____ **FAXINAL: Um modelo de desenvolvimento auto-sustentado**. SEPL, CURITIBA, 1994.

PEREIRA, R. M. F. A; OLIVEIRA, R. A.; WESTERLON, D. O turismo e a dinâmica sócio-espacial do município de Itapema. **Turismo: Visão e Ação**, A. 4, n.º. 9, fev. - 2002, Itajaí, p.

PIAZZA, W. F. **A colonização de Santa Catarina**. Florianópolis, BRDE, 1982.

PINHEIRO MACHADO, B. **Esboço de uma sinopse da história regional**. História: questões e debates. Curitiba: v. 8, n.º 14/15, jul-dez, 1987.

PIRES, M. J. Turismo rural: marketing de atrativos culturais na Fazenda. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE TURISMO RURAL**. ANAIS: Piracicaba: Esalq, 2000. p. 1-3-109.

POLIT, D. F.; HUNGLER, B. P. **Fundamentos de pesquisa em enfermagem**. 3ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

RIBEIRO, A. **As transformações da sociedade e os recursos da natureza na região de Palmas e Guarapuava**. Boletim de Geografia. Maringá: UEM, ano 7, n.º 1, set, 1989.

RICHARDSON, R.J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

RODRIGUES, A. B. (org). **Turismo rural: práticas e perspectivas**. São Paulo: Contexto, 2001.

_____ **Turismo e geografia: reflexões e perspectivas**. São Paulo: Hucitec, 1999.

RUSCHMANN, D. **Turismo e Planejamento sustentável:** a proteção do meio ambiente. Campinas, São Paulo: Papirus, 1997.

SAINT-HILARE. **Viagem à comarca de Curitiba-1820.** São Paulo: C. Nacional, 1964.

SAHR, Cicilian L.L. **Povos tradicionais e territórios sociais:** reflexões acerca dos povos e das terras de faxinal do bioma na mata araucária. In: III Simpósio Nacional de Geografia Agrária, II Simpósio Internacional de Geografia Agrária; Jornada Ariovaldo Umberlino de Oliveira. 2005, Presidente Prudente, Anais eletrônicos...Presidente Prudente, 2005. Disponível em: <http://www2.prudente.unesp.br/agraria>

SAHR, Cicilian L.L. **Diretrizes para a preservação do ecossistema faxinal.** Prefeitura Municipal de Ponta Grossa. Secretaria Municipal de Agricultura e Abastecimento, 2003.

SANTOS, C. R. A. dos. **Vida material e econômica.** Coleção História do Paraná. Curitiba: SEED, 2001. p. 96.

SERRANO, C.; BRUHNS. H. T. ; LUCHIARI, M.T . (org). **Olhares contemporâneos sobre o turismo.** Campinas. São Paulo: Papirus, 2000.

SILVEIRA, M. A. T. Política de turismo: oportunidades ao desenvolvimento local. In: RODRIGUES, A. B. et. al (Orgs.). **Turismo rural:** práticas e perspectivas. São Paulo: Contexto, 2001.

SIRGADO, J. R. Espaço turístico e desenvolvimento no cone leste paulista. In: RODRIGUES, A. B. et. al (Orgs.). **Turismo rural:** práticas e perspectivas. São Paulo: Contexto, 2001.

Sistema Faxinal no Município de Ponta Grossa – Diretrizes para a Preservação do Ecossistema, do modo de vida, da cultura e das identidades das comunidades e dos espaços faxinalenses. In: Encontro dos faxinais – Prudentópolis – 2005.

SPONHOLZ, N. **A terra e o homem do Sul do Paraná:** problemas e perspectivas. Editora Debate – IAPAR – PR, 1971.

SWARBROOKE, J. **Turismo sustentável:** Setor público e cenários geográficos. São Paulo: Aleph, 2000

TALAVERA, A. S. Desarrollos y conflictos em torno al turismo rural: claves y dilemas desde la antropologia social. In: RIEDL, M. et. al. (Orgs.). **Turismo rural:** tendências e sustentabilidade. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000. p. 13-50.

TULIK, O. “Do conceito às estratégias para o desenvolvimento do turismo rural”. In RODRIGUES, A. (Org). **Turismo – Desenvolvimento local.** São Paulo. Hucitec.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **A sociedade pós-industrial e o profissional em turismo.** Campinas, São Paulo: Papirus, 1998.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** A pesquisa Qualitativa em Educação. Ed. Atlas. São Paulo, 1987.

VERBOLE, A. A busca pelo imaginário rural. In: RIEDL, M. S; ALMEIDA, A. J.; LIMA, B. V. **Turismo rural: tendências e sustentabilidade**. Ed. EDUSC, 2002.

WACHOWICZ, R. C. **História do Paraná**. 7ª edição. Curitiba: Editora Gráfica Vicentina Ltda, 1995.

WANDERLEY, M. A. A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas – o “rural” como espaço singular e ator coletivo. **In: Estudos: Sociedade e Agricultura**. Rio de Janeiro, n. 15, p. 87-145, out. 2000. Disponível em: <http://www.uepg.br/emancipacao/pdfs/revista%205/Artigo%205.pdf>

ZIMMERMANN, A. Planejamento e organização do turismo rural no Brasil. **IN: ALMEIDA, J. A.; RIEDL, M.; FROEHLICH, J. M.. Turismo rural e desenvolvimento sustentável**. Santa Maria: Curso de Pós – Graduação em Extensão Rural/DEAER//UFSM, 2001.190p.pp.127.

APÊNDICE – A

MESTRADO EM TURISMO E HOTELARIA/ 2006
UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ – UNIVALI

QUESTIONÁRIO DIRIGIDO ÀS COMUNIDADES DOS FAXINAIS - BARRA BONITA - TABOÃOZINHO - LOCALIZADOS NO MUNICÍPIO DE PRUDENTÓPOLIS – PR

Data(s) da aplicação do(s) questionário(s):-

Denominação do Faxinal e/ou Comunidade: _____

1- Identificação:

Nome do (a) entrevistado (a): _____

1.1 - **Idade:** () 20 a 30 anos () 31 a 40 anos () 41 a 50 anos
 () 51 a 60 anos () acima de 60 anos

1.2 - **Profissão:** () Agricultor () Agro-pecuarista () Comerciante
 () Outro _____

1.3 - **Nível de escolaridade:** () Não Alfabetizado () Alfabetizado () Ensino Fundamental (1ª a 4ª série) () Ensino Fundamental (5ª a 8ª série) () Ensino Médio () Não respondeu

1.4 - **Nº de Adultos na Família:** () 1 a 2 () 3 a 4 () acima de 5

1.5 - **Nº de Jovens (12-18 anos) na Família:** () 1 a 2 () 3 a 4 () acima de 5
 () Não tem

1.6 - **Nº de Crianças na Família:** () 1 a 2 () 3 a 4 () acima de 5 () não tem

1.7 - **Total de Pessoas na Família:** () 1 a 2 () 3 a 4 () acima de 5

1.8 - **Origem Étnica da Família:** () italianos () ucranianos () poloneses

2 - Condição de posse (uso da propriedade/terra). É proprietário?

() Sim e possui documentação regularizada. () Não

() Sim e Não possui documentação regularizada.

3 - Principal fonte de renda que sustenta a família do faxinal:

() Agricultura () Agropecuária () Comércio () Outro

4 - Se tivessem uma sobra de recursos no ano/renda extra/apoio financeiro de fora, a família pensaria em gastar ou investir em:

() Construção da casa () Investimento na propriedade () Comprar terra

5 - O “Sistema Faxinal”, com o criadouro comunitário e/ou uso coletivo das terras, ainda é encontrado nesta propriedade? () Sim () Não

6 - Se permanece o criadouro, qual o comprimento total da cerca ou área total do criadouro ainda existente ao redor do mesmo?

() até 500 alqueires () mais de 500 alqueires () mais de 5.000 alqueires

7 - Qual a situação atual de conservação do criadouro?

() Há conservação () Não há () Há, mas não está bem

8 - O Faxinal está registrado em cartório? () Sim () Não

9 - Nº total de famílias no faxinal: () Até 50 () 50 a 100 () 100 a 200
() acima de 200 () não sabe

10 - Nº Total de Pessoas no Faxinal: () Até 500 () 500 a 1.000 () 1.000 a 1.500
() 1.500 a 2.000 () acima de 1.000 () não sabe

11 - Quantas famílias são proprietárias de terra no faxinal?

() Todas () 85 () Não Sabe () Outra _____

12 - Qual a origem étnica da maioria das famílias neste faxinal?

() italianos () ucranianos () poloneses () outra _____

13 - Área total aproximada do faxinal: _____

Área do criadouro comunitário: _____

Área com lavouras anuais: _____ Pastagens cercadas: _____

Matas/florestas: _____

Reflorestamentos: _____ ha; Culturas perenes solteiras (pomar, erva-mate, etc.): _____ ha;

Outras (inaproveitáveis, construções, rios, sangas, pedras, estradas, etc.): _____

14 - Principais culturas anuais plantadas no faxinal e sistemas de plantio (se tração animal mecânica ou roça de toco):

15 - Usam produtos químicos (agrotóxicos, adubos, etc.) nas lavouras e/ou animais?

() sim () não

16 - A Erva-Mate é retirada anualmente do Faxinal? () sim () não () 2 a 3 anos

17 - Quantidade de arrobas colhidas na última safra e quanto era nativa e/ou plantada:

() até 100 () de 200 a 400 () de 400 a 500 () não sabe

18 - Quais as criações existentes no faxinal?

19 - Quais são as que possuem maior quantidade de animais e qual é a quantidade aproximada:

20 - A atividade pecuária é toda feita no criadouro comunitário? Se não é, por quê? Quais os outros locais e como são criados os animais?

21 - Em relação à "preservação ou conservação ambiental" (matas ciliares, reserva legal, mananciais, etc), você acha que o faxinal possui uma dessas áreas?

22 - Ainda falando em "preservação ou conservação ambiental", se pensarmos na diversidade de plantas nativas ainda existentes no Faxinal, pode-se compará-lo mais a um(a): mata nativa; capoeirão; capoeira; tigüera; lavoura; pasto. Por quê?

23 - A sua propriedade tem área de reserva legal dentro do faxinal?

sim não não sabe

24 - Sabe se há excedente de mata nativa no faxinal, além dos 20% da Reserva Legal?

Sim Menos de 20% Acima de 50% Não Sabe

25 - Sabe se está averbado?

sim não não, mas deseja averbar não sabe

26 - Como vê a situação geral das famílias? Estão conseguindo tirar uma renda suficiente para viver no faxinal? Estão melhorando ou piorando sua vida a cada ano que passa?

27 - No que diz respeito à alimentação básica, acha que as famílias têm alimentação suficiente e de qualidade?

28 - Ainda acontecem mutirões (puxirões), festas ou outras atividades comunitárias com as famílias do faxinal? Quais? Em que periodicidade? Se não acontecem mais, por quê?

29 - Possui ou participa de Associação ou outra(s) organização (ões) comunitária(s)? Qual (is)? Quantas famílias participam?

30 - Qual é a religião que predomina entre as famílias? Estas religiões exercem influência sobre as atividades e hábitos da comunidade?

31 - Entidade(s) que presta(m) assessoria/assistência técnica para as famílias: Há quanto tempo? Como vocês avaliam?

32 - Essa(s) entidade(s) ou alguma outra já desenvolveu ou desenvolve algum trabalho, projeto ou experiência prática com o faxinal e/ou com as famílias residentes? O que foi ou está sendo feito (ações principais), quando (ou desde quando) e como?

33 - Que resultados já foram ou estão sendo alcançados com esse trabalho?

34 - Analisando historicamente, percebe-se que parte do total de faxinais vem se desagregando a cada ano que passa. Essa é a situação deste faxinal? Quais em sua opinião são as razões para isso estar acontecendo?

35 - “Principais problemas” atuais existentes no faxinal:

36 - Quais os problemas jurídicos ou dificuldades enfrentadas com o criadouro comunitário/terras de uso coletivo na hora em que morre alguém, ou quando se deseja passar a terra para o nome de algum filho ou vender um pedaço de terra para alguém:

37 - Você conhece alguma legislação referente aos faxinais? Em caso afirmativo considera que essa legislação é suficiente hoje para garantir a permanência dos faxinais? Ela está sendo cumprida?

38 - Sabe se este faxinal é cadastrado no programa do ICMS-ecológico e recebe recursos? Em caso positivo, sabe onde e como estão sendo aplicados os recursos? Se não recebe, sabe por que não está recebendo?

39 - As famílias participam ou já participaram de discussões com a Prefeitura sobre diretrizes e planos de ações/metastas relativos ao faxinal? Quando e como?

40 - Outras sugestões/críticas/comentários/propostas que desejar fazer sobre os faxinais:

41 - Conhece alguma propriedade que trabalhe com o Turismo Rural no município?

42 - Sua(s) propriedade rural possui atrativos e/ou interesse em desenvolver atividades voltadas para o Turismo Rural?

APÊNDICE – B

MESTRADO EM TURISMO E HOTELARIA/ 2006
UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ – UNIVALI

QUESTIONÁRIO DIRIGIDO AOS ÓRGÃOS PÚBLICOS DO MUNICÍPIO DE
PRUDENTÓPOLIS – PR

1- Identificação:

Nome: _____

Endereço: _____

Município: _____ UF: _____

Profissão: _____ Nível de escolaridade: _____

Departamento: _____

2- Você conhece o “Sistema Faxinal”? Se sim, desde quando? Se não, já ouviu falar?
Tem idéia do que seja?

3- Sabe quantos faxinais existem no seu município, entre os que têm e os que não têm mais o criadouro comunitário? Qual a localização deles (comunidade, etc)?

4- Sua organização (setor) já desenvolveu ou desenvolve algum trabalho, projeto, assessoria ou experiência prática com algum faxinal e/ou com as famílias residentes? Qual, onde e quando (ou desde quando)? Envolvendo que ações principais?

5- Em relação a esse trabalho, qual público foi ou está sendo envolvido e em que quantidade (nº de famílias, etc)? Que metodologias foram ou são utilizadas?

6- Que resultados já foram ou estão sendo alcançados com esse trabalho?

7- Analisando historicamente, parte do total de faxinais vem se desagregando a cada ano que passa. Para você, quais as razões para isso estar acontecendo?

8- Como você analisa a situação atual dos faxinais em relação aos "aspectos econômicos"? Tem algum comentário a fazer sobre isso (considerar limites/potencialidades, vantagens e/ou desvantagens)?

9- Como você analisa a situação atual dos faxinais em relação aos "aspectos ambientais"? Tem algum comentário a fazer sobre isso (considerar limites/potencialidades, vantagens e/ou desvantagens)?

10- Como você analisa a situação atual dos faxinais em relação aos "aspectos socioculturais"? Como você vê a situação geral da comunidade residente? Tem algum comentário a fazer sobre isto (considerar limites/potencialidades, vantagens e/ou desvantagens)?

11- Você considera o faxinal como um sistema ou área importante para a preservação ambiental? E quanto à preservação cultural e à manutenção das relações sociais?

12- Qual sua visão atual sobre o "Sistema Faxinal"? Deve ou não continuar existindo? Deve continuar da forma como está ou mudar em algo? O que é necessário, prioritariamente, na sua visão ou da sua organização, para se garantir a permanência e sustentabilidade do sistema faxinal?

13- Você conhece a legislação existente, onde se enquadram os faxinais? Tem conhecimento do Decreto Estadual 3.446/97? E sobre o ICMS ecológico? Essa legislação é suficiente hoje para garantir a permanência desse sistema? Considera que a legislação está sendo cumprida por sua organização e pelas demais partes envolvidas? Tem sugestões?

14- Algum faxinal de seu município recebe recursos do ICMS ecológico? Se recebe, sabe onde e como estão sendo aplicados os recursos recebidos? A comunidade vista como beneficiária está sendo envolvida nessa questão? Ou sabe por que não está recebendo?

15- Considera que o planejamento do turismo rural nessas propriedades poderia contribuir para a não desagregação dos faxinais?

16- Outras sugestões/críticas/comentários/propostas que desejar fazer sobre os faxinais:

APÊNDICE – C

MESTRADO EM TURISMO E HOTELARIA/ 2006
UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ – UNIVALI

QUESTIONÁRIO DIRIGIDO À ONG - ING - DE FAXINAIS

1) Identificação:

Nome: _____

Endereço: _____

Município: _____ UF: _____

Graduação(ções):

Pós-graduação(ções):

Profissão/ocupação atual: _____

2) Quanto ao seu estudo/pesquisa sobre os faxinais, relate-o, resumidamente:

3) Quanto aos aspectos econômicos e ambientais:

4) Sobre o criadouro, o que tem a dizer?

5) Sobre a permanência/manutenção de alguns faxinais até hoje, como você vê? Qual a razão?

6) Quanto aos aspectos socioculturais:

7) Quanto à importância do faxinal para a preservação ambiental, preservação cultural?

8) Quanto à legislação existente, que você conhece, é suficiente hoje para garantir a permanência desse sistema? Considera que a legislação está sendo cumprida?

9) Considera que o planejamento do turismo rural nessas propriedades poderia contribuir para a não desagregação dos faxinais?

10) Outras sugestões/críticas/comentários que desejar:

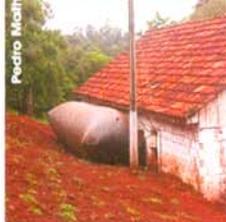
ANEXO – A

Biodigestores: Saneamento, Energia e Adubo Orgânico

A instalação de biodigestores fornece o biogás — composto de metano (60 a 80%), gás carbônico e água, e adubo orgânico, que pode ser utilizado na fertilização de culturas bem como ser comercializado, gerando renda para a comunidade. Outras vantagens são o saneamento básico e o aproveitamento de muitos insumos, hoje desperdiçados.

A primeira beneficiada será a mulher, que usará o gás para cozinhar, ao invés de consumir madeira para fazer fogo. Facilita sua vida e contribui para a conservação da Floresta com Araucária, da qual hoje resta apenas 1% da área original. E com a geração de energia elétrica, o biogás possibilita a instalação de maquinários e aparelhos eletroeletrônicos.

Exemplos de biodigestores em funcionamento no município de Toledo-PR



Biodigestors: Sanitation, Energy and Biofertilizer

The installation of biodigestors provides the biogas — a compound of metano (60 to 80%), carbon gas and water, and organic fertilizer, that can be used in fertilizing cultures in the community itself as well as being sold what gives income to their people.

Another advantages are basic sanitation and the utilization of many material that have been wasted until now.

First benefits go to woman. They will use the gas for cooking instead of wasting wood to make fire. This makes their lives easier and contributes to conserve the Araucaria Forest. It remains only 1% of their original area. Besides, biogas turns into reality the installation of machines and electric or electronic equipments by providing electric energy.

Parcerias Partners

O projeto será desenvolvido pelo ING com a comunidade, que receberá suporte técnico em todo processo de implementação dos biodigestores com os seguintes parceiros:

The project will be developed by ING and the community, that will receive technical support in all the process of biodigestors implementation with these partners:

- IAP - Instituto Ambiental do Paraná;
- SEMA - Secretaria de Meio Ambiente do Paraná;
- Promotora de Meio Ambiente do Paraná;
- IAPAR - Instituto Agrônômico do Paraná;
- Rede Faxinal e Rede Faxinal Pesquisa;
- TNC - The Nature Conservancy (projeto Conservação e Uso Sustentável da Floresta Ombrofla Mista - Floresta com Araucária);
- Biomaq; SPVS - Sociedade de Pesquisa em Vida Selvagem e Educação Ambiental.

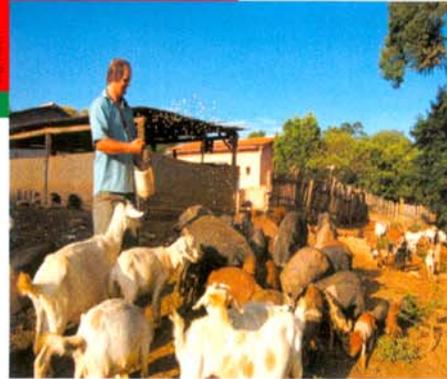


Jo Cornelissen

A preservação sustentável da Floresta com Araucária é um enorme desafio

The sustainable preservation of the Araucaria Forest is an enormous challenge

The Guardians of Nature Institute



PROJETO: Introdução de biodigestores em comunidades rurais do Sul do Brasil

Saneamento e transformação de recursos vegetais e animais em gás, energia elétrica e adubo orgânico

Atuando desde 1998 no propósito de construir comunidades com a natureza, o Instituto Os Guardiões da Natureza (ING) pretende pôr em prática o projeto "Introdução de unidades de biodigestores em comunidades pobres no Sul do Brasil".

A comunidade escolhida é a de Taboãozinho, uma área de 508,2 hectares, situada no interior do município de Prudentópolis-PR, Sul do Brasil. Trata-se de um grupo de 100 famílias, a maioria sem acesso à energia elétrica. Eles convivem dentro do sistema faxinal e tiram seu sustento da criação de animais em área comum, do plantio de feijão, milho e culturas de subsistência e do extrativismo vegetal (erva-mate, pinhão, madeira, etc). O sistema faxinal permite a conservação das últimas áreas remanescentes de Floresta com Araucária - o Pinheiro do Paraná.

Apesar de ser uma tecnologia já utilizada em certos países, para a comunidade de Taboãozinho será inteiramente nova, revolucionando positivamente suas vidas. Isso poderá ser estendido para muitas outras comunidades.

PROJECT: The introduction of biodigestors units in poor communities in South of Brazil

Sanitation and transformation of animal and vegetable resources into gas, electric energy and organic fertilizer

The Guardians of Nature Institute has been performing since 1998 in order to build communities with nature. Presently ING intends to put in practice a project named: Introduction of biodigestors units in poor communities in South of Brazil.

The chosen community is Taboãozinho (508,2 hectares), located in Prudentópolis borough, South of Brazil. It's formed by a group of a thousand families, most of them without electric energy access. They live in the "Faxinal" system. Their livelihood is to raise animals in a common area, planting beans, corn and other cultures. Besides, they practice vegetal extractivism of erva-mate's leaves, pinhão (Paraná's pine tree fruit) and wood. The "Faxinal" system allows the conservation of the last Araucaria Forest areas (araucaria is famous as the Paraná's pine tree). In spite of being an already used technology in some countries, for Taboãozinho community it will be entirely new, positively transforming their lives.

This can be extended to many other communities.

The Guardians of Nature Institute



PLANEJAMENTO

ETAPAS	PARCERIAS
<ul style="list-style-type: none"> - Estudo de mercado local, regional e nacional e de mercado potencial do produto turístico "faxinal" e seleção dos moradores interessados em participar do projeto; - Diagnóstico ambiental e georeferenciamento do faxinal e das propriedades selecionadas; - Curso de capacitação de agente biodinâmico de desenvolvimento (com ênfase em turismo rural e ecoturismo) – agricultura biodinâmica, técnicas de recepção, primeiros socorros, hospitalidade, geléias e compotas, manipulação de alimentos; - Desenvolvimento de planos de negócios sustentáveis nas famílias - Criação de identidade visual e logo marca para o ecoturismo e turismo rural nos faxinais e seus produtos ecológicos; - Assessoria constante, para divulgação e comercialização dos roteiros turísticos e dos produtos ecológicos dos faxinais; - Desenvolvimento de um programa de comunicação e divulgação de resultados. 	<p>ING – Instituto Guardiões da Natureza;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Conselho do Faxinal do Taboãozinho; - Colégio Estadual Barão de Capanema - Curso Técnico de Turismo; - UNICENTRO; - UEPG; - SPISSIA; - Comunidades; - Rede Faxinal.

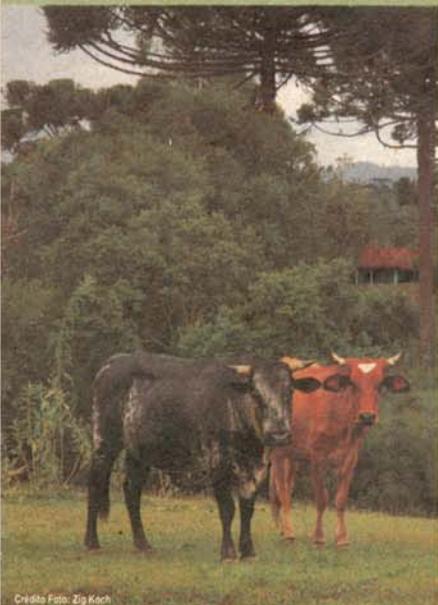
O QUE É O ING

O ING – Instituto Os Guardiões da Natureza é uma organização não governamental. Foi criado em 1998, por pessoas de Prudentópolis preocupadas com as mortes por suicídio entre os agricultores e com a necessidade de aumentar a renda dos agricultores mas com saúde, respeito ao meio ambiente e qualidade de vida. O ING – Instituto Os Guardiões da Natureza já teve projetos aprovados pelo MDA, SEMA, HSBC, Fundação Avina, ABD, entre outros. Já apresentou projetos em Washington no Banco Mundial. Tem um projeto de biodiesel e créditos de carbono na Europa em parceria com a Spissia.



Instituto Os Guardiões da Natureza (ING)
 Travessa Monteiro Lobato 234 - 84.400.000 - Prudentópolis - PR - Brasil - Email - vanialing@uol.com.br
 Phone +55 (42)-3446-4557 - Fax +55- (42)-3446-2171
 Home page - www.ing.org.br

PROJETO 279-MA ECOTURISMO COMO FERRAMENTA DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL FAXINAIS TABOÃOZINHO E BARRA BONITA PRUDENTÓPOLIS - PARANÁ










RESUMO

O Governo Federal Brasileiro mantém em parcerias com a GTZ, KFW, e o Governo Alemão no âmbito do Ministério de Meio Ambiente o PDA – Projetos Demonstrativos. Em 2007 o MMA selecionou Projetos para o Componente PDA Mata Atlântica e escolheu em todo o território brasileiro 09 projetos. Único em Ecoturismo entre os escolhidos pelo Ministério do Meio Ambiente está o projeto "Ecoturismo como Ferramenta para o Desenvolvimento Sustentável dos Faxinais do Taboãozinho e Barra Bonita de Prudentópolis – Paraná", apresentado pelo ING – INSTITUTO OS GUARDIÕES DA NATUREZA. Este projeto poderá servir de modelo para o restante do Paraná.

O projeto pretende trabalhar inicialmente com 10 famílias em Taboãozinho e Barra Bonita auxiliando os moradores dos faxinais no desenvolvimento de ecoturismo. Além de um curso de Agente Biodinâmico de Desenvolvimento com ênfase em turismo rural e ecoturismo (para os moradores dos faxinais e dos demais faxinais do território), o projeto prevê assistência para a organização associativa e comercialização e disponibilizará aos participantes a assistência de um técnico agrícola e de uma turismóloga.

Outro fator importante do projeto é o desenvolvimento de uma "marca" para



Foto Faxinal de Taboãozinho

os produtos ecológicos dos faxinais, assim como a organização de roteiros e pacotes turísticos que serão comercializados após o terceiro ano.

Sempre tendo em vista a relação da comunidade com o meio ambiente, o projeto trabalhará, em suas várias etapas, com a elaboração de um diagnóstico ambiental, georeferenciamento do faxinal e das propriedades selecionadas, paralelamente à criação de planos de negócios sustentáveis para as famílias.

Auxiliando os moradores a gerarem renda, ao mesmo tempo em que promove a preservação dos faxinais, o projeto demonstra que é possível, com técnica e conhecimento, oferecer alternativas sustentáveis para estas comunidades que não teriam outra forma de continuarem vivendo nestas regiões.

OBJETIVOS

- 10 famílias nos faxinais de Taboãozinho e Barra Bonita recebendo turistas e melhorando sua renda.
- Curso agente biodinâmico de desenvolvimento com ênfase em turismo rural e ecoturismo (para os moradores dos faxinais e dos demais faxinais do território)
- Assistência técnica aos participantes do projeto (organização associativa e comercialização, técnico agrícola e turismóloga)
- Marca para os produtos ecológicos dos faxinais.
- Roteiros turísticos organizados e pacotes turísticos sendo vendidos no terceiro ano do projeto.



Foto Faxinal de Taboãozinho

O Faxinal é um sistema que traz contribuições sociais e ambientais valiosas. Entende-se por Faxinal o sistema que se divide em terras de plantar e terras de criar. Constitui-se pelo criadouro comunitário, a exploração dos recursos naturais de baixo impacto nas áreas dos faxinais – erva mate, pinhão, etc, pelas decisões e trabalhos realizados pelo conjunto da comunidade.

Exemplo ilustrativo de área de Faxinal

LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA



Prudentópolis

Localização: Região Sul do Brasil
 Estado do Paraná
 Distância até a capital: 203 quilômetros
 Área 2.307,897 km²
 População 45.852

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)